

REVISTA DA SEMANA

34

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

SERVICOS AEREOS CRUZEIRO DO SUL



SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS

S
tê
ex
cla
pr
Qu
lon
ao
ass
da
lôd
pap
me
esti
nã
nã
nã
dad
fest
com
nas
nos
cons
quer
—
mori
—
pag
E
Acor
estim
adve
xand
envo
as n
nã
matu
porqu
ateng
a fre
clima
espi
faixa
o pec
no p
faixa
rada
árvore
ateng
nosso
nã
mosre
peito,
radas,
e a m
ao eix
Mas
faixas
las, a
també
adepto
— "
Mal
Que es
sob o
mento.
— C
Decid
muito e
tassem
locutore
— C
precipite
faixa...
E o co
— A
cinho?
Cele

SOMOS, positivamente, a terra do tudo ou nada. Não há meio-termo que se harmonize com o feitiço extremado da nossa gente, hoje reclamando porque há de mais, amanhã protestando por que há de menos. Quebrando a monotonia daqueles sete longos anos, quando não se concedia ao povo o direito de discutir o seu assunto favorito, aqui estamos, hoje, dando largas ao tema obrigatório de todas as rodas e rodinhas. O bate-papo de cada esquina é sempre o mesmo. A Política aí está, em grande estilo, no cariz dos que querem ou não querem, dos que discordam ou não discordam, dos que almejam ou não almejam, seja o que for. E a cidade está adquirindo um semblante festivo de província em dia de arraial, com faixas esticadas de lado a lado, nas esquinas de maior movimento ou nos bairros mais afastados. Jamais se consumiu tanto pano para mangas, quer dizer, para faixas:

— Moço, me vende uma peça de morim enfiado, por favor?

— De que preço, rapazinho?

— O preço não interessa. Quem paga é o Partido.

E na manhã seguinte, novas faixas. Aconselhando, alvitando, convidando, estimulando, pedindo em favor deste, advertindo contra aquele, mas enfiando a cidade. Somos, hoje, um povo envolto em faixas que mal escondem as nossas misérias. O que o prefeito não viu, segundo a reclamação de um matutino, pode não estar sendo visto porque as faixas estão desviando a atenção. Hoje não se olha mais para a frente, nem para baixo, mas para cima. Anda o Rio de nariz pendurado, espiondo o que lhe aconselham as faixas. A tal ponto, que é muito fácil o pedestre incauto bater com a testa no poste, embasbacado com a nova faixa que durante a noite foi amarrada entre aqueles dois troncos de árvores. Ou o motorista desviar a atenção do volante para o convite do nosso amigo Brigadeiro ou do nosso não menos amigo Dutra, porque todos mostram-se isso mesmo, amigos do peito, amigos velhos, tipos dos camaradas, dispostos a endireitar o barco e a meter tudo nos eixos, sem alusão ao eixo que já sumiu da circulação.

Mas a tal ponto vai o delírio das faixas que, segundo parece, uma delas, a mais repetida na Avenida, é também uma advertência contra os adeptos da esquerda:

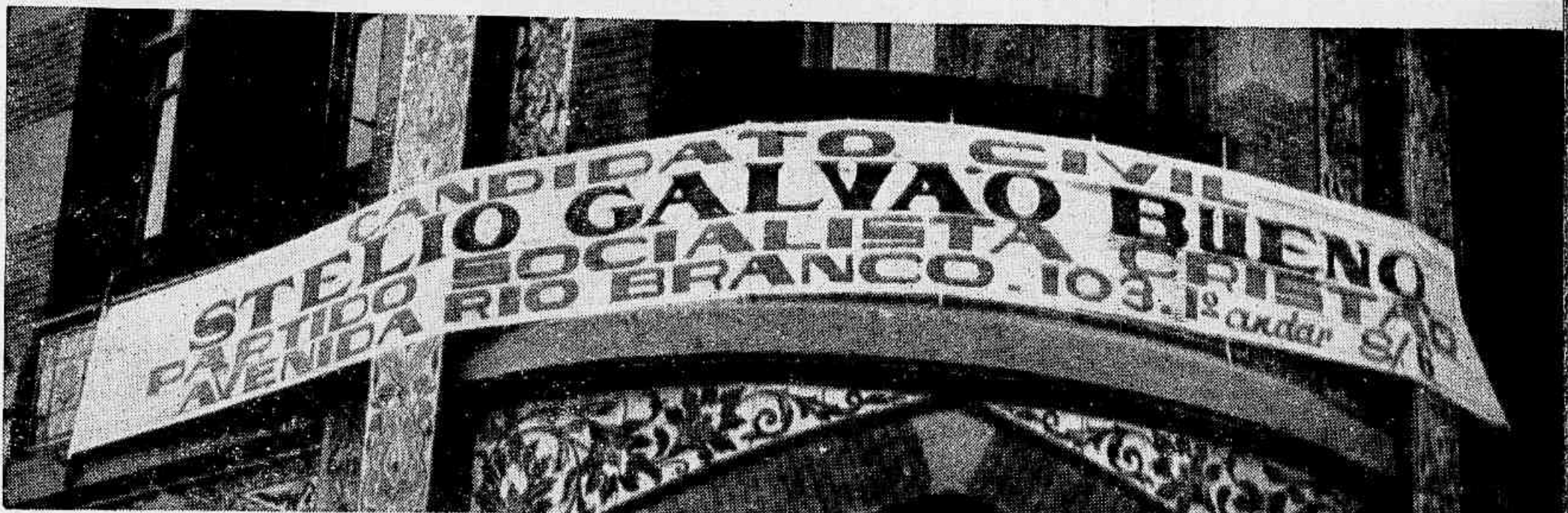
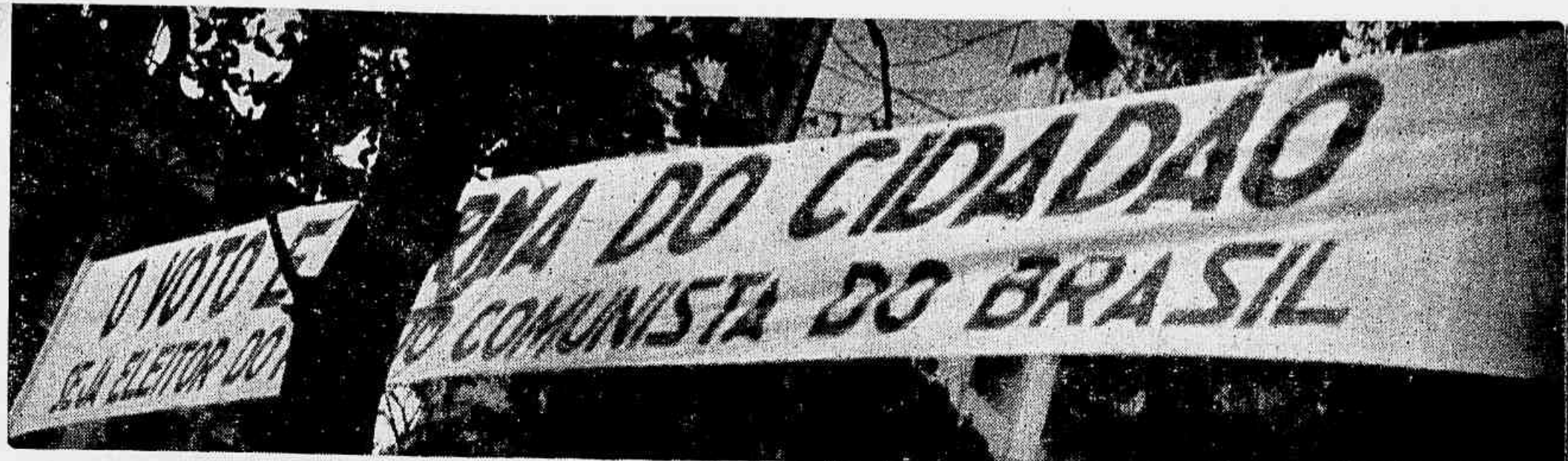
— "Conserve sempre a sua direita!"

Mal comparando, bem entendido. Que essa coisa de direita, nem mesmo sob o pretexto do perigo de atropelamento...

★

Decididamente, o Rio está ficando muito engraçado. E como se não bastassem as faixas, surgem ainda os locutores das esquinas:

— Cuidado, cavalheiro... Não se



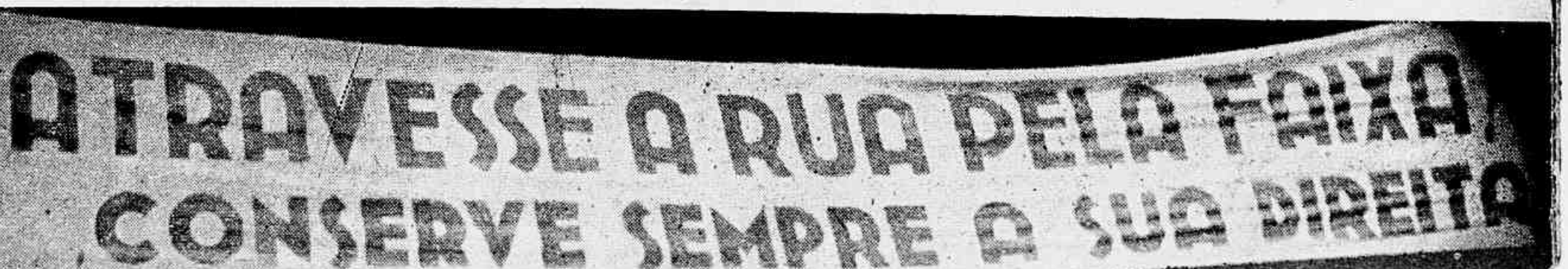
Olha a faixa!

precipite... Atravesse a rua pela faixa...

E o carioca:

— A faixa... Mas qual delas, moço?

Celestino Silveira





João Luso em seu gabinete de trabalho, à noite. Apesar de sua idade, ele escreve ainda hoje com a mesma fluência e o mesmo estilo que sempre o caracterizaram. Aqui está, com viseira protetora, redigindo o trabalho que vai nestas páginas, à luz do "abat-jour". A caneta que ele empunha, já o acompanha em seus trabalhos há mais de vinte anos.

APOLÔNIA PINTO NA PALAVRA DE JOÃO LUSO

O escritor e crítico teatral João Luso, envelhecido na profissão de jornalista, foi contemporâneo de Apolônia Pinto e teve ensejo de comentar muitos de seus sucessos. Quando o visitamos, em sua residência, fomos encontrá-lo folheando um velho album de recortes, onde se guardam milhares de palavras por ele escritas a respeito da grande atriz e de seus trabalhos.



João Luso, um dos mais velhos colaboradores da REVISTA DA SEMANA, que desde 1920 nos tem emprestado o brilho de seu talento de jornalista e de sua vasta cultura, comemora ainda este ano meio centenário de vida profissional, o que tem dado ensejo a que seja alvo das mais inequívocas homenagens por parte dos homens de imprensa e de todos aqueles que gozam de sua amizade.

O nosso semanário não poderia deixar de assinalar tal fato, registrando-o com carinho.

Era nossa intenção darmos aqui uma grande entrevista com João Luso, falar de seus cinquenta anos de vida jornalística, de lustros de trabalhos brilhantes e fecundos como folhetinista, crítico de arte, comentarista de teatro e crítico literário. Acontece entretanto que o nosso velho colaborador é um homem que reúne às suas raras qualidades de inteligência e caráter uma rara e verdadeira modéstia.

Visitámo-lo em sua residência do Flamengo, conversámos longamente com ele, vimos como ele trabalha e estuda. E foi então que João Luso nos pediu que, em vez de falarmos dele e de sua vida, publicássemos, no lugar que estava reservado para a sua entrevista, algo sobre Apolônia Pinto, atriz teatral sua contemporânea, que a REVISTA DA SEMANA homenageia agora, emprestando-lhe o título de patrona do grande concurso de peças teatrais que viemos de instituir.

Assim não serão prejudicados os nossos leitores. Se não falamos aqui de João Luso teremos, em compensação, alguns trechos de sua prosa notável.

JOÃO LUSO ESCREVE SOBRE APOLÔNIA PINTO

Figuras como a de Apolônia Pinto merecem realmente ser lembradas. No seu desaparecimento completo haveria uma injustiça, uma perversidade do destino. E, a seu respeito, esquecimento seria mais que ingratidão.

Apolônia foi, como artista, o próprio teatro. Nasceu dentro dele, num camarim, durante o espetáculo. As palmas que festejaram o final do ato ao mesmo tempo celebraram o seu advento à vida. E aquela criatura tinha que viver exclusivamente em cena. Não julgue arbitrária nem exagerada tal expressão. Fora do palco, a grande comediante teve existência tão obscura como se não existisse pelo nosso mundo, à vista de toda a gente.

Como dizia aquele romancista acerca das nações verdadeiramente felizes, esta mulher não teve história. Nada constou ou, melhor ainda, nada se quis saber da maneira como passava as horas dentro de casa, pela cidade ou em viagem; dos seus hábitos, gostos, predileções ou afetos particulares; das suas ambições ou aspirações, a não ser o ideal de bem representar e bem se fazer compreender pelo público. Toda ela pertencia ao teatro. O marido mesmo, o excelente Germano Alves — tão dedicado aos êxitos da esposa que acabava esquecendo-se de ser, ele próprio, ator — falava de Apolônia, referindo-se aos seus

O escr
de vin

péis
vívio
dore
pesso
apar
muito
Apol
nem
alhei
conta
suas
— e
de q
vida
prete
sódio
corpo
turez
rece
inter
mo, f
fora
a ver
cia d
absol
do re
mento
engen
uma
N
tiva
pont
desse
seus
dível
mos
atento
trabal
à par
maior
os rep

s colabora-
que desde
de seu ta-
cultura, co-
tenário de
o ensejo a
as homena-
rensa e de
nizade.
a deixar de
m carinho,
aqui uma
o, falar de
lística, dez
e fecundos
mentarista
tece entre-
ador é um
alidades de
verdadeira

USO

do Flamen
ele, vimo
i então que
de falarmos
s, no lugar
entrevista
teatral sua
DA SEMA
do-lhe o tí
so de peça

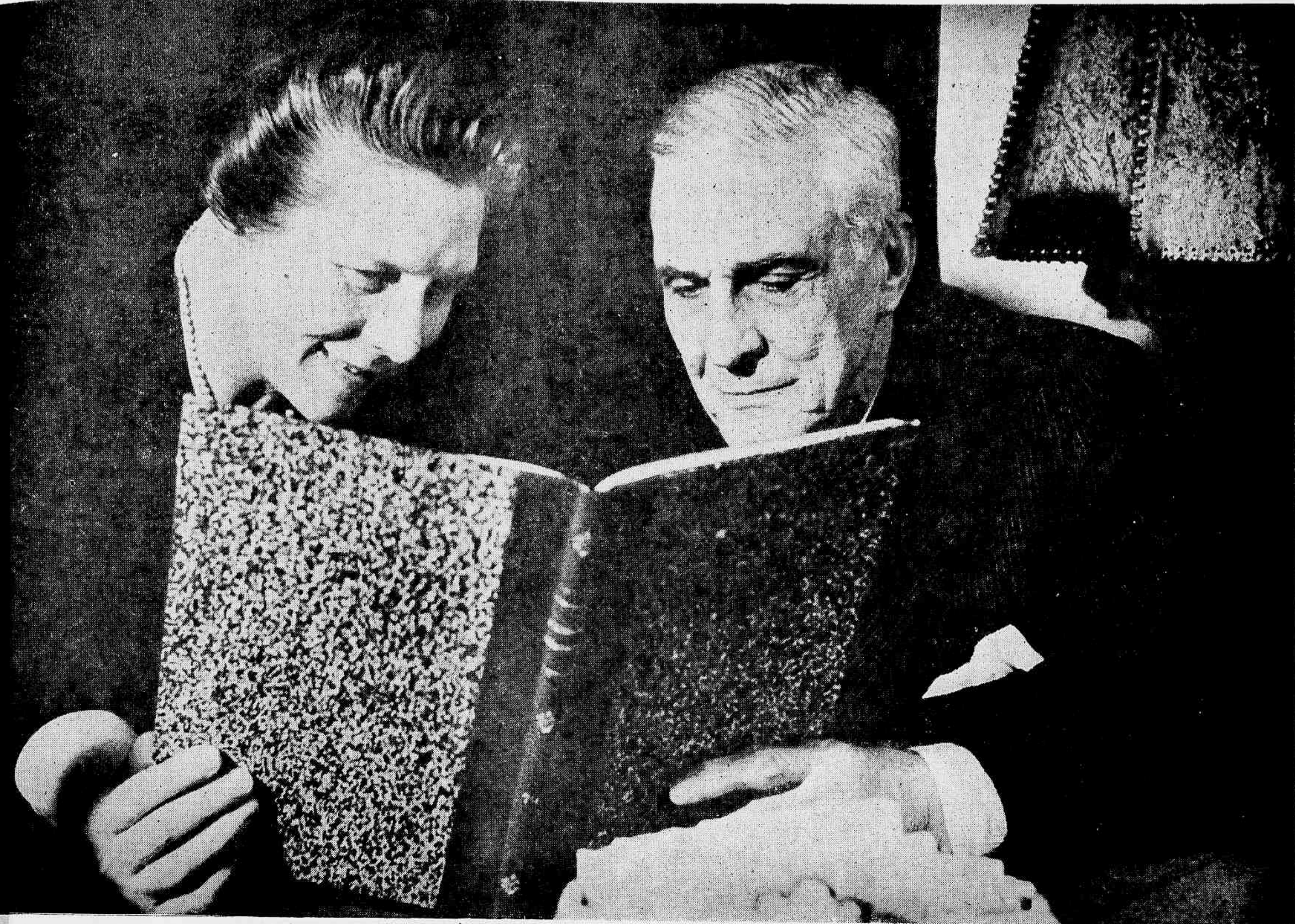
os os nosso
João Luso
s trechos d

ÓBRE

a Pinto me
as. No se
a uma injus
o. E, a se
s que ingra

próprio tea
amarim, du
e festejaram
celebraram
iatura tinte
ena. Não s
tal expre
mediante l
se não a
a de toda

a acerca de
esta mulhe
ou, melho
aneira com
pela cidad
gostos, pre
as suas an
deal de be
reender pe
atro. O m
no Alves
a que acab
o, ator —
aos seus p



O escritor João Luso e sua esposa, folheando uma coleção de números antigos da REVISTA DA SEMANA, onde aparecem vários trabalhos deste nosso velho colaborador. Há mais de vinte anos João Luso empresta seu concurso ao nosso semanário, trabalhando sempre ativamente em prol do seu desenvolvimento. A aceitação de nossa revista por parte do público leitor de todo o Brasil se deve em grande parte à sua brilhante pena. Agora, João Luso recorda os velhos tempos. Recordar é viver...



O sr. Armando Erse, tal é o verdadeiro nome de João Luso, fotografado ao lado de sua senhora, na sala de visitas de sua residência, em póse especial para a REVISTA DA SEMANA.



João Luso.

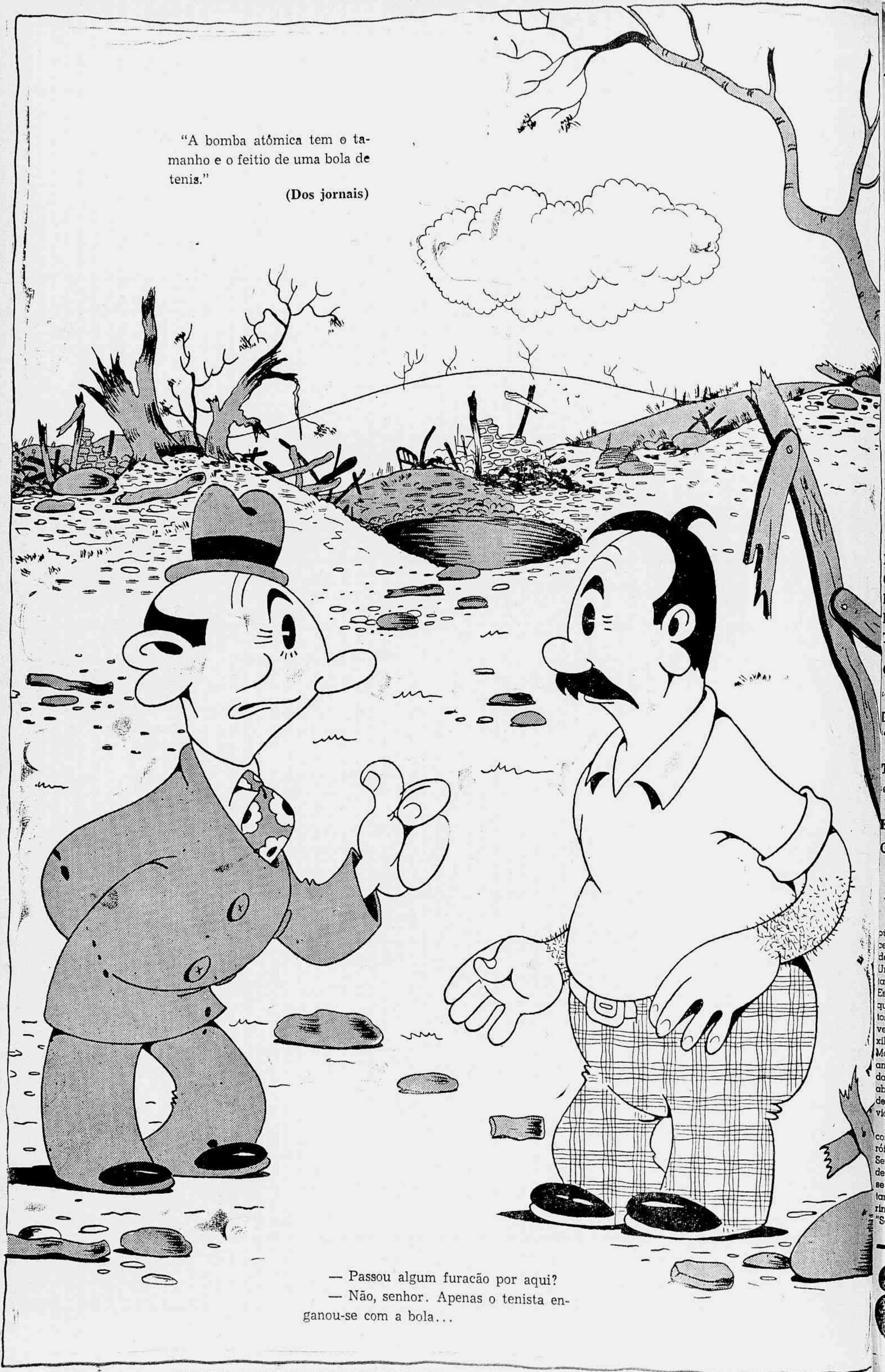
péis e aos seus triunfos. No entanto, no convívio com os colegas ou com os frequentadores de caixas de teatro, nenhuma condição pessoal, nem feição evidente nem longe de aparência, denotava nela a natural reserva, muito menos o propósito de retraimento. Não, Apolônia não se negava por tendência moral nem deliberadamente à possível curiosidade alheia. E' que, simplesmente, nada tinha a contar aos outros — se não a história das suas personagens. São incontáveis os homens — e as mulheres também — que, a propósito de qualquer coisa, nos declaram ser a sua vida um romance; e assim se exprimindo, bem pretendeu indicar uma série imensa de episódios sensacionais. Para esta comediante de corpo e alma, nenhum acontecimento de natureza individual, em toda a sua carreira, ofereceria migalha, reflexo ou sequer sombra de interesse. Nunca, no rigoroso sentido do termo, falava da sua pessoa. Como se realmente, fora das peças, se ignorasse a si própria... E a verdade é que a tão decantada maledicência dos bastidores, essa mesma a poupava em absoluto e não decerto apenas pela questão do respeito mas também pelo desconhecimento de parcela de verdade sobre a qual engendrar uma anedota, um trocadilho ou uma calúnia.

Não seria apenas a acuidade interpretativa de Apolônia Pinto, servida por tão espontâneo engenho de exteriorização, que lhe desse, entre os seus companheiros, entre os seus contemporâneos, aquele lugar inconfundível, dela e de mais ninguém... Não falemos apenas de qualidades e processos de arte; atentemos também no caráter singular do seu trabalho e na sua situação verdadeiramente à parte. Doutras se poderá dizer que foram maiores; esta, porém, foi única. Percorreu os repertórios, sozinha. E' que, além da in-

tuição compreensiva e da probidade laboriosa, a animava o sentimento da paixão, pelo teatro, da devoção do teatro e, tanto quanto possível, da renúncia a tudo o mais. Não perdia tempo útil, inteligência eficiente, sensibilidade comunicativa com mais coisa nenhuma deste mundo. Aos seus próprios olhos, Apolônia Pinto deixara de ser Apolônia Pinto, para se ir convertendo nas figuras das **Flôres de sombra**, das **Manhãs de sol**, da **Casa de Tio Pedro**, da **Mimosa**, em tantas outras heroínas que nela se encarnavam, assumindo toda a eloquência da vida real. Heroínas de doçura, enternecimento, comisseração, fraternal generosidade, solidariedade de esposa, enlêvo, desvelo, orgulho e sacrifício de mãe... Para abranger as variantes do tipo de bondade singela e essencial, meiguice de que para sempre havia de deixar memória, até diríamos que Apolônia havia renegado ou olvidado os louros primitivos da **Doida de Montmayour** e da **Morgadinha de Val Flôr**. A nossa geração, hoje envelhecida, já a não conheceu devidamente sob essas galas triunfais; o que pudemos admirar com sinceridade e convicção foi o cunho derradeiro do seu gênio, a marca definitiva que, sem sofrer no relêvo nem no brilho, esteve diante dos espectadores alguns decênios. Com efeito é essa a imagem que deve ficar, cuja lembrança todos nós, conforme a posição e os recursos de cada um, temos obrigação de alimentar. Para isso, todos os empreendimentos, todos os esforços se tornarão justos e louváveis: o nome de Apolônia dado às praças e ruas urbanas, os livros inspirados no seu exemplo, os teatros consagrados à sua fama... E, entre as mais belas e eficazes dessas realizações figurará, sem dúvida, o concurso de peças levado a efeito nas páginas da REVISTA DA SEMANA.

"A bomba atômica tem o tamanho e o feitio de uma bola de tennis."

(Dos jornais)



— Passou algum furacão por aqui?
— Não, senhor. Apenas o tenista enganou-se com a bola...

LITERATURA

Olhe a face
Onde está
Dez anos
O Alma-G
Gente de
Livros No

REPORTAGEM

Apolônia
A candida
A secular
Figuras e
São Paulo

SECÇÕES

Música e C
A REVISTA

FEMININA

Nos Bastid
Ontem e H
Penteados
Modelos A
Três model

CARICATURAS

"Charge" de
De Bom Hu
"Charge" de

TEATRO

"Sem Rumor

EXTRA

Os concursos

A grande "públicos, a intenção da tela que de seus admiradores Universal, figura que merece, Esta é a mais recente que por sinal vem de visitar o velmente antes xiliarem seus co Mas, quase simultaneamente anunciou que De dando a visita abril vindouros, de impedimento viagem.

Várias e pa contram nesta ec rói de Copacaba Senhora da Glória de João Luso, o se espalham pel também publica rinos para nossa "Sem Rumor", rec

NESTE NUMERO

ANO XLVI ... N.º 34 ... 25-6-945

LITERATURA

Olhe a faixa... (Celestino Silveira)	3
Onde está Rex? (Edgar Wallace)	19
Dez anos depois (André Maurois)	23
O Alma-Grande (Miguel Torga)	32/33
Gente de Arte (Escragnolle Doria)	35
Livros Novos (J. L.)	36/37

REPORTAGENS

Apolônia Pinto na palavra de João Luso	4/5
A candidatura do herói de Copacabana	8/12
A secular festa da Glória	13/18
Figuras e Fatos	22
São Paulo monumental	29/31

SECÇÕES

Música e Cinema	20/21
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	56/57

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Jesy Barbosa)	27
Ontem e Hoje	28
Penteados	34
Modelos Avulsos	40 e 55
Três modelos	44/45

CARICATURAS

"Charge" de Luiz Sá	6
De Bom Humor	53
"Charge" de Raul	58

TEATRO

"Sem Rumor"	24/26
-------------	-------

EXTRA

Os concursos literários da REVISTA	12
------------------------------------	----

NOSSA CAPA

A grande "estrela" favorita de todos os públicos, a intérprete ideal de tantos romances da tela que se imortalizam no coração de seus admiradores, Deanna Durbin, da Universal, figura hoje novamente com o destaque merecido, na sobrecapa deste número. Esta é a mais recente pose da atriz-cantora, que por sinal vem de anunciar seus propósitos de visitar o Rio ainda este ano, provavelmente antes do Natal, se a tanto a auxiliarem seus compromissos de Hollywood. Mas, quase simultaneamente, o telégrafo anunciou que Deanna Durbin estaria aguardando a visita da cegonha para março ou abril vindouros, o que talvez venha a servir de impedimento para a realização dessa viagem.

Várias e palpitantes reportagens se encontram nesta edição: A candidatura do herói de Copacabana, a secular festa de Nossa Senhora da Glória, Apolônia Pinto na palavra de João Luso, o derrame de faixas que hoje se espalham pela cidade, são motivo de diversas reportagens da REVISTA, que também publica as seções habituais de cinema, música, modas com muitos figurinos para nossas leitoras, e ainda, em destaque, uma série de fotografias da peça "Sem Rumor", recém-apresentada pela atriz patricia Dulcina.



Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

HÁ QUINZE ANOS

Um mergulho no passado, para fugir ao dilúvio das faixas que se estendem em cada esquina da nossa pobre Cidade Maravilhosa, vale por um eficaz sedativo nestes momentos de tanta coisa pitoresca e tanta coisa trágica em perspectiva. Quem quiser tirar o ventre de misérias e recordar episódios interessantes do Brasil e do mundo, faça como nós fizemos hoje: venha folhear a coleção da REVISTA DA SEMANA do ano de 1930. Oh, ano de acontecimentos inesquecíveis! Talvez que um dos mais marcantes tenha sido o grande concurso de beleza promovido por "A Noite" e ao qual esteve tão perto ligada esta revista. As Misses estavam em grande moda, e o desfile das beldades internacionais, pela avenida Rio Branco, foi de arrazar. Miss França, miss Itália, miss Portugal, miss Estados Unidos... Uma coisa louca. Mas havia outros memoráveis acontecimentos em 1930: promovia-se uma fantástica excursão turística a Vichy, "o centro das elegâncias internacionais", de acordo com os anúncios. E a publicidade insistia: "Vichy, rainha das estações termas, pelas virtudes maravilhosas das suas águas..." Que o digam, hoje, Pétain e Laval. Em Antuérpia, inaugurava-se o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional. E na legação da Áustria, aqui no Rio, dava-se recepção ao Corpo Diplomático, com a presença da primeira dama do país, a senhora Washington Luiz Pereira de Souza. O Clube dos Fenianos emprendia um animado "pic-nic" às represas do Rio d'Ouro, e os diretores janotas do folgazão clube carnavalesco deliciavam-se com os encantos daquela região. Nos flagrantes fotográficos estava o representante do ministro da Justiça, sr. Viana do Castelo. Na Argentina e no Peru registravam-se "convulsões políticas", isto aí por volta de setembro, mas no Automóvel Clube do Brasil realizava-se um grande baile comemorativo do seu aniversário natalício. "Foi uma festa de suprema distinção", diziam os cronistas sociais. E o cardeal Dom Sebastião Leme regressava de Roma, onde o papa Pio XI lhe conferia a púrpura cardinalícia. Ainda outras ocorrências de 1930: um "team" de "foot-ballers" norte-americanos competia com outro carioca, no estádio do Fluminense, e levava uma derrota de 4x3 para os Estados Unidos. Raul fazia "charges" e trocadilhos com os "língua-de-trapos": — "Qual a letra que, vestida, é um sucesso? — O A, com tecido...". E, para finalizar, a REVISTA dava também o registro do dia do "Amor Perfeito", "para apuração dos óbulos dados para as obras da matriz de Madureira".

Como se vê, um ano movimentadíssimo o de 1930. Aconteceu tanta coisa interessante nesse curto espaço de tempo...

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

FLAGRANTES DA VIDA DE EDUARDO GOMES



Eduardo Gomes em 1919, ano em que deixou como aspirante a Escola Militar. Foram seus colegas de turma Luiz Carlos Prestes, Siqueira Campos (falecido), tenente-coronel Asdrubal Escobar, tenente-coronel Afonso de Carvalho, coronel Prates de Aguiar, coronel Honorato Pradel, tenente-coronel Milton Daemont, capitão Bevilacqua (falecido), coronel Henrique Cunha, coronel Santos Dias, coronel Osvaldo Alves, coronel Stênio de Albuquerque Lima, brigadeiro do ar Lisias Rodrigues, tenente-coronel Daudt Fabricio, capitão Lincoln de Queiroz (falecido), tenente-coronel Altair de Queiroz, coronel Otávio Pinto, tenente-coronel Plínio Cardoso, tenente-coronel Rodrigo Maurício, tenente-coronel Ivo Borges, capitão André Braga, coronel Bina Machado e major Costa Leite (na reserva).

1920 — Eduardo Gomes em 1920, conforme gravura do livro do sr. Garcia de Souza, "A Verdade Sobre a História da Aeronáutica".



Quando políticos oposicionistas lançaram a candidatura do major-brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República, envolveu logo o nome do "leader" das oposições coligadas uma onda de simpatia popular, que não vinha somente dos recalques comprimidos no peito do homem da rua por sete anos de DIP e de regime policial discricionário. Como um electro-íman poderoso, a figura do novo candidato atraía para si homens de tôdas as convicções e credos, que viam nele não um político à cata de posições de mando, mas tão somente um velho companheiro de lutas de rua, herdeiro do valor e da coragem de Siqueira Campos, Jansen de Melo e Cleto Campelo, ao lado de quem empunhou resolutamente o seu fuzil de herói da Pátria.

A REVISTA DA SEMANA, no intuito de mostrar ao povo, sem interesses partidários ou prevenções sectaristas, o que são e o que foram os homens públicos do momento, a exemplo do que fazem os grandes magazines americanos e europeus, apresenta aqui, em uma rápida reportagem, alguns apanhados biográficos do candidato oposicionista, flagrantes de sua vida de militar e revolucionário.

GERAÇÃO DE HERÓIS

Eduardo Gomes nasceu em Petrópolis, em 1896. Após o término de seu curso secundário, feito no Colégio São Vicente de Paula, ingressou na Escola Militar. Uma vez terminado o curso básico, escolheu a arma de artilharia, sendo declarado aspirante em 1919. O jovem cadete revelou-se sempre um aluno modelo, como o eram também muitos de seus colegas de então, cujos nomes iriam passar mais tarde, como o seu, às páginas da História do Brasil contemporâneo. Eram eles uma geração de jovens arrojados e impetuosos, para quem a balística e o cálculo integral não podiam se afastar das ciências políticas e filosóficas, peça motora de suas ações heróicas e destemidas.

A corrupção dos costumes políticos, que passou do Império à República através da ponte de adesão, formou uma avalanche irresistível, à qual não conseguiu pôr termo nem a coragem resoluta de Floriano Peixoto; e ao tempo em que Eduardo Gomes e seus colegas estavam na academia militar, essa corrupção atingia o seu ponto alto.

Os cadetes do Brasil eram entretanto ainda os mesmos do tempo de Benjamin Constant e de Deodoro. Vivia ainda ali, nos pátios e nos campos de exercício, nas salas de aula e nos "stands" de tiro, o espírito revolucionário e heróico de Euclides da Cunha.

A nova geração militar, herdeira das tradições de valor e bravura de Osório e Floriano, era a guardiã severa da República, alma de uma nação democrática, que com ela se poria em marcha pela estrada do progresso em busca das grandes transformações sociais.

Foi no Realengo, na Escola Militar de gloriosas memórias, que Eduardo Gomes formou a sua mentalidade de democrata e as suas convicções de soldado. As aulas, a camaradagem, as palestras com os colegas iam unindo cada dia com mais força, os cadetes de então. A escola era forja de grandes militares, um estaleiro de heróis.

Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Luiz Carlos Prestes eram nomes de "leaders" entre as diversas turmas dos estudantes do Realengo. Hoje, mais de um quarto de século passado, são estes nomes que ainda representam para nós brasileiros a esperança de novos

dias, que nos vêm dar agora a lembrança velhos e heróicos dias.

Na Escola Militar se formara e concretizara a união da ala moça do exército comandada por um espírito libertário e cido, heróico e desprendido, iria fazer "tenentes" os guardiães da democracia e vanguarda da revolução brasileira.

A fraude eleitoral, a corrupção, a veracidade, o suborno eram então as normas política brasileira.

Vieram dias terríveis para os democratas. Em 1922, quando já tenente, o jovem Eduardo Gomes, após um curso de especialização observador aéreo, servia como oficial observador no Forte de Copacabana.

O Governo, temeroso da ação destemida dos "tenentes", fechara o Clube Militar. Foi o toque de avançar. Os ânimos, já revatados por muitos anos de opressão e pretensão, levantaram o archote da revolução. As baterias de Copacabana abriram fogo contra as posições governamentais. E dentro do Forte, cercado pelos legalistas, a situação era cada dia mais insustentável. Chegou o momento em que o dilema final se apresentou a Siqueira Campos: render ou morrer.

Os que quiseram entregar-se, tiveram a liberdade de tomar essa resolução. Mas muitos, quase todos, apresentaram-se ao comandante para lutar até o fim. O bravo oficial escolheu apenas os solteiros. Eram dezesseis entre praças e oficiais. O pavilhão do Forte foi arriado e rasgado em dezessete pedaços. E com o pedaço sagrado da bandeira azul e verde junto ao coração, os bravos rapazes empunharam os fuzis e lançaram-se pela avenida Atlântica, em busca dos regimentos legais que se entricheiravam nas ruas de Copacabana.

Na rua, um civil olhou-os e pediu também uma arma para acompanhá-los na luta. O tenente Newton Prado entregou-lhe o fuzil e empunhou um revólver. Continuou a marcha. Vinham os heróis em coluna de cinco, formando um pequeno magote de combatentes, pouco mais que um grupo de combate. Escrevia-se naquele momento uma página mais gloriosas da nossa-história militar.

Eram dezoito jovens, contra todo o exército. Dezessete F. O. e um revólver contra muitas secções de metralhadoras pesadas. Menos de mil cartuchos contra um arsenal inteiro. Mas eles marcharam imperturbáveis ao encontro da morte. No extremo da segunda coluna, batendo os tacos da bota militar sobre o mosaico bordado, caminhava sempre o tenente Eduardo Gomes, de baioneta enfiada.

Veio o combate. Ladraram as metralhadoras dentro da tarde fresca de julho. Eduardo Gomes foi ferido. Esteve preso. Conhecendo o martírio dos cárceres, sofreu os horrores do estado de sítio.

Assim começou o brigadeiro Eduardo Gomes a sua carreira política.

A ALMA DO CORREIO AÉREO NACIONAL

Em 1930, combatente e anistiado, com outros tenentes, regressou Eduardo Gomes às fileiras do Exército, onde ainda haveria entrar em ação por duas vezes: em 1932 e em 1934.

E continuou a trabalhar na paz, como fizera na guerra, pelo progresso do Brasil.

O major-brigadeiro Eduardo Gomes em seu gabinete de trabalho, de onde dirige a campanha eleitoral da U. R. N.

GOME

a lembrança

nara e concre
do exército q
libertário e
iria fazer d
democracia e
sileira.

rupção, a ver
o as normas

a os democr
jovem Eduar
specialização
no oficial obs
na.

ação destemi
be Militar. E
nimos, já rev
ressão e pre
e da revolug
riram fogo co
is. E dentro
s, a situação
Chegou o m
l se apresent
u morrer.

r-se, tiveram
ução. Mas m
m-se ao coma
O bravo ofic
Eram dezess
vilhão do Fo
essete pedac
bandeira au
vos rapazes
se pela aven
gimentos leg
uas de Cop

s e pediu ta
nhá-los na l
regou-lhe o
er. Continuo
em coluna
magote de co
grupo de co
mento uma
ssa-história

ontra todo
n revólver
adoras pesa
tra um arse
imperturbá
remo da seg
da bota mil
minhava sen
de baioneta

m as metra
e julho. Ed
rêso. Conha
os horrore

deiro Edu

O AÉREO

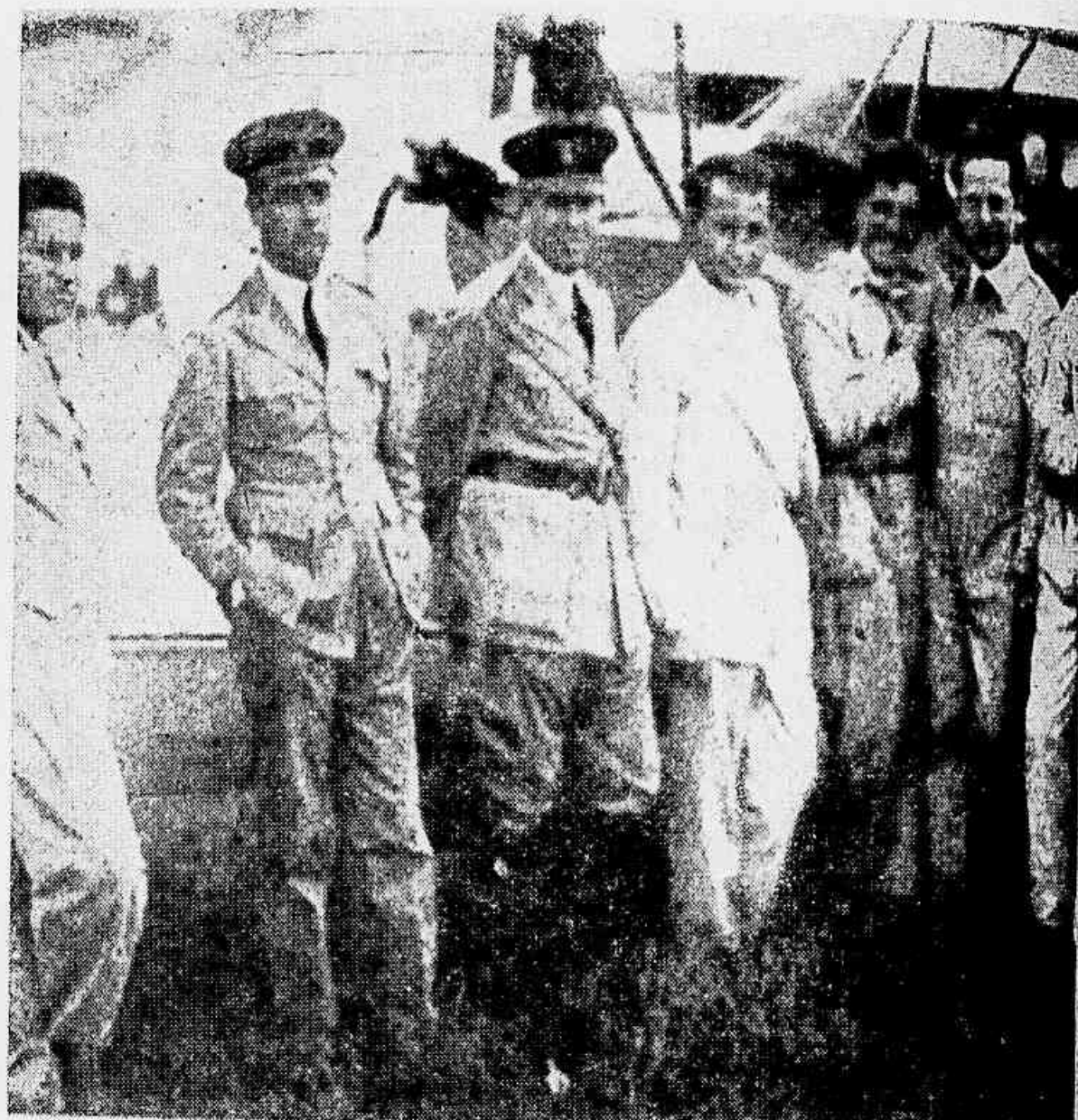
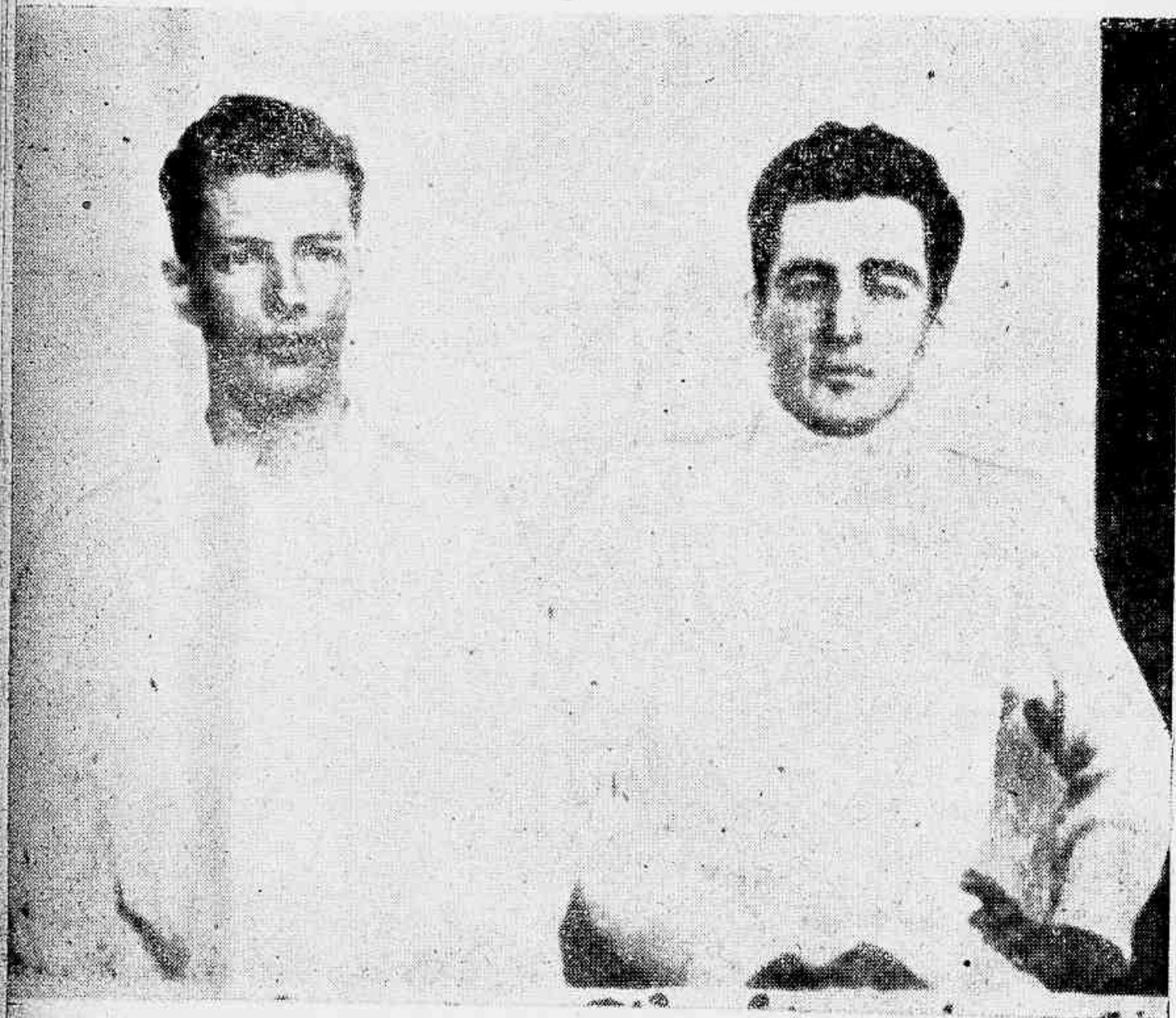
stiado, com
ardo Gome
da haveria
em 1932
na paz, com
esso do Br

em seu gabinete
teitoral da U.

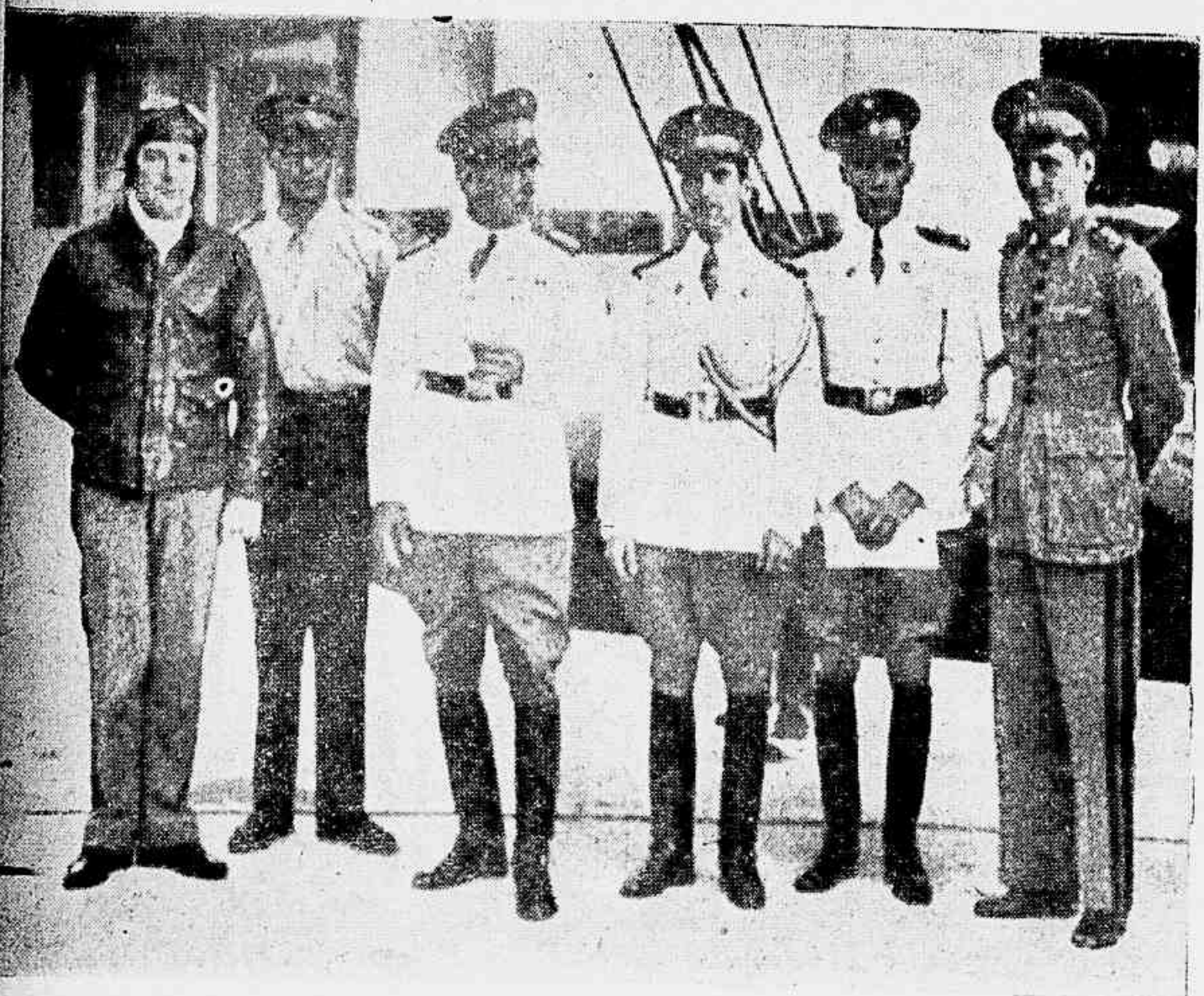




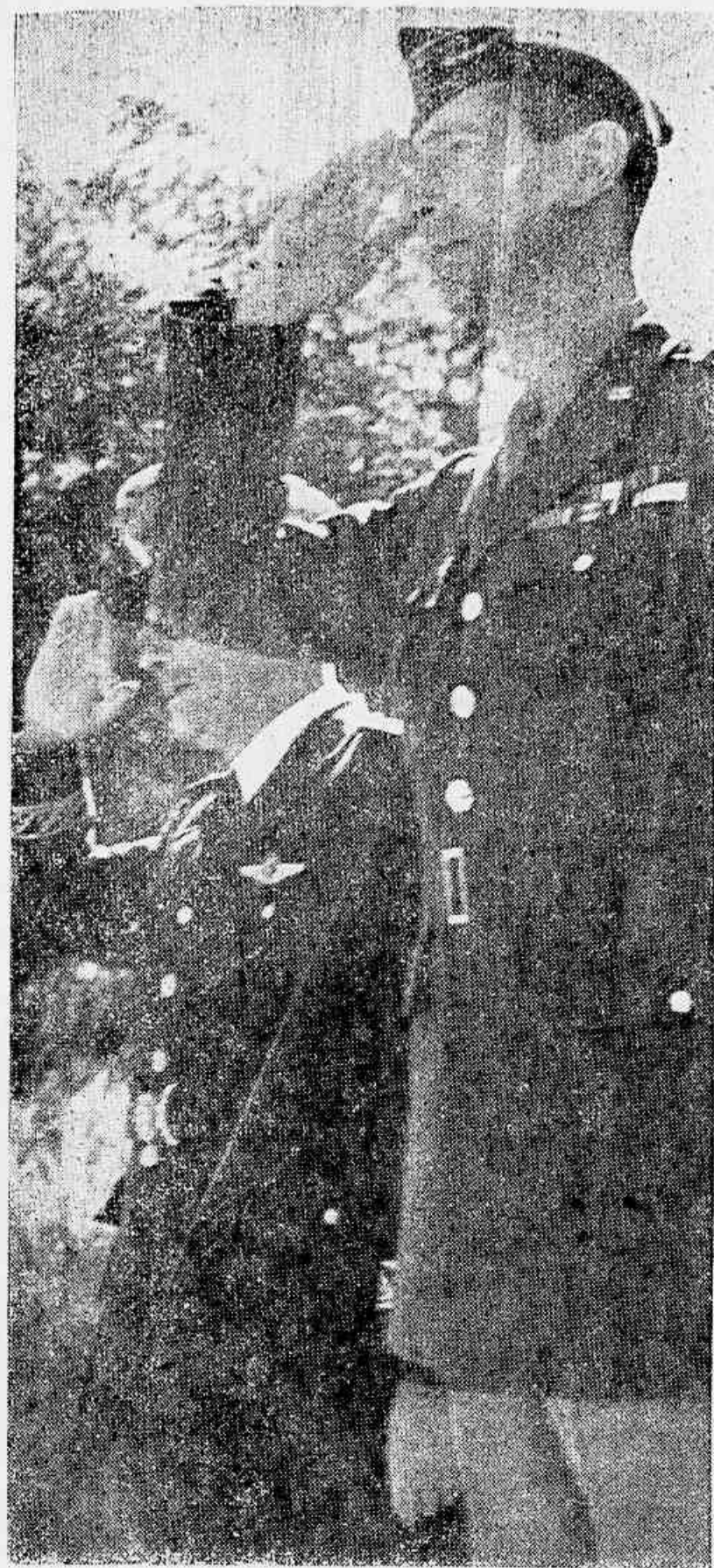
A esquerda — 1922 — Eduardo Gomes em fotografia tomada dias antes da revolução de 1922. À direita — 1922 — Avança para a morte a segunda onda dos Dezoito. Dois soldados, três oficiais e um civil, representante da vontade popular no motim heróico, marcham pela avenida Atlântica ao encontro dos regimentos legais. Hoje, o único oficial sobrevivente é o major-brigadeiro Eduardo Gomes. Esta foto foi feita minutos antes de tombar sem vida o cidadão Otavio Correia, a quem Newton Prado, o que empunha o revólver, emprestou o seu fuzil. Este oficial veio a falecer em consequência dos ferimentos recebidos. Ao lado do tenente Carpenter, no extremo da fila, de kepi e baioneta armada, então tenente Eduardo Gomes.



A esquerda — 1922 — Eduardo Gomes e Siqueira Campos, no Hospital Central do Exército, como prisioneiros, depois do episódio de Copacabana. À direita — 1932 — Num flagrante no Campo dos Afonsos: da esquerda para a direita: Julio Americo dos Reis, Eduardo Gomes, Amílcar Pederneiras, Francisco Garcia de Melo, Antonio Guedes Muniz, J. Murilo Filho e H. Dyott Fontenele.



A esquerda — 1936 — Fotografia feita em janeiro, quando Eduardo Gomes, então no comando do 1.º Regimento de Aviação, ainda apresentava recente ferimento, que recebeu lutando pela Ordem Legal. À direita — 1942 — Eduardo Gomes em Dayton, U. S. A., tendo à direita Orville Wright, cuja visita o brigadeiro estava retribuindo. Na foto aparecem ainda oficiais brasileiros e americanos.



O major-brigadeiro Eduardo Gomes ao lado do general Mac Clark, em fotografia feita em uma base aérea aliada na África, quando ali esteve em missão militar.

Pouco depois de se especializar em observação aérea, havia ele feito o curso de pilotagem de guerra. Mas não ficaram nisto os seus conhecimentos aviatórios. Como os seus velhos companheiros de academia, ele tinha o estudo como o caminho mais seguro para a resolução dos problemas nacionais. Tornou-se assim um perfeito técnico em aeronáutica, um dos mais completos conhecedores de nossas necessidades em relação ao transporte.

O general Leite de Castro lançara a idéia

Eduardo Gomes em São Paulo, em 15-6-1945, visitando a sede da U. D. N. na capital bandeirante.



da instalação de um correio aéreo militar regular, que servisse não só às repartições militares, como também aos civis.

O sonho do então ministro da Guerra teria se perdido apenas nos planos, se Eduardo Gomes não trouxesse ao mesmo o seu decidido apoio e a sua colaboração eficiente.

As linhas foram planejadas; fizeram-se os primeiros vôos experimentais. Jovens aviadores lançaram-se em rotas desconhecidas rasgando o "hinterland" brasileiro em pequenos biplaces de naves estreitas, sem rádio, sem campos de pouso adequados, heróicos, desprendidos, buscando novos caminhos por onde a civilização pudesse chegar ao fundo dos rincões sertanejos, levando os seus benefícios ao alto das montanhas de Minas e ao recesso das selvas amazônicas.

Assim foi o Correio Aéreo Militar. Hoje, fundido com o Correio Aéreo Naval, que cobria as rotas litorâneas, denomina-se Correio Aéreo Nacional. E as suas linhas cortam de sul a norte, de leste a oeste, todo o território brasileiro.

Nos mais afastados pontos do Brasil chegam hoje regularmente os aviões desse serviço postal, fazendo do Correio Aéreo Nacional uma das maiores e mais eficientes criações do governo federal. E no entanto essa obra magnífica e grandiosa deve-se ao brigadeiro Eduardo Gomes, de cujo arrôjo e capacidade de trabalho ela é fruto.

FERIDO EM COMBATE

O major-brigadeiro Eduardo Gomes, aos quarenta e nove anos de idade, está elevado ao mais alto posto militar. Esta é a paga não só aos inestimáveis serviços que prestou à Pátria como idealizador e creador de muitos serviços administrativos, como também aos serviços de soldado, pois ele, como combatente, por mais de uma vez demonstrou o seu heroísmo abnegado e a sua coragem desprendida.

Corria o ano de 1935... A Aliança Nacional Libertadora, frente única formada pelos elementos de esquerda, havia sido fechada por um decreto governamental. A Ação Integralista Brasileira preparava um golpe branco para se apossar do poder.

Os comunistas, um gesto de desespero, precipitaram a revolução, armando no Rio a quartelada infrutífera. Na Escola de Aviação amotinaram-se alunos e sargentos, comandados por Socrates Gonçalves.

Não fôsse a coragem revelada mais uma vez por Eduardo Gomes, a revolução, apoiada pela força aérea do Campo dos Afonsos, conseguiria as armas de que necessitava.

Mas, pondo-se ao lado do Governo, o oficial, pela sua coragem exclusiva, conseguiu abafar o movimento com os recursos de que dispunha, ajudado pelos elementos que não haviam aderido à revolução.

Durante os combates de tiros rápidos, travado entre os hangares e alojamento da Escola, foi ele mais uma vez ferido em combate. Agiu entretanto com tamanha bravura, que os próprios revolucionários tinham mais tarde palavras elogiosas com relação à sua coragem.

DIRETOR DE ROTAS AÉREAS E CANDIDATO A PRESIDÊNCIA

Quando foi creado o Ministério da Aeronáutica deu-se a junção da aviação naval e militar. O que fôra até então uma arma do Exército e da Marinha passou a ser a nossa terceira Força Armada.

Eduardo Gomes foi transferido para a F. A. B., como os demais oficiais da Aviação Militar.

Graças à sua competência como técnico e ao seu valor como perfeito conhecedor dos problemas de nossa navegação aérea, foi nomeado, quando já oficial general, para ocupar o posto de diretor de Rotas Aéreas, cargo do qual se afastou há pouco tempo, embora o



Católico, como a maioria dos brasileiros, Eduardo Gomes não faz reservas quanto à sua religião, praticando-a com franqueza e lealdade, atributos de sua personalidade.

novo Código Eleitoral não o incompatibilize com a situação de candidato à Presidência da República.

Assim viveu sempre, como técnico aeronáutico, como soldado e como aviador, o cidadão Eduardo Gomes, herói do Forte de Copacabana e candidato à Presidência.

Que muitos não o tenham como o homem indicado para o posto de mais alto dignatário da Nação, compreendemos.

Mas tê-lo como um candidato digno de admiração, é um dever de todos os brasileiros.

Eduardo Gomes no Pacaembú, em São Paulo, em junho de 1945, falando pela primeira vez ao povo, na presente campanha eleitoral.



Os grandes concursos literários da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a "REVISTA" publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLÔNIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como todos noticiado amplamente, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a seleccionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrióticos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 30 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folha de papel formato oficial, com número de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, EMPÉDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo transcrever-se quadros típicos já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), paga na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficam de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde quiserem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, espaço de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Foi instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo de mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para essa fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO "APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Juracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA" insinuado para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato oficial, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas cênicas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir, acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facultará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.

No alto do outeiro,
o templo singelo co-
bre-se de luzes nes-
ses dias de festa. O
campanário ilumina-
do é uma visão de
sonho...

ido pelo
concurso
— As

prin-
des-
tra-

ncur-
o que
rícios
l.
o pa-
u du-
stina-
con-
o de

corrente ano,

e quanto aos
interiores, qua-
e três horas.

ça premiada,
esses a contar

trabalho em
Dramática do
ados.

e representa

iros) para a
da REVISTA
Brasileira de
um da Casa

da Comissão

tino Silveira,
ruape 15, Rio

s fará repre-
3.º lugares,
s que julgar

dos seguintes
y Camargo,
Português;
Teatrais, e

o melhor ro-

mas:

antlografadas
no máximo.
temas podem

esentante da

go do autor.
a de ouro •
A REVISTA
romance.



A SECULAR FESTA DA GLORIA



NO alto da colina ergue-se, dominando a enseada mansa, entre o arvoredo verde, a velha igreja da Glória. Uma multidão fervorosa de crentes e de curiosos cobre toda a extensão da ladeira íngreme que sobe em espirais serpenteantes pelo morro acima, até alcançar a escadaria larga de lajes venerandas, que termina no adro largo, onde se armaram as barracas para a festa de Agosto. Para muitos essa igreja não é mais que um templo comum de torre barroca e paredes de tabatinga, igual aos demais do Rio de Janeiro.

A nossa primeira visão do pequeno templo do outeiro foi também essa. Conversando porém com as pessoas ligadas à Irmandade a quem a igreja está afeta, pudemos ver que o pequeno templo da Glória é mais que uma simples igreja: ele é um marco na história da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e à sombra de sua cruz muitas gerações viveram e muitos dias históricos se sucederam junto à sua torre barroca e à pequena capela que a precedeu.

O ERMITÃO ANTONIO CAMINHA E SUA IGREJA

A história do culto à Nossa Senhora do Alto do Morro, como então se dizia, remonta aos primórdios da colonização do litoral carioca, e reza a história que naquele outeiro teve lugar o tremendo combate entre franceses e lusos, durante o qual o temerário capitão Estácio de Sá, ferido no mento por uma flecha tamoia, perdeu a vida em defesa da cidade.

Mais tarde, no ano de 1641, ali ergueu a sua ermida D. Antonio de Caminha. Apesar de não levar a vida de um asceta, como em geral se presume em homens desse mister, passou ele a ser chamado "ermitão", embora sempre tivesse tido bens e fortuna.

A construção da ermida do alto da colina tornou mais popular ainda a devoção à Nossa Senhora da Glória. E enquanto o ermitão cuidava da pequena capela no alto do morro, a cidade crescia aos pés da ladeira. O casario alvo estendeu-se pela orla marinha e subiu pela encosta de Santa Teresa. Rasgaram-se as ruas Fialho e Santa Cristina. E o bairro recém-nascido teve como padroeira a Santa que dava à ermida o seu nome.

As naus chegadas da metrópole traziam à terra de Santa Cruz novos colonos, e o espírito católico dos portugueses ia levando numa ascensão vertiginosa o número de devotos que frequentavam a igreja.

Fundou-se a Irmandade. E em 1714 começaram os fiéis a erguer a nova igreja, mais ampla e mais bela.

Uma vez construída a capela, trataram os irmãos de legalizar perante a Câmara Eclesiástica, a sua organização. E a sua pretensão foi exposta em termos ao bispo da diocese. Era isto ainda no tempo em que a Igreja se ligava ao Estado. Transcrevemos aqui, por se tratar de documento de interesse, o despacho do prelado, dando provisão à Irmandade de Nossa Senhora da Glória, respeitadas a redação e ortografia:

"Dom Frei Antonio de Guadalupe, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo do Rio de Janeiro, e do Conselho de Sua Magestade, que Deus Guarde, &.

Aos que esta nossa Provisão virem, saúde e paz no Senhor, que de todos é verdadeiro remedio e salvação.

Fazemos saber que attendendo Nós o que por sua petição retro nos enviaram a dizer os Devotos de Nossa Senhora da Glória desta cidade, extra muros, que elles por serviço de Deus e da mesma Senhora querem erigir de

DEVOÇÃO. — Por muitos anos esta imagem, que hoje pertence ao Museu da Irmandade, esteve no altar da igreja. E muitas gerações reverenciaram este símbolo, beijando os pés da Virgem coroada. Hoje ainda está viva em muitas almas a devoção à Padroeira da igreja do outeiro.

novo a
que pe
consent
por nós
cenga e
rem de
Senhora
ridade.
promiss

Dac
o nosso
aos dez
E eu, J
mera e

A IGR

A i
dade e
passado
Família
bres e
ria II, I

De
Impera
lança o
parado
entreta
ratismo
lutar e
era o t
férteis.
povo, q
corôa
que ou
o Bras
se tran

A
e de su
tou a i
mulou
tumes
a velh
onde s
estirpe

Re
devoçã
dre Se
ciado p
dade:
ordiná
pério
hoje c

Es
dos m
e plan
a igre
nossos

T
pelos
creto
usar o
tenta
onde l
de ma
narcas

D
brilha
falame
agora
numa
acesso

E
raras,
gener
Senho
joias
da fa
de Pe

DE JO
Glória
pontos
Santa
no sub

novos a Irmandade da dita Senhora, para o que pedião dêssemos nossa authorização e consentimento para o fazerem, a qual sendo por nós vista, havemos por bem de dar licença e consentimento aos ditos para erigirem de novo a Irmandade sobredita de Nossa Senhora da Glória, interpondo a nossa authoridade. E depois de erecta farão seo Compromisso em ordem ao bom governo della.

Dada nesta cidade do Rio de Janeiro, sob o nosso signal e sello de nossa Chancellaria, aos dez dias do mez de Outubro de 1739 annos. E eu, José da Fonseca Lopes, escrivão da Camera ecclesiastica o subscrevy."

A IGREJA ARISTOCRATICA DA GLÓRIA

A igreja da Glória foi ganhando celebridade e prestígio. Já em princípios do século passado passou a ser o templo preferido pela Família Real e, consequentemente, pelos nobres e áulicos da côrte. D. João VI, D. Maria II, D. Pedro IV tiveram ali a sua devoção.

Depois, tomando o nome de D. Pedro I, Imperador do Brasil, Pedro IV de Portugal lança o grito da Independência. Estava separado o Brasil da metrópole lusa. Não vinha, entretanto, o chefe do golpe branco de separatismo trazendo as idéias inflamadas de Bolívar e San Martín. A sua ambição suprema era o trono da ex-colônia de terras vastas e férteis. Antes pretender a liberdade de um povo, queria tão somente cobrir-se com a nova corôa nascida na árvore bragantina, "antes que outro aventureiro lançasse mão dela". E o Brasil, libertado da côrte portuguesa, não se transformou numa república.

A nova côrte, sucessora do vice-reinado e de suas tradições de govêrno católico, adotou a igreja como oficial e a ela serviu e estimulou. O príncipe coroado, seguindo os costumes de seu pai, frequentava assiduamente a velha igreja do alto do morro da Glória, onde se batizaram mais tarde muitos de sua estirpe.

Referindo-se às tradições da igreja e à devoção de Pedro I, assim se expressou o padre Serafim Leite S. J., no discurso pronunciado por ocasião do bi-centenário da Irmandade: "...e com êle D. Pedro II, êsse extraordinário monarca, e todos os grandes do Império por aqui passaram. E passam ainda hoje os grandes do Brasil"...

Essa devoção dos grandes talvez seja um dos motivos pelos quais, embora tão pequena e plantada num terreno tão pouco acessível, a igreja da Glória seja ainda um dos nossos mais ricos templos.

RECORDAÇÕES DO IMPÉRIO

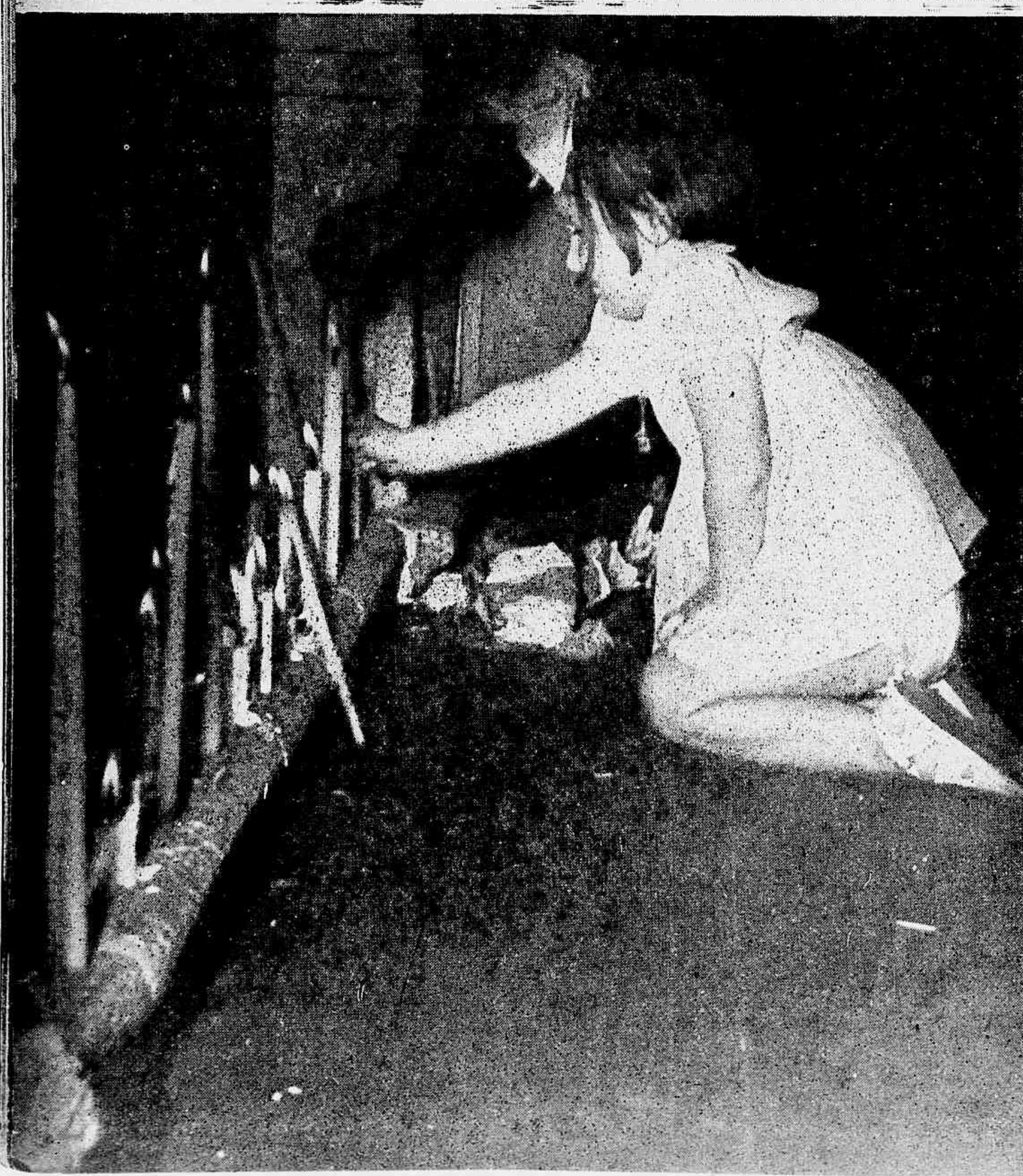
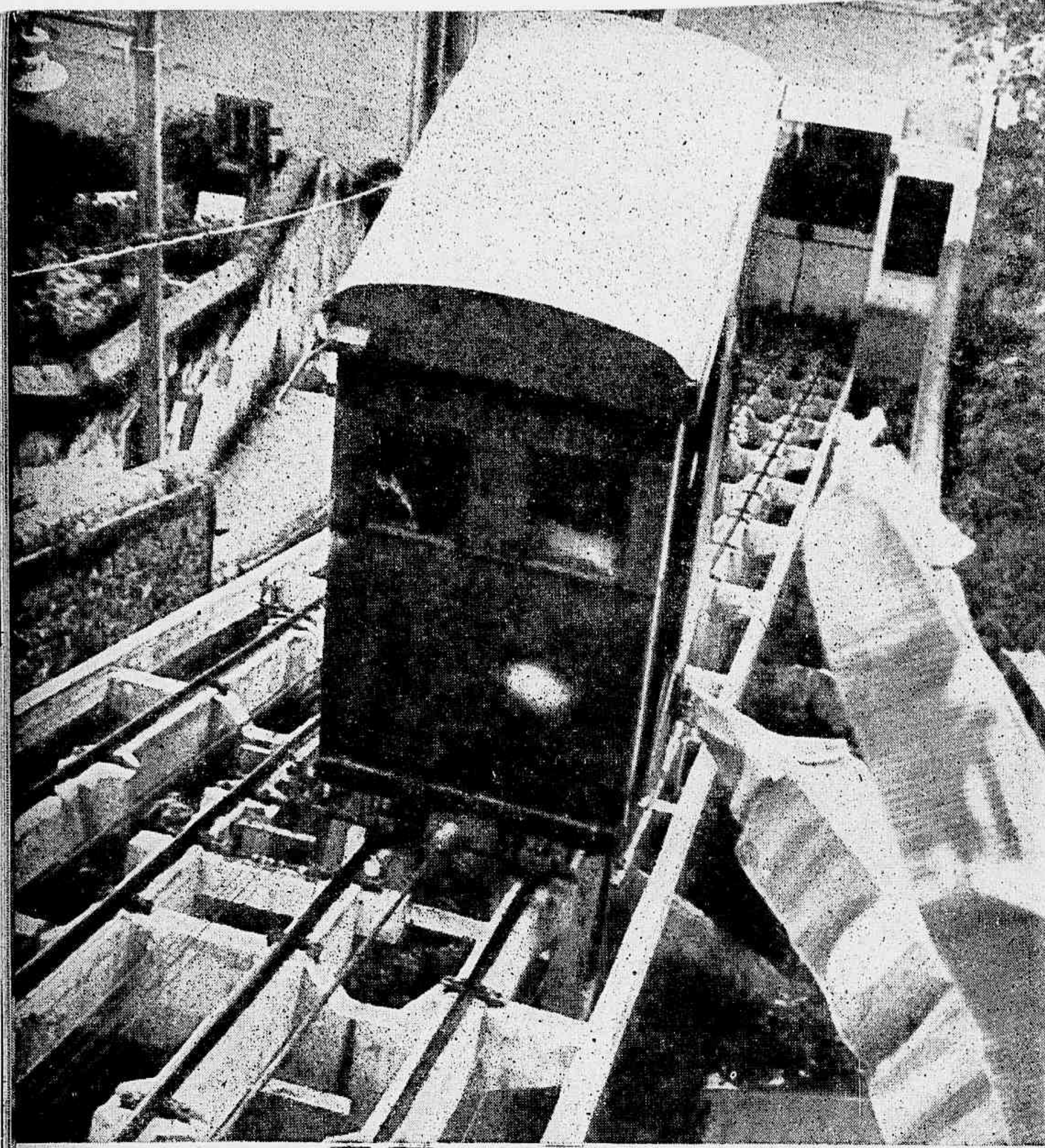
Tanto era estimada a igreja da Glória pelos nobres e pelos reis, que a ela, por decreto governamental, foi dado o direito de usar o título de "Imperial", que até hoje ostenta em todos os seus papéis e em seu braço, onde brilha ainda a corôa encimada pela cruz de malta que cobriu a cabeça dos dois monarcas brasileiros.

Dos tempos do Império, quando mais alto brilhava ainda o renome da Irmandade, nos falam hoje as reliquias e as joias guardadas agora no museu anexo ao templo, organizado numa ampla sala térrea, onde o público tem acesso nos dias de festa.

Em vitrines artísticas espalham-se gemas raras, peças de ouro custosas, que atestam a generosidade e a riqueza dos devotos de Nossa Senhora da Glória. Muitas dessas magníficas joias foram doadas à igreja pelos membros da família imperial e pelos nobres da côrte de Pedro II, que era, como o seu pai, um dos

DE JOELHOS — Diante da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro os fiéis, vindos dos mais longínquos pontos da cidade, curvam-se respeitosamente, rendendo à Santa um preito de adoração. Estas duas moças moram no subúrbio, subiram a pé a ladeira e estão agora de joelhos diante do templo.





PROGRESSO — O plano inclinado do Outeiro da Glória, recentemente inaugurado, é o único veículo que sobe ao alto do morro em dias de festa. A sua capacidade é pequena, o que obriga os passageiros a esperar muito tempo na longa fila que se forma na entrada da estação.

mais fervorosos devotos da santa padroeira do outeiro.

No museu encontram-se ainda outras curiosidades históricas, entre as quais os lampões de gás, que foram retirados do adro da igreja em 1935, florões substituídos pelas formas por que passou o templo, e imagens que já não figuram nos altares.

A um canto da sala está colocada uma placa comemorativa, na qual se inscreveu homenagem prestada pela Irmandade ao benemérito dr. Claudio Gurgel do Amaral, que em 1699 doou à igreja os terrenos do outeiro. Sob a inscrição está colocado o busto da princesa Isabel, outra grande protetora da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

Agora, quase um século depois de sua aparição na igreja, são vistas as velhas imagens e relíquias pelos curiosos que vêm em romaria até o templo e percorrem o museu em filas morosas.

A FESTA POPULAR

Estivemos no alto do outeiro no dia 15 de agosto, consagrado à santa padroeira, durante o qual maiores são as festividades. No adro da igreja armam-se barracas de prendas, nas quais se organizam jogos de loteria, visperas e rifas dos brindes oferecidos à Irmandade pelos fiéis a ela filiados.

Esses jogos e outras curiosidades atraem ao alto do morro uma multidão enorme de romeiros, que todos os anos ali estão, fazendo da Festa da Glória uma das nossas mais populares tradições.

No dia 15, desde muito cedo, antes mesmo de se iniciar a primeira missa que assinala o princípio das festividades da data consagrada à padroeira do templo, a ladeira se enche de fiéis, que em colunas compactas de caminhar cobrem toda a pavimentação da rua íngreme, num vai-e-vem apressado e ininterrupto, pondo uma nota de alegria e movimento no recanto adormecido do Rio de Janeiro.

As festas de romaria, onde se pode divertir e namorar de graça, constituem, depois do Carnaval, a maior atração para as classes pobres. E' de se ver o pequeno bosque do adro do morro da Penha em dias de festas. A Glória é menos popular que a Penha. Mas apesar disso o adro da velha igrejinha, no dia 15 de agosto, é pequeno para comportar a multidão de fiéis e de curiosos que ali se juntam para comemorar a data.

Forma-se um "footing" sobre as ladeiras seculares; casais de namorados passeiam alegremente entre os empurrões, enquanto uma banda dos "navais" ou do Corpo de Bombeiros enche o ar de notas marciais ou de melodias velozes de frevos pernambucanos.

Tudo é festa e alegria. Lá dentro, na igreja pequena, coberta pelos ouropéis que lhe legaram os grandes de todos os tempos, os pequenos reverenciam a sua idolatrada padroeira, rendendo-lhe homenagem em preces fervorosas.

A um canto enfileiram-se as velas de cera que vão sendo acesas em pagamento de promessas cujos resultados foram obtidos. Velhos, moços, crianças, tomados todos da mesma fé viva e do mesmo fervor místico, pagam com as pequenas luzes simbólicas o preço da sua gratidão à Nossa Senhora da Glória, que mora na velha igrejinha do alto do outeiro. E a santa virgem, de cima de seu altar, lança

PROMESSAS — Nos dias festivos, a um canto da igreja se enfileiram as velas de cera, que os fiéis trouxeram em cumprimento de suas promessas. Essa garota paga com o pequeno símbolo de cera o preço de sua gratidão à Nossa Senhora do Outeiro da Glória. Outros fiéis seguem-lhe o exemplo.

o da Gló
que sobe
ade é po
nuito tes
estação.

padroei

a outr
is os lar
o adro
pelas r
imager

ada um
creveu
le ao be
aral, qu
o outeiro
da prin
da Impe
da Glóri

s de su
lhas ima
vêm en
o muse

dia 15 d
, duran
, No ad
ndas, na
, vispor
mandad

es atraer
orme d
, fazend
mais po

es mesm
assinala

consagra
se ench
de cami

io da ru
o e inin
a e movi
io de Ja

de diver
m, depoi
as classe
que do p
s. A Gló
Mas ape
a, no di
nportar
li se junt

as lage
seam ale
tanto um
e Bombe
de melo
nos.

entro, n
opéis qu
s tempo
atrada pe
em prece

as de cêr
o de pro
idos. Ve
s da me
co, pagar
preço d
lória, qu
o outeiro
tar, lanç

to da igre
rouxeram
a paga co
dição à Nos
fiéis

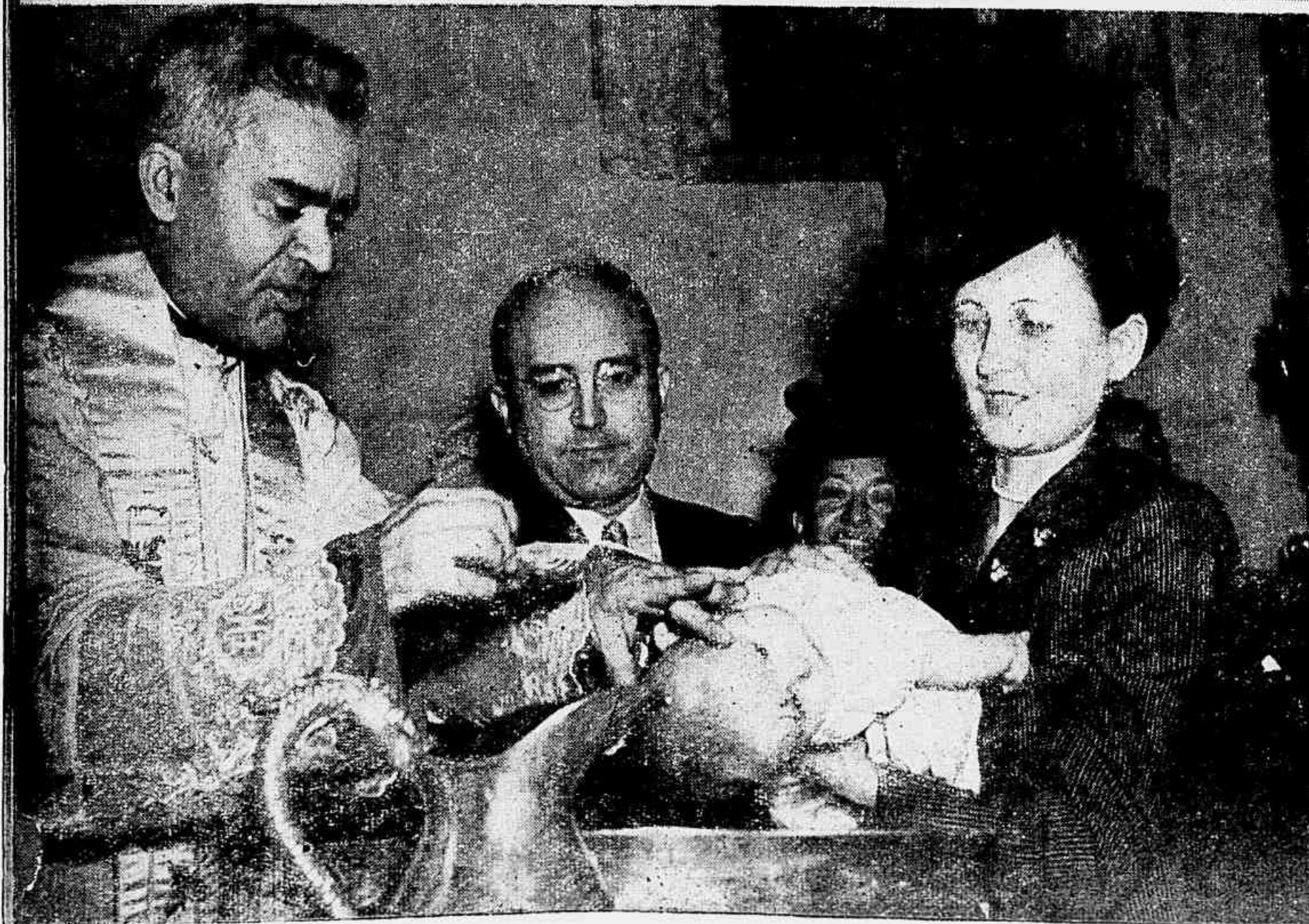
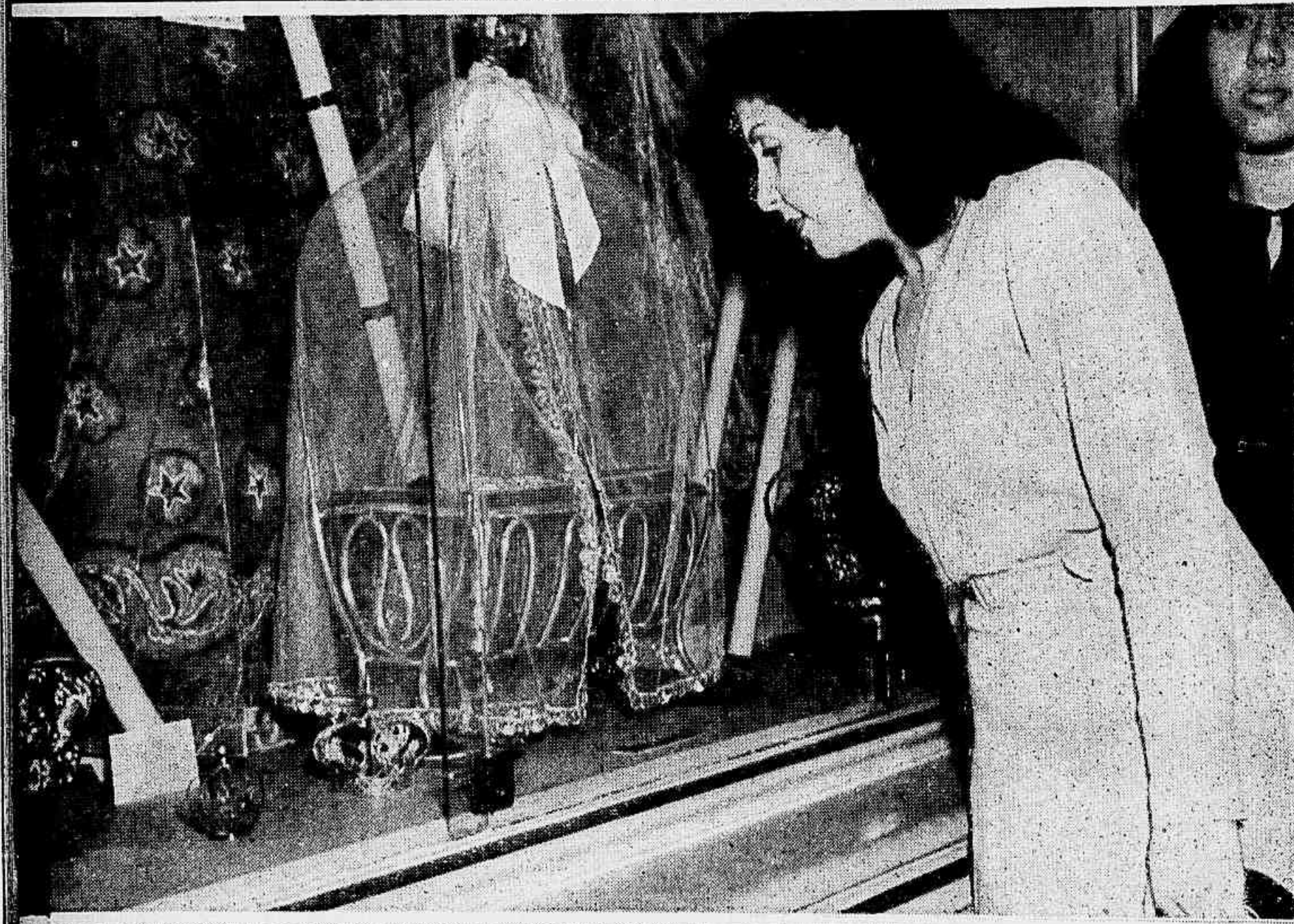


AO TOQUE DA SINETA — Ao toque da sineta, essa bela pequena chama a atenção dos romeiros para a sua barraca de prendas. E' grande o movimento da pequena feira de caridade que se arma no adro da igreja durante as festividades de agosto. Tôdas as moças que servem nas barraquinhas, trazem a ombreira com as armas da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, com a corôa imperial.

A SORTE DECIDE — Nas barraquinhas da feira, moças da sociedade carioca servem com o seu trabalho à devoção por Nossa Senhora da Glória. Jogos com prêmio, um misto de loteria e vispora doméstica, realizam-se nas barracas. Uma vez atraídos os fiéis às tendas pelo toque da sineta, os bilhetes são vendidos e "corre" o jôgo. Uma garota mete a mão no saquinho e retira uma "pedra": alegria para um, decepção para noventa e nove.

MULTIDÃO EM FESTA — No dia 15 de agosto, principalmente à noite, a igreja do outeiro e adjacências povoam-se de fiéis, que se aglomeram desde o pé da ladeira até o alto do morro. Não há um centímetro quadrado de solo que não seja pisado pelos romeiros. Duas colunas compactas, uma que sobe e outra que desce, enchem a subida tortuosa e íngreme. Por todos os caminhos chegam os crentes, numa verdadeira catarata. A foto abaixo reproduz um aspecto da entrada da igreja, mostrando o portão que separa o adro da rua. O instantâneo foi feito às 19 horas, quando começava a afluência maior dos devotos.





RELIQUIAS — A Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro é uma das mais velhas e também das mais nobres associações religiosas do Rio. Ela recebeu mercês especiais de quantos nobres houve no Brasil. Estas duas fotos mostram o valiosíssimo relicário do museu da igreja.

sobre todos o mesmo sorriso sereno com que abençoava o humilde filho do carpinteiro de Nazaré, por ela concebido para consolo dos pobres, que em Galiléa e Samaria clamava por um rabi doce e justo, para o qual as dores de Herodes em Makeros eram tão dignas de bálsamo quanto o sofrimento do escravo que plantava as vinhas do vale de David.

Agora, no ano 1945, dezenove séculos passados, a imagem da Virgem, cercada de rarefeitas joias, pouso o olhar enternecido e cheio de bondade, nos homens que bateram as sandálias na poeira das estradas de tôdas as desgraças e que vêm de longe, do fundo dos barridos da miséria e da desolação, pagar com sua presença de heróis incógnitos e com a sua gratidão de amigos, o culto por aquela para quem as corôas dos monarcas, talhadas em ouro e revestidas de brilhante e pérolas, não têm mais valor que a oferta de uma preciosa cobertura de lágrimas e iluminada de sangue.

Assim é a festa religiosa. E enquanto o esplende no interior do templo iluminado, e fora, ao pé da torre recamada de luzes festivas, a multidão se diverte como pode, pois a festa de Nossa Senhora é a festa de todo o povo.

Vemos na Glória as mesmas fisionomias sorridentes que se encontram em outubro na Penha, ou que iluminam na Baía de Todos os Santos a festa de Iemanjá, nome que os velhos africanos davam à Virgem e que ainda hoje anda em tôdas as bocas do povo do Salvador como uma herança divina.

O PROGRESSO SOBE O MORRO

Embora a Irmandade da Glória use o título de "Imperial" e a sua igreja tenha sido sempre visitada pela aristocracia carioca e fossem batizados muitos príncipes e nobres, a grande massa anônima do proletariado guarda também uma grande devoção pela Santa. E são eles, os homens rudes do trabalho passado de todos os dias, que nos acordam pela manhã com o seu hino de labor e glória, cantado pelos bate-estacas e pelas picaretas.

E ali, onde os seus antepassados ergueram a custo do suor e das alavancas rústicas o templo singelo e magnífico, eles comemoram hoje a data de sua Santa, subindo a colina pela ladeira íngreme que viu marchar muitos escravos, enquanto os descendentes dos nobres do império, os raros que se arrancam a rezar no templo inacessível, galgam o outeiro no bôjo das pequenas cabines do funicular inclinado, construído pela força de trabalho e pelo custo de sua fadiga.

Continua na pag. 49

AFILHADAS — São muitas as afilhadas de Nossa Senhora da Glória. Em seu dia, muitas centenas de meninas são batizadas na igreja do outeiro e grande número recebe o nome da santa. O fotógrafo da REVISTA SEMANA conseguiu, no dia 15 de agosto, este flagrante na pia batismal da velha igreja.

Leia! Como a linda assassina casou com um ladrão para fugir da justiça; como um detective viu-se em apuros; e um final surpreendente!

— Onde está Rex?

Kelby o encontraria, com certeza. O cavalheiro de meia idade que esperava o detective suspirou. Finalmente a secretária, jovem e bonita, veio dizer-lhe que poderia entrar. Kelby o esperava.

— Bom dia, Mr. Graham.

— Bom dia, dr. Kelby. Alguma novidade para mim...

De repente o visitante estacou, surpreendido.

— Que houve? Que tem o senhor?

Kelby sorriu.

— O senhor veio aqui para me perguntar onde está Rex, não é verdade? Ou, mais precisamente: onde está o dinheiro que ele lhe roubou?

— Sim.

— Ontem, às doze horas da noite, eu poderia indicar-lhe o paradeiro do ladrão, mas deixei-o fugir.

— Oh!

— Está vendo essas ataduras? Ele me feriu no braço e no ombro. Reagi, mas já era tarde. Evidentemente, era sua intenção chegar, dar-me um golpe no coração e fugir, deixando-me morto. Porém eu fui mais rápido e o resultado foram, unicamente, estes ferimentos.

— Sinto muito.

— Não há de ser nada. De hoje em diante tenho mais uma razão para procurá-lo. E hei de achar o dinheiro. Verá.

— Confio no senhor. Bem, devo ir. Com licença. E... estimo as melhores.

Kelby agradeceu.

Depois que o cliente partiu o rapaz reclinou-se na poltrona e fechou os olhos. Não dormira aquela noite. Desde o início de sua carreira, nunca tinha encontrado um caso tão difícil: descobrir Rex. E precisava levar a cabo a investigação com sucesso. A verdade era que Scotland Yard não via com bons olhos o empregado que fazia competição a ela. Entretanto, Kelby tinha boas razões para isso: uma delas era ganhar sua vida... Poucos conheciam o início de sua carreira, sempre agitada. Fora, logo depois de sair da universidade, um dos assistentes do promotor público. Era, entretanto, tão exigente com os relatórios que Scotland Yard lhe enviava, criticando os investigadores, que o chefe da Scotland, Sir Basil Thompson, mandara chamá-lo.

— Escute, Kelby, eu tenho recebido notas do promotor quase todos os dias, exigindo isso e aquilo. Hoje eu falei com ele, dizendo que, afinal de contas, tomasse mais cuidado com suas palavras, porque se ele desmoralizar publicamente Scotland Yard irá sofrer tanto quanto nós...

— Mas...

— Um momento. Seu chefe disse-me logo que você era o autor das observações, porém que estava de pleno acôrdio com o que você escrevera.

— Escute, Sir Basil, eu não tenho a menor intenção de desmoralizar a Yard. Meu único objetivo é conseguir informações sobre os casos que a Yard não nos envia. Os investigadores precisam ter mais cuidado e serem mais minuciosos, porque, de outra forma, como poderá meu chefe fazer uma acusação em regra?

— Bem, Kelby, eu não o chamei para recriminações. Chamei-o para fazer-lhe uma proposta. Quero que você venha trabalhar aqui, conosco. Terá, assim, ocasião de demonstrar as suas teorias...

O oferecimento não era generoso; mas era estratégico, porque, depois daquilo, se ele se recusasse haveria um argumento para a Yard tapar-lhe a boca, logo que fizesse qualquer observação: nós oferecemos ao senhor uma oportunidade de mostrar como queria as coisas e o senhor recusou-se... Mas, por outro lado, se ele aceitasse a proposta, perderia seu cargo ao lado do promotor que o estimulava, e o futuro brilhante que todos prediziam para ele estaria inevitavelmente estragado, pois iria enterrar-se na Yard, num cargo de investigador, sem esperanças de tornar-se famoso, ou, o que era mais sério, com um ordenado inferior ao que recebia. Porém não havia remédio: ou estragava seu futuro ou estragava sua reputação e



caía no ridículo. Tomara a primeira alternativa e fora trabalhar para Sir Basil. Justiça lhe seja feita, as investigações que lhe foram confiadas ele as tinha feito magistralmente. Mas resolvera achar um meio para aumentar os magros vencimentos. Certo dia, para grande surpresa de todos os que o conheciam, sobretudo de seu chefe, colocou à sua porta uma taboleta: "George Kelby, detective particular".

Sir Basil ficara furioso, mas nada tinha a ver com o que ele fazia depois de suas horas de trabalho: se bebia, se era dado a mulheres ou... se competia com os patrões.

Eis por que descobrir Rex era uma necessidade: ou, pelo menos, descobrir o dinheiro, para fugir às críticas e aos sarcasmos dos colegas.

— Mr. Kelby!

— Que há, Miss Lime?

— Recebi um telefonema agora mesmo, anunciando que as joias de Lady Branton foram roubadas e que ela quer que o senhor as recupere.

— Onde está ela? Em Londres?

— Não senhor. Na Itália.

— Mas...

— Ia recusar quando lhe veio uma idéia.

— Diga que partirei amanhã mesmo.

— Sim, senhor.

— E...

— Senhor?

— Traga-me o "dossier" de Rex.

— Sim, senhor.

Imagine que grande vitória, pensou Kelby. Achar o dinheiro hoje, e partir amanhã para a Itália...

No dia seguinte os jornais publicaram uma entrevista sobre o sensacional caso de Rex.

"...E quando recebi a notícia do caso das joias, disse Mr. Kelby, resolvi encerrar o caso Rex para poder cuidar dele.

Com a maior perícia o detective descobriu o que queria no espaço de tempo que fixara. Rex continua desaparecido, mas o dinheiro que ele escondia sob nome falso no Banco Agrário foi encontrado. E as notas, cujos números estavam em poder do dono, foram reconhecidas. Mr. Kelby afirma que se desinteressou do caso Rex e agora partirá para a

Itália, onde irá descobrir as joias de Lady Branton. Scotland Yard concedeu ao seu auxiliar as férias necessárias para a viagem."

A Itália, porém, trouxe-lhe mais de um caso. Além do roubo das joias, trouxe-lhe um assassinato. O problema agradou a George Kelby, que encarregou-se dele.

A marquesa della Garda, espôsa americana do chefe da família mais velha da nobreza italiana, matara o marido. E a família, não podendo, nos dias que correm, resolver o caso como o faria há séculos atrás — com outro assassinato — encarregou George de prender a mulher e trazê-la para a Itália, onde deveria ser julgada pelo seu crime. George aceitou. Já conhecia de vista a marquesa.

— Por que aceitou o caso? — perguntou-lhe Lady Branton, cujas joias ele descobrira.

— Interessa-me.

— O caso ou a marquesa?

— Os dois...

— Não vá dar-lhe fuga, só porque ela é bonita.

George Kelby sorriu:

— Lady Branton, a senhora a quem lendo muitos romances... Mulheres bonitas não faltam neste mundo.

— Mas a assassina tem um encanto a mais.

— Veremos.

— Mais uma vez aviso: cuidado para não se queimar. Está brincando com fogo.

Ele tornou a rir e despediu-se.

Em Londres esperava-o a secretária aflita.

— O senhor fez mal em abandonar o caso de Rex...

— Que houve?

— Tenho recebido cartas todos os dias, cartas ameaçadoras... Assinadas Rex.

— Que diz ele?

— Que o matará.

— Hum...

— O senhor precisa fugir...

— Fugir? E por que?

— Aquêlê homem é perigoso... Ele... ele pode estar aqui, agora mesmo, e... e a gente nem sabe.

Kelby olhou em tórno. Os passageiros do avião em que ele viera continuavam a desembarcar. De súbito avis-

(Continua na pág. 42)

ONDE ESTÁ REX?

--- conto de ---
EDGAR WALLACE

MENTHOLATUM
nos ferimentos e
nas contusões.
Acalma e cura
TENHA-O SEMPRE A' MÃO.

"MAMÃE!
TRAGA
O
MENTHOLATUM!"

Na
"PROVA DO TANQUE"
não há outro igual!

exclama Dona
MINERVINA

- Não empedra!
- Não esfarela!
- Faz mais espuma!
- Lava tres dúzias enquanto outros lavam apenas duas!

GRS. 250
TAM. 2
CLAS. 59

MINERVA
CIA. GESSY

O SABÃO MINERVA SAI BARATO PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO

Mas, cuidado! O Sabão Minerva está sendo imitado na cor, mas não na qualidade. Ao comprá-lo, verifique bem a marca. Minerva, agora, é assim...

MUSICAC

SABADO, 11

O espetáculo de sexta-feira constou de uma versão do "Barbeiro de Sevilha" Ouvindo Bruno Landi, Hilde Reggiani, Gerhard Pechner, Francisco Valentino, Americo Basso, outros. Ouvimos até o maestro Carl Alwin. Mas duvidamos muito que tenhamos ouvido Rossini.

Uma vez, quando um soprano ligeiro cantou "uma voce poco fa" com todas as notas que acrescentara à partitura, Rossini perguntou-lhe:

— Diga-me, por favor, madame: de quem é esta linda ária?

Ontem ele teria perguntado:

— De quem é essa linda ópera?

Poderíamos, aliás, atribuir o adjetivo "linda" à sua cortesia para com a colega desconhecida.

Quando Altschuler, regendo, em 1911, um ensaio de "Scherzade," quis demonstrar ao violinista como deveria tocar um trecho da obra, arrebatou-lhe o instrumento e disse:

— Escute! E' assim. Você deve ser apaixonado, ardente! Eis a princesa (o deus apontou ao acaso, destacou um rotundo músico). Você deve mostrar o seu grande amor dando-nos

Mas o maestro era um homem honesto, e, depois de examinar a "princesa" cuidadosamente, arrematou:

— Sinto muito, mas há coisa melhor por aqui.

A direção do Municipal, porém, tinha coisa melhor "por aqui". Tinha Jennie Tour que poderia cantar a ópera como Rossini a compôs. Tinha Maria Augusta Costa, que poderia se desincumbir da versão para soprano ligeiro com mais arte. E qualquer das duas estaria mais perto do compositor que Hilde Reggiani.

O "Barbeiro de Sevilha", de Rossini, é, inegavelmente, uma ópera bufa. Mas não presta, se não forem desvirtuadas as intenções do compositor, à "palhaçada". Deve ser de uma comichão desenhada — um riso de plenos pulmões, bem italiano — mas não estava nos cálculos do autor a vulgaridade.

Esse exagero, entretanto, na minha opinião, veio suprir a monotonia que os intérpretes pouco ágeis deram à partitura. De fato, se o "Barbeiro" tivesse sido regido com o brilho e a graça saltitante que lhe é peculiar, e os intérpretes — e as respectivas vozes — tivessem podido acompanhar a orquestra, tudo estaria bem, e prescindiríamos de agudos intermináveis de Reggiani e dos pianíssimos igualmente intermináveis de Bruno Landi.

Em suma, pareceu-me uma tentativa desesperada de intérpretes inadequados para fazer coisa diferente do que o compositor desejara porque não poderiam fazer o que prescrevera.

Logo na ouverture notou-se o rumo que tomaria o espetáculo, quando Alwin tomou opaca aquela página cintilante.

Depois veio o drama da vivacidade que não era espontânea. Bruno Landi, apesar de se tem dito, não me parece um grande tenor, nem mesmo um bom tenor. Confesso que prefiro Jagel, cuja voz não é extraordinariamente bela, mas que é um artista consciencioso, seguro, a Landi, cujos pianíssimos unicamente são agradáveis, o que o faz alongá-los indefinidamente. E' excusado dizer que Alwin fazia de bom grado pausas para que Landi pudesse tirar os seus efeitos. Oh! que saudade de Schipa!...

— Mamãe, tirei o segundo lugar — disse o menino.

— E quem tirou o primeiro, meu filho?

— Uma menina.

— Mas Zequinha, você deixa uma simples menina passar na sua frente?

— Ah, mamãe, as meninas de hoje não são tão simples como no seu tempo!

Não. Não me esqueci que estava escrevendo sobre a temporada lírica. Hilde Reggiani lembrou-se esta anedota: eis um simples soprano ligeiro — é o que ela é. E não tem a suavidade imprescindível num tipo de voz tão ingrato. Torna sempre mais lento o andamento para apoiar-se nos agudos, obtendo um sucesso popular a despeito do fracasso artístico. Reggiani não parece ter percebido que a voz deve ser utilizada para cantar música, e não a música arbitrariamente empregada para exibir a voz. Não tivemos uma Rosina porque ela não se deu ao trabalho de interpretar o papel. Cantou... cantou. Eis por que digo que é um simples soprano ligeiro e insisto que isto não basta.

Quanto aos outros, e entre eles Valentino, inexpressivos, com exceção de Pechner, que trouxe uma agradável compensação para as liberdades tomadas pelos seus colegas cantando a ária de Rossini "A un dottor della mia sorte", que é geralmente substituída pela fabricação mais fácil, porém insípida, de Romani — "Manca un foglio".

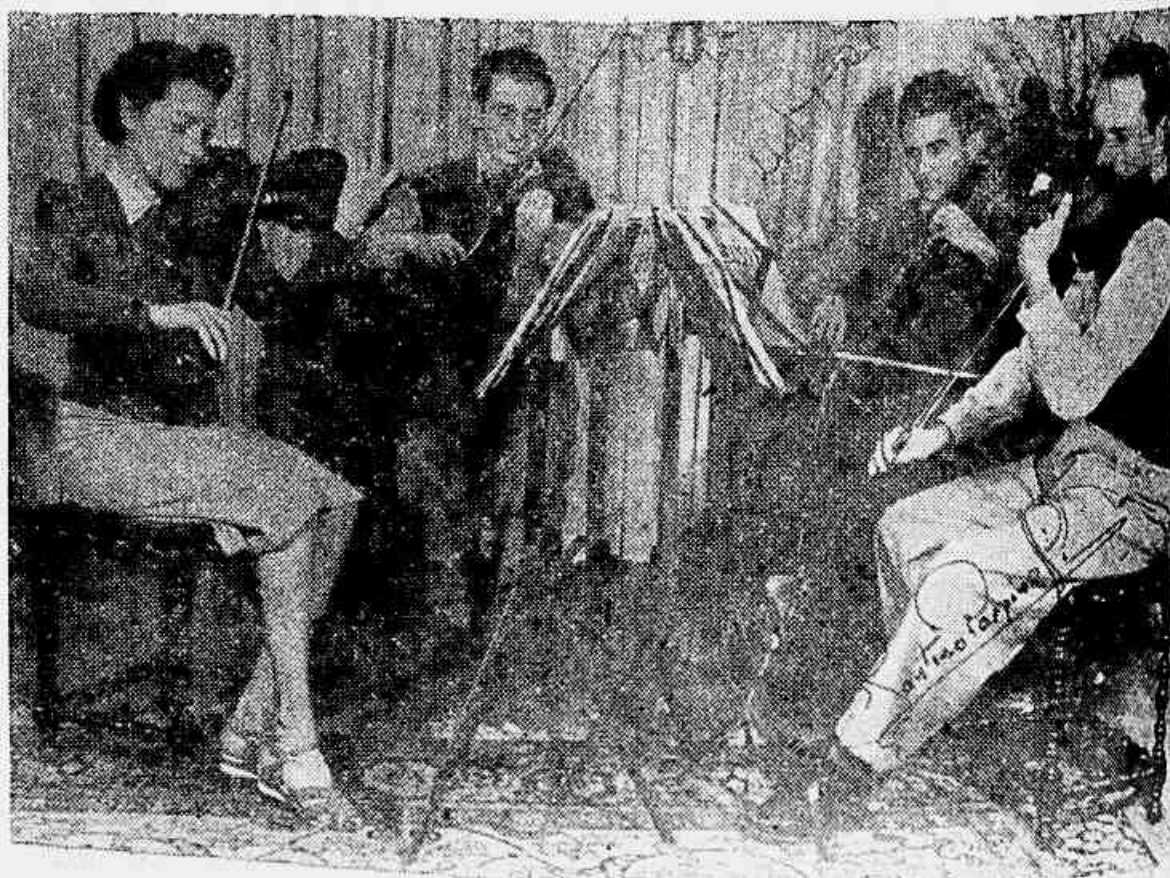
Americo Basso é dono de uma bela voz, de emissão ainda imperfeita e claramente pouco à vontade no difícil papel de D. Basilio. Porém, para ser franco, prefiro que o Municipal se torne teatro-escola para os artistas nacionais, de futuro promissor, do que refúgio de cantores estrangeiros, nem sempre de primeira ordem, a quem não só se estuda: falta sobretudo talento, e isto não se adquire.

SEGUNDA-FEIRA, 13

Hoje, finalmente, o concerto da Sociedade do Quarteto, que tinha sido adiado. Como "guest artist" — usemos a expressão que parece estar na moda — Arnaldo Estrela, tomando a seu cargo a execução do quinteto de Cesar Franck, com a colaboração de Mariuccia, Parpinelli, Niremburg e Parisot, desincumbiu-se da sua parte sem maior relêvo. Talvez, mesmo, um pouco abaixo do nível geral dos executantes.

Não é necessário repetir, aqui, todos os elogios que já foram feitos ao quarteto. Ele já tem a sua reputação assegurada e o futuro garantido. E está, justamente, num ponto perigoso: deste momento em diante, ou adota a atitude louvável de usar de prestígio para fazer com que o grande público admire e ouça a música de câmara, ou isola numa torre de marfim. "Estamos na época da música de câmara", dizia, recentemente, Francis Toye. A música de câmara acima de qualquer outra modalidade. Se a dúvida é ela a forma mais "difícil", a menos acessível, a que exige maior sensibilidade e maior cultura. E é por isso mesmo que o esnobismo, fugindo da popularidade, recorre à música de câmara como a um refúgio para se diferenciar das massas. Isso encerra uma posição de desdém para a ópera e a música sinfônica, que, bem feitas todas as contas, é ridícula. Não vamos fazer deste gênero de música o protótipo do isolamento musical, porque no dia em que o povo tiver cultura não se dirá mais que a música de câmara é privilégio dos entendidos.

ROBERTO LYRA FILHO



O Quarteto Iacovino, cujo concerto é comentado neste número

C I N E M A

"SUA ALTEZA QUER CASAR"

Foi uma agradável surpresa o que nos proporcionou a Warner, com a estréia de "Sua Alteza quer casar". Filme mandado para a tela de quatro cinemas sem maiores desvelos em sua apresentação, deu no entanto muito mais do que se esperava, pois na realidade constitui um excelente divertimento. Mas não é só a história da "princesa adormecida" o que desperta maior interesse, senão principalmente a direção de Norman Krasna, que se revela um atilado e observador homem de cinema. A maneira por que ele nos vai contando as aventuras da princesa Maria com o piloto americano O'Rourke, é de uma naturalidade tão forte que mais parece termos à nossa frente um "causeur" dando-nos o relato de um episódio autêntico. É, assim, uma história muito bem contada, divertida e chela de imprevistos, o que nos dá Norman Krasna, um nome de diretor que, a partir de agora, os senhores precisam anotar em seu "carnet" dos reais valores de Hollywood. Mas o desempenho desse filme vem ainda mais contribuir para o seu agrado. Ali encontramos Olivia de Havilland, que está agora convertida em uma deliciosa comediante, com muito humor e muita naturalidade, ao inverso da miss Havilland de suas primeiras aparições. Robert Cummings está, por sua vez, de uma felicidade absoluta na parte de Eddie O'Rourke, sabendo tirar partido de sua simpatia, quando na realidade ele não é positivamente um ator bonito, dessa beleza convencional do cinema americano. Mas está magnífico nas suas indecisões, em seus atropelos, nos momentos mais delicados da história filmada. Há ainda, contribuindo melhor para o sucesso de "Sua Alteza quer casar", a presença do velhote Charles Coburn, por conta de quem correm algumas gargalhadas estridentes do público, e o casal Jack Carson-Jane Wyman, os amigos inseparáveis de Cummings. A parte final da película transcorre nos domínios da Casa Branca, em Washington, e ali se fazem frequentes referências à pessoa do saudoso presidente Roosevelt. Ele não chega a aparecer; todavia, participa em espírito, e de maneira direta, no remate do filme. E não falta, mesmo, o cachorro de estimação de Roosevelt, aquele irrequieto "Fala" que também nos apareceu, em vida do Presidente, num famoso documentário da Metro.

Temos, assim, uma das melhores comédias do ano em seu gênero, com este filme da Warner. Vão vê-lo, onde quer que esteja sendo exibido, pois serve como um eficaz sedativo para quem está de nervos saturados com tantos filmes de guerra, alguns muito pouco aproveitáveis mesmo.

Mas cuidado com os cochilos de miss Havilland... — C.

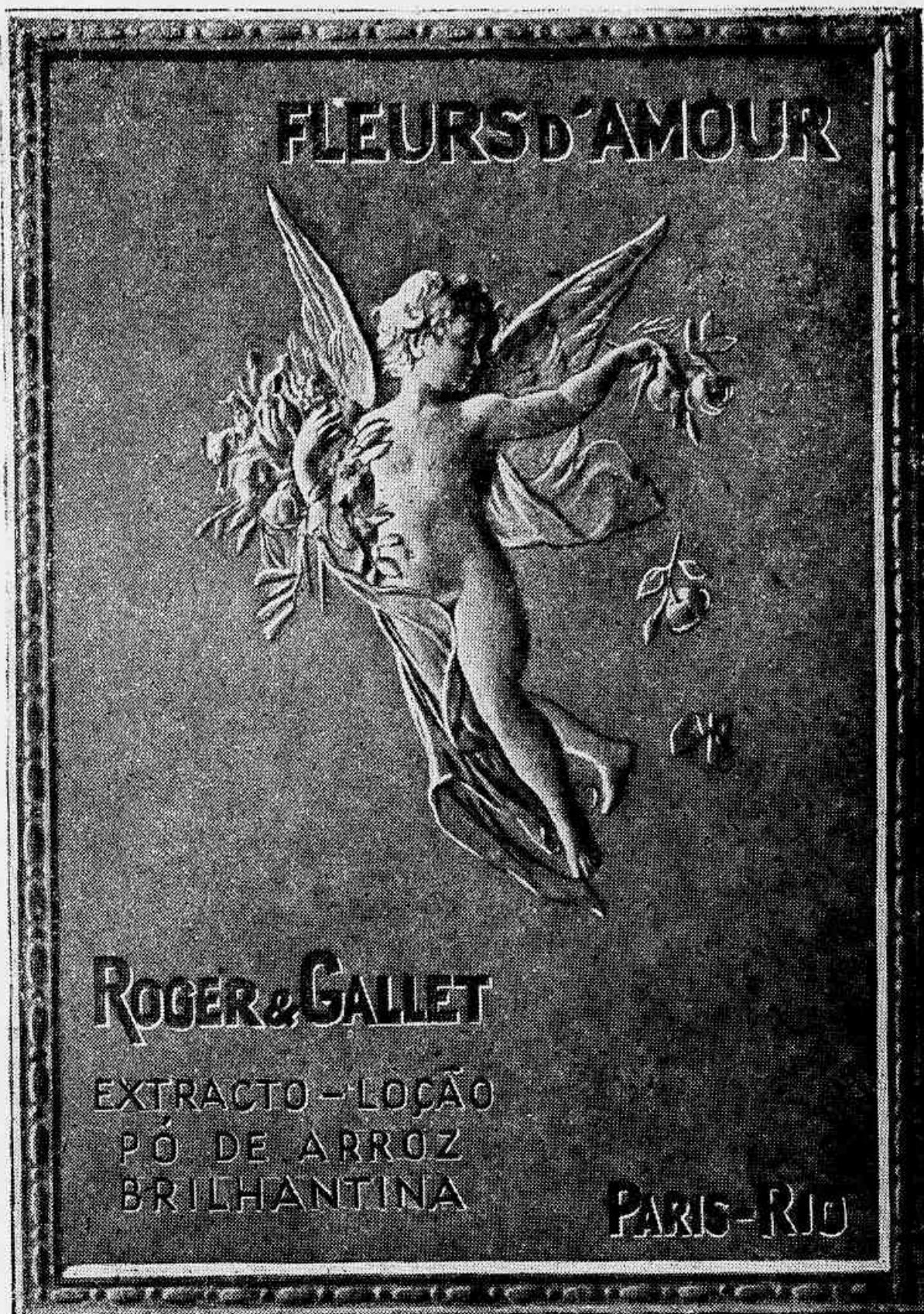
Os dois sucessos mais prolongados do momento são "Você já foi à Bahia?", agora em 8.^a semana consecutiva no Parisiense, e "À noite sonhamos", que se transferiu do Palácio para o Império, onde tomou o lugar de "Santa".

Falou-se esta semana que Beatriz-Oscarito estariam pleiteando o cinema Palácio para ali estrearem muito breve. Mas não se confirmou a notícia. Todavia, se a Empresa Vital já se resolveu a experimentar teatro de revista, por que o circuito Severiano Ribeiro não fará o mesmo?

A "Atlantida" promete filmar, em 1946, o romance "Senhora", de José de Alencar, invertendo nesse empreendimento quase um milhão de cruzeiros.



Uma cena de "Sua Alteza quer casar".



MAGIA E SEDUÇÃO

Linhas ousadas...

cores diferentes...

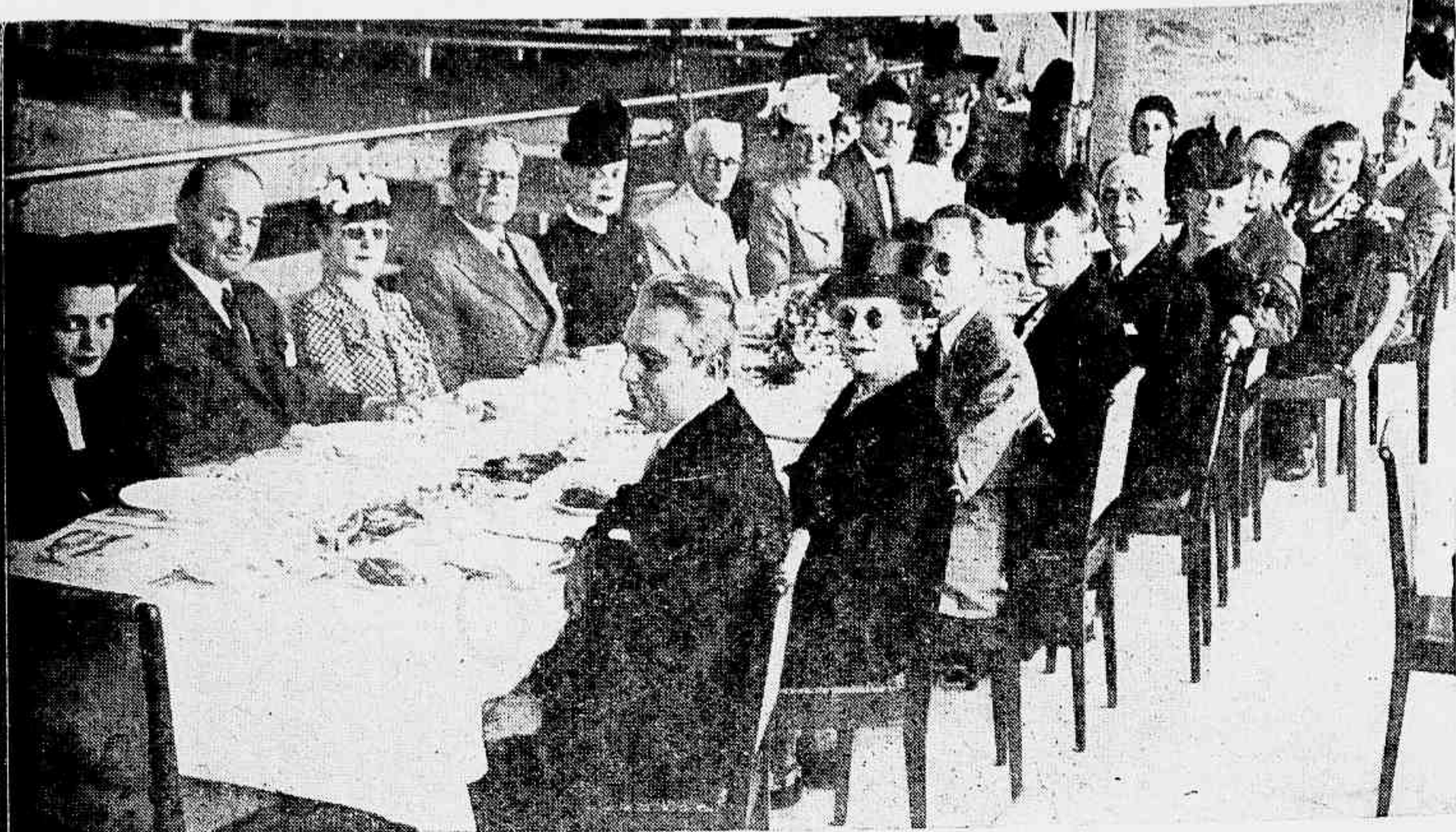
e modernas.

Criações

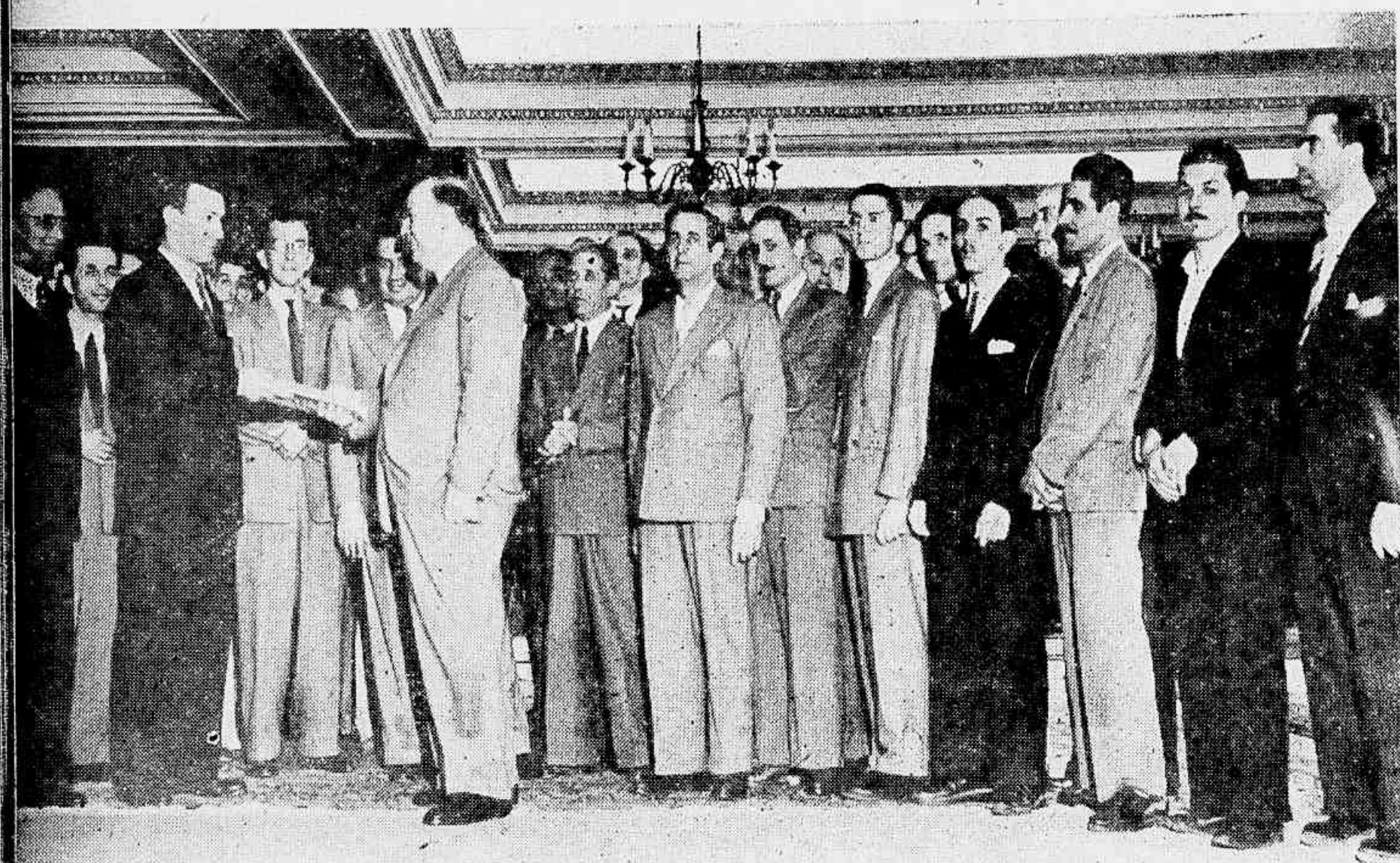
americanas importadas.

Chapéus STETSON

CADA MODELO STETSON
É UMA CRIAÇÃO DIFERENTE:
NÃO HÁ DOIS IGUAIS



Almôço oferecido, no restaurante do Aero-Pôrto, pelo embaixador Sebastião Sampaio ao dr. José Vicente Trujillo, atual ministro das Relações Exteriores do Equador, vendo-se também na fotografia a sra. Dora Pacheco Rodrigues, diretora-gerente do "Jornal do Comércio"; dr. Elmano Cardim, diretor do mesmo jornal; sra. e sta. Cardim; embaixatriz João Carlos Muniz; era. e stas. Sampaio; ministro Mario de Vasconcelos; sra. e stas. Vasconcelos; secretário de Embaixada Carlos Julio Arrosemena; conselheiro de Embaixada Rafael Alvarado; dr. Raymundo Brito; Eduardo Andrade, e João Luso e senhora.



Uma numerosa comissão de operários que trabalham na Organização Henrique Lage, apresentou recentemente ao sr. ministro da Fazenda um memorial, em que hipotecam solidariedade e apoio ao sr. Pedro Brando. Na foto acima vê-se o sr. ministro Souza Costa quando afirmava aos operários que o sr. Pedro Brando continuava merecendo por parte do Governo a mesma confiança que em vida lhe depositou o saudoso industrial Henrique Lage.



Eles são em número de oito e constituem uma grande firma brasileira, expoente no comércio e na indústria. O grupo dos Irmãos Vieira de Castro Gomes é formado por Humberto, José, Armando, Antônio, João, Luiz, Waldemar e Vitor, todos portugueses pelo berço mas brasileiros pelo coração. Em 1913, vindo de Portugal, aportava o primeiro, com a idade de 12 anos, e depois foram chegando os outros, que integraram o todo homogêneo dessa feliz irmandade.



A sta. Nena Machado, cantora do folclore e regional brasileiro, declamadora e compositora paulista, que ora se encontra no Rio depois de ter empreendido uma vitoriosa "tourné" pelos Estados e aqui realizando uma série de audições na Rádio Jornal do Brasil.

FIGURAS E FATOS



O casamento da sta. Aparecida Bianchi, no dia 28 de julho último, com o sr. Orlando Valentim, constituiu acontecimento social de alto relevo na estância balnearia do Guarujá. A noiva é filha do sr. Severino Bianchi, diretor-tesoureiro do "Grande Hotel e Casino Guarujá", e exma. sra. d. Amélia Melo Bianchi. O noivo, expoente do alto comércio paulistano, é filho do casal sr. Domingos Valentim e sra. Alice De Stefani Valentim. Após a cerimônia o casal Bianchi-Valentim ofereceu uma recepção em sua residência aos inúmeros amigos que assistiram à solenidade. O clichê focaliza os nubentes após a cerimônia religiosa.

Dez an
lembra
por ca

— Vo
manhã,

— Co

— Un

E' uma

— P

de você

— C

Beatriz?

— Q

— Q

beml...

de Sau

— A

ela est

sabe c

volta c

— J

noite.

— E

a você

— F

uma l

amigo

— M

— M

se det

Siml

não m

uma

mos f

apaga

meu

mo se

dalo.

infeli

Duran

Depo

de..

—

—

previ

tão

dez

sem

lodo

dela

prom

cam

me

E A

entã

deso

o s

assu

men

—

—

sia

da

Voc

no

del

cus

for

mo

gos

nh

Dez anos depois ele nem se lembrava que quizera morrer por causa daquela mulher...

— Você sabe quem me telefonou esta manhã, Bertrand?

— Como poderia saber?

— Um instinto deveria tê-lo prevenido. É uma mulher que você amou muito.

— Há, no mundo, alguma mulher, além de você, que eu tenha amado muito?

— Como você é ingrato, Bertrand! É Beatriz?

— Que Beatriz?

— Que Beatriz? Como você representa bem!... Não se lembra mais de Beatriz de Saulges?

— Ah! Aquela Beatriz... Pensava que ela estava na China, no Japão... Deus sabe onde... Ela não estava fazendo a volta ao mundo?

— Já fez. Chegou ao Havre ontem à noite.

— E por que cargas d'água telefonou a você logo hoje pela manhã?

— Para retomar contacto... Depois de uma longa ausência. Ela quer rever os amigos: é natural...

— Não sabia que éramos amigos.

— Bertrand! Quando eu penso que quase deixei você por causa dessa mulher... Sim! Eu dizia para mim mesma: "Se ele não me quer mais, se tem necessidade de uma outra, porque me agarrar? Não temos filhos... Acho que meu dever seria apagar-me..." Cheguei mesmo a ir ver meu amigo Lancret para perguntar-lhe como se pode obter um divórcio sem escândalo. Lancret ouviu a história de minha infelicidade e me aconselhou paciência... Durante muito tempo hesitei, consultei... Depois o sacrifício me pareceu muito grande... Fiquei.

— Felizmente.

— Sim, felizmente. Mas quem poderia prever, meu querido, que sua cura seria tão rápida? Você já esqueceu que há dez anos você não podia passar uma hora sem Beatriz, que você esperava ansioso todos os dias a telefonada, que a pedido dela você deixara de cumprir os compromissos mais importantes? Ah! aquela campainha matinal! Ainda a ouço. Ela me dava palpitações todas as manhãs... E Amélia, que, se você estava no quarto, então dava um tom culpado, cúmplice e desajeitado para dizer: "Querem falar com o senhor". Ouvindo isso você também assumia um ar embaraçado, ingenuamente orgulhoso... Era terrível.

— Devia ser, sobretudo, bem ridículo...

— Sem dúvida... Mas eu era demasiado infeliz para apreciar o lado cômico da situação... Lembra-se, Bertrand... Você não se interessava por mais nada no mundo a não ser Beatriz. Se o nome dela era pronunciado em alguma discussão, seu rosto imediatamente se transformava. Era doloroso e tocante ao mesmo tempo para quem observava. Você gostava das pessoas quando elas a conheciam e as coisas porque ela gostava

dela... Você, que era o homem mais razoável e menos supersticioso do mundo, eu vi interessar-se, subitamente, por faquires, pitonisas, taumaturgos... Você corria com ela estranhos escritórios... um animal, passava horas a escolher um gato persa que ela desejava possuir... Você, que sempre me proibira de possuir Aliás, é bem simples: você estava às suas ordens... Ela podia chamá-lo como um cão...

— Você exagera...

— Não exagero nada. Você mudava de projeto três vezes por dia porque ela também era caprichosa. Nossas férias estavam submetidas aos seus desejos... Um verão você me levou até o cabo Norte, a mim, que temo o frio mais que à morte, porque Beatriz partira para a Noruega, no navio de James, e você esperava encontrá-la num porto, ao acaso de uma escalada... Como chorei naquela viagem!... Estava gelada, doente, desesperada... Você, com certeza nem percebeu... Em que está pensando?

— Estou tentando redescobrir os sentimentos daquele tempo. É bem verdade que eu estava louco por aquela mulher... E agora eu pergunto: por que?

— Não seja cínico Bertrand; ela era encantadora... Ainda é.

— Mil mulheres em Paris são mais belas.

— Talvez... Mas ela tinha uma graça séria, quase infantil, que lhe era peculiar... Tinha muito espírito.

— Você acha?

— Era você quem o afirmava, Bertrand.

— Seria um bom juiz? Quando tornar a vê-la não sei o que lhe diga... Parece-me que ela vive com dez clichés que aprendeu comigo e dez histórias que aprendeu com Salvati.

— Você se lembra do dia em que Gaulin a operou, Bertrand? Você estava pálido de angústia. Dava-me pena. Tentei ser sublime naquela manhã. Telefonei, eu mesma, três vezes para a casa da rua Puccini, para pedir notícias. Eram boas e eu as transmitia a você, dizendo: "Não tenha medo, querido! Não será nada de grave!"

— Tinha esquecido isso...

— Que pena!... A ação mais nobre da minha vida, e não restará nem mesmo uma recordação... Diga-me uma coisa, querido, você se esqueceu também do dia em que ela fugiu com Salvati e em que você quis suicidar-se?

— Não tive lá muita vontade, já que não me suicidei...

— Pensou nisso. Começou mesmo uma carta para me anunciar sua decisão. Um dia, arrumando seus papéis, você m'a deu... Quer vê-la?

— Não.

— Sim. Você vai vê-la. Olhe, está aqui: "Minha queridinha, sei que vou causar-lhe um grande desgosto. Peço-lhe perdão. Não tenho mais coragem de viver. Mas quero, antes de fazer baixar o pano, explicar muitas coisas que você não deve ter compreendido. Parece-me que atenuarei sua dor, mostrando que nosso casamento foi muito diferente do que você pensa".



— Isabel, isso é doloroso para mim...

— Você pensa que me foi agradável? "O segredo de uma atitude que deve ter parecido estranha é que quando nos conhecemos eu já amava Beatriz de Saulges. Por que então eu a cortejei e desposel? Porque a própria Beatriz já tinha casado havia pouco tempo; porque eu encontrava em você uma ternura que ela nunca tinha dado; enfim, porque o homem é um ser complexo e eu acreditava sinceramente"...

— Basta, Isabel; queime esta carta.

— Nunca queimo nada... Aliás é uma carta muito saudável, saudável para nós dois... Para lhe ser agradável pulo duas páginas, mas ouça isso: "Seu grande erro, Isabel (porque você também cometeu erros nessa triste aventura) seu maior erro foi essa visita a Beatriz para suplicar-lhe que me repelisse e lhe devolvesse o marido. Nesse dia, minha pobre Isabel, você teve sucesso. Inspirou remorsos a uma mulher que, no fundo, é muito boa. Você separou-a de mim, mas me

separou também de si... Foi depois desse passo, Isabel (passo que eu ignorei durante muito tempo mas que por mil sinais eu adivinhava), que senti que Beatriz me fugia e se aproximava de Salvati. E' por causa desse passo que eu vou morrer".

— Que tom teatral e desagradável!

— Era um rascunho, Bertrand... Mas quero que você ouça ainda esse último parágrafo: "Não tenha remorsos de nada. Minha vida, de qualquer forma, estava acabada e nunca desejei chegar à velhice. Encare esse acontecimento como eu o encaro, com serenidade. Você ainda será amada, Isabel; merece sê-lo. Perdoe-me se não pude fazê-la feliz. Não fui feito para o casamento, mas tive por você uma verdadeira afeição; sem dúvida, se as circunstâncias me tivessem permitido viver eu me teria ligado cada vez mais a você. Mais uma coisa: quando Beatriz voltar, só ou com Salvati, não a trate mal. Esse..."

(Continua na pág. 43)

DEZ ANOS DEPOIS

Conto de ANDRÉ MAUROIS

chil, no dia 28
valentim, cons-
elêvo na estân-
é filha do sr.
do "Grande-
sra. d. Amélia
alto comércio
ngos Valentim-
ós a cerimônia
uma recepção
igos que assis-
za os nubentes
sa.



1 Apesar das insistentes declarações de amor que lhe faz o dr. Durval, é de Flavio de Assis que Maura está gostando. Ela prefere o jovem arquiteto, embora lamentando o seu desleixo, a sua falta de estímulo para o trabalho. Naquele encontro, em casa de dona Candinha, uma vez mais a moça compreendeu que seu destino ficará ligado àquele homem. Intimamente, resolve procurá-lo em seu apartamento e — quem sabe? — fazer-lhe companhia pelo resto da vida...



2 E' justamente o exemplo de uma séria desavença ocorrida entre dona Candinha e seu marido, o dr. Elpidio, o que faz convencê-la dêsse propósito. Depois de tantos anos casados, os dois velhos chegam à emergência de dizerem um ao outro o que realmente pensam. Ou melhor, quem fala é dona Candinha, jogando em cara do marido o trabalho que teve para guindá-lo à bonita situação social e econômica da qual hoje êle desfruta. Tudo com o esforço da mulher...



SEM RUMO

A nova peça apresentada por Dulcina Odilon, depois do sucesso maior da temporada, que foi incontestavelmente "Chuva", de Somerset Maugham — é agora um original de Ernani Fornari. Como sempre, aquele ilustre casal de artistas deram ao espetáculo um desempenho e uma montagem irrepreensíveis. Damos nestas páginas o resumo fotográfico de "Sem Rumor", que teve a seguinte distribuição:

Maura	Dulcina
Flavio de Assis	Odilon
Dona Candinha	Conchita de Moraes
Dr. Elpidio Torres	Manuel Pêra
Professor Victor	Ribeiro Fortes
Dr. Durval	Renat Restier
Rodrigues	Armando Rosas
Marcilio	Milton Carneiro
Norma	Dinorah Marzullo



3 Mas o feitiço de Flavio é aquele mesmo. Quem o examinasse o coração, por certo nele descobriria um grande afeto por Maura. Todavia, alimenta receio de não ser correspondido. Ela é tão diferente... as confidências que lhe faz o dr. Elpidio sobre seus desgostos conjugais, ainda mais lhe fortalecem o ceticismo. Também Marcilio e Rodrigues, os dois criados da casa, compadecem de Flavio. Ele é um homem sem rumo, perdido a bússola do tempo, reclamando um guia capaz de orientá-lo. Uma alma errante.



4 As palavras do professor Victor, um quiromante que naquela noite é também recebido em casa de dona Candinha, vaticinam coisas pouco agradáveis em relação a Maura. Ela irá seguir um destino cheio de percalços... E embora não seja fácil de suggestionar, Maura fica realmente impressionada com as profecias que escuta. Se é esse o seu destino, resta-lhe apenas cumpri-lo. Mas que consequências irá ter essa deliberação de Maura? E a moça continua apreensiva...

5 A essa prova do professor Victor assistem os dois homens interessados em Maura. Flavio, no seu lugar costumeiro, olha com aparente desinteresse enquanto vai bebendo o seu "whisky". Por sua vez o doutor Durval parece não estar gostando muito da cena. Ele sabe que Flavio merece atenções especiais da mulher a quem quer tomar por esposa... E o quiromante está falando em outro homem... Este só pode ser o seu rival, que ali se encontra, muito perto, aliás...

6 O eterno triângulo ali está. Maura e dois homens que apareceram em sua vida. O doutor Durval e o engenheiro Flavio... Por quem optar? Maura chegou a fazer a sua grande experiência. Quebrando todas as convenções de sociedade, abalou de casa e foi experimentar uma vida em comum com o jovem arquiteto. Chegou a fazer, dele, um profissional de renome. Flavio havia encontrado um rumo, enfim... Mas quando, um dia, compreendeu que tudo quanto era, agora, o devia também a Maura, tal como acontecera com dona Candinha e Elpidio, resolveu fugir. Deu para ausentar-se de casa. E quase maltratava a moça... Esta compreendeu ser inútil o seu sacrifício. E voltou para a casa antiga, onde a esperava sempre Durval...

Dulcina
a tempora
Chuva", d
um origina
re, aquêl
espetácul
irrepreen
sumo foto
a seguint

a de Mora
Pêra
Fortes
estier
o Rosas
Carneiro
Marzullo



mo. Quem
descobriria
imenta rece
diferente...
seus dese
o ceticism
dos da casa,
em rumo, p
guia capas





7 A ausência de Maura despertou em Flavio a verdadeira explosão do seu amor. Agora, que a não tinha mais a seu lado, para encorajá-lo, para fazer dele um homem útil, compreendia o quanto lhe havia sido proveitosa em todos os sentidos. E, desesperado, Flavio resolve procurá-la. Não é fácil ser recebido por Maura, novamente, em casa de dona Candinha, mas consegue essa aproximação graças ao auxílio do dr. Elpidio. Sua troca de palavras com Maura é interrompida com o aparecimento de Durval. E só então ele sabe o que aconteceu: desiludida de o regenerar, embora talvez continuando a amá-lo, Maura resolveu aceitar o oferecimento antigo de Durval. E casou-se com ele, dias antes, em São Paulo, muito na intimidade. Tão na intimidade que nem dona Candinha ainda sabia do acontecimento... Flavio não esperava esse desenlace. Ele acabava de descobrir que realmente amava a Maura e não poderia passar sem sua companhia...



8 E agora? O que poderá ainda reservar-lhe o futuro? Nada, positivamente nada. Agora ele voltará aos seus vícios de sempre. Continuará bebendo o "whisky" do velho Rodrigues, que também se compadeceu da sua sorte mas nada pode fazer... Desistirá de ser o engenheiro famoso, construtor de obras capazes de imortalizá-lo... — E agora? — indaga também Rodrigues. Sim, agora? Nada mais. A partir de então, Flavio de Assis será novamente o homem sem rumo, sem destino, sem uma companhia amiga, solitário e triste, bebericando o seu "drink" e desiludido de tudo, de todos... E todavia sua vida poderia ter sido outra, tão melhor, tão diferente! Se ele tivesse ouvido a palavra de Maura, cujo sacrifício por amor chegara ao extremo de o acompanhar sem sequer estar presa aos laços matrimoniais... Mas seu destino era aquele mesmo. E novamente sóto, desarvorado, homem sem rumo e sem ideais, ele continua bebendo...



bertou em
ão do seu
inha mais
á-lo, para
mpreendia
eltosa em
do, Flavio
ser rece-
n casa de
essa apro-
r. Elpidio,
ra é inter-
de Durval.
teceu: de-
ora talvez
resolven
de Durval.
s, em São
o na inti-
nha ainda
do não es-
cabava de
a Maura
mpanhia...

ainda re-
a, positiva-
voltará aos
Continuará
Rodrigues,
a sua sorte
tirá de ser
or de obras
E agora?
sim, agora?
Flavio de
m sem ru-
companhia
ericando o
ndo, de to-
ria ter sido
nte! Se ele
aura, cujo
ao extremo
estar presa
s seu des-
amente sól-
umo e sem
ndo...



JINX FALKENBURG (Columbia)

A bondade, a delicadeza de sentimentos são a essência de uma perfeita educação. Quem é bom, quem é essencialmente bondoso, é naturalmente educado. O gesto de oferecer lugar às pessoas mais velhas, de estender a mão a um cego, de amparar um aleijado na descida de um veículo ou no turbilhão de uma rua, tudo isto é mais um reflexo da bondade, é mais o indicio de uma alma delicada e compassiva do que, propriamente, o gesto de um grãfino. Uma pessoa pode conhecer teoricamente todas as regras de uma ótima educação e não ter a espontaneidade, a naturalidade que somente o impulso fraternal é capaz de imprimir às suas atenções para com as outras criaturas. O cuidado que se tem, no atropelo dos veículos, no vai-e-vem de um salão para não molestar os outros; o sorriso pronto que se traz sempre à flor dos lábios para oferecer a quem nos fala ou nos saúda: tudo isto é fruto da boa-vontade para com os nossos semelhantes.

Antes de nos preocuparmos em ministrar aos nossos filhos as regras de civilidade, nós devemos cultivar as flôres da ternura e da fraternidade. A ternura e a fraternidade são os melhores mestres do bom-tom. O jovem ou a jovem que possua estes princípios primordiais facilmente se tornará um perfeito cavalheiro ou uma grande dama. Ser bom é ser cortês, pois a cortesia é, antes de tudo, um gesto de simpatia para com o próximo. Um homem mau pode ser educado, mas logo se percebe o artificialismo das suas maneiras. Ao passo que as pessoas bondosas a cada momento são gentis mesmo sem o perceber. Eduquemos, pois, os nossos filhos na escola da bondade, e eles serão encantadores.

Jeszy Barbosa

Noa Bastidores Feminino

ONTEM E HOJE

Era assim que se vestiam, cobertas da cabeça aos pés, as pequenas bonitas de antigamente, quando dispostas a mergulhar nas ondas. Tal como se vê nas duas gravuras à esquerda, Joan Leslie mostra-nos duas poses retrospectivas das banhistas de 1870, contemporâneas da guerra prussiana e do término da guerra Brasil-Paraguai. A bem dizer, as pequenas molhavam-se mas não era muito...

Setenta e cinco anos passados — quanta diferença, senhores! Aqui estão, na gravura imediata, Lee e Lynn Wilde, duas novas "estrelinhas" da Metro, vestidas (não será força de expressão?) tal como se costumam banhar em Palm Beach. Se o que é belo é para se ver, então as contemporâneas de nossas vovós não tinham grandes predicados de beleza para escancarar aos olhos ávidos de emoções novas, dos nossos preclaros avós... Em compensação, que linhas esculturais e que encantos maravilhosos, os das garotas californianas de nossos dias!

Mas se em setenta e cinco anos houve tão pronunciada evolução nos figurinos de banhistas, é caso para estremecermos de pavor, imaginando o que pode ainda evoluir — ou involuir, quem sabe... — nos modelos que as banhistas hão de adotar aí por volta de dois mil e qualquer coisa...



DJE

as pequenas
ondas. Tal
tra-nos duas
s da guerra
m dizer, as

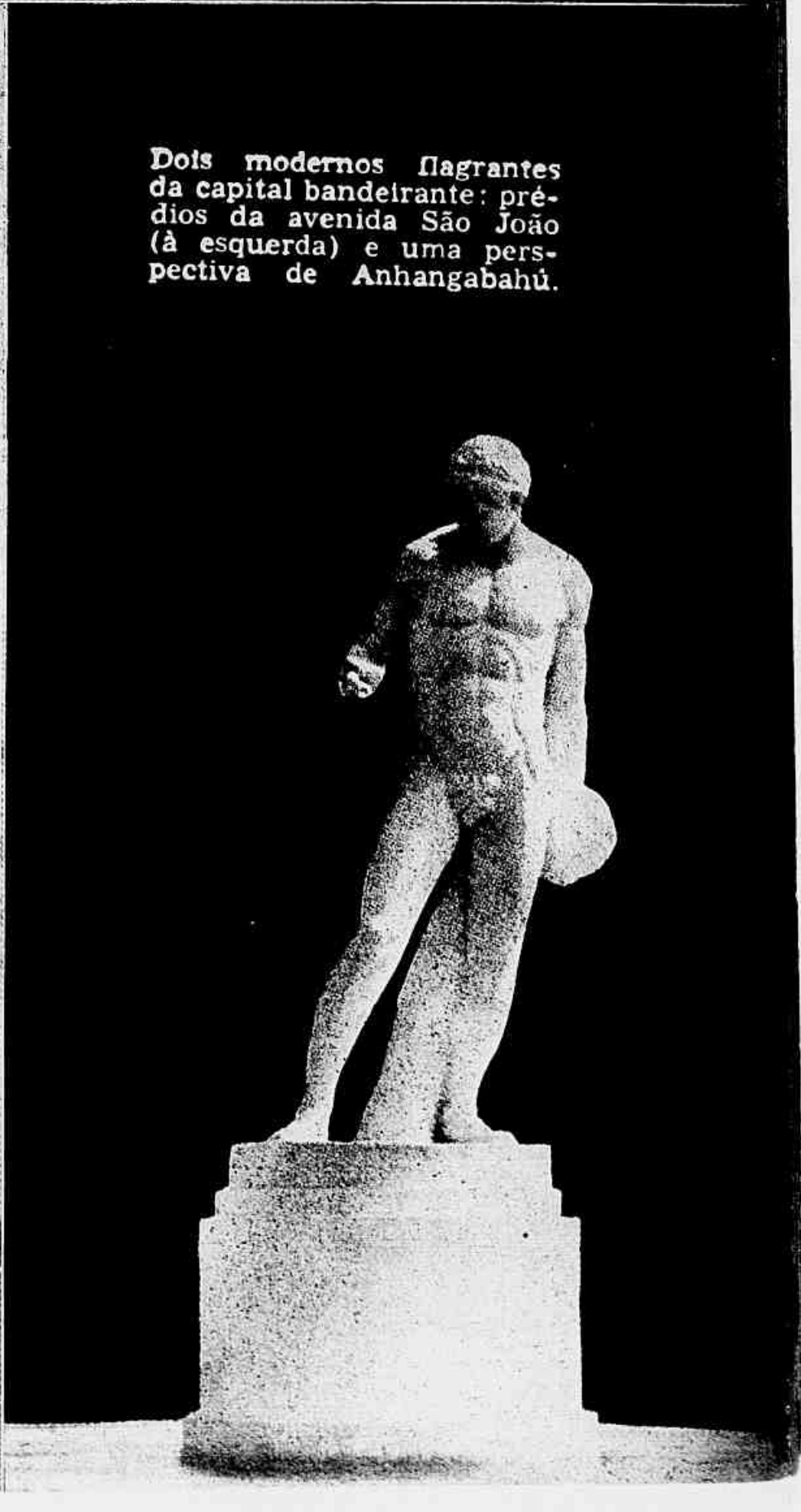
nhores! Aqui
"estrelinhas"
se costumam
nião as con-
os de beleza
nossos pre-
que encantos

da evolução
pavor, imagi-
e... — nos
dois mil e

SÃO PAULO MONUMENTAL



Dois modernos flagrantes
da capital bandeirante: pré-
dios da avenida São João
(à esquerda) e uma pers-
pectiva de Anhangabá.



São Paulo é a cidade que surpreende sempre os turistas com os seus novos aspectos e as suas metamorfoses súbitas. Onde encontramos um dia uma árvore, vemos um ano após um arranha-céu. No lugar onde estivera um matagal, ergue-se um bairro populoso e nobre. As avenidas recém-traçadas vão dando à planta da Paulicéia uma forma nova. Os pneumáticos rolam sobre o asfalto das ruas jovens que invadem os velhos limites da "urbs" bandeirante. O cimento armado forma muralhas compactas, que correm em linhas marginais as amplas vias, ligando as praças cheias de movimento e de vida. E São Paulo continua a crescer, não só no sentido dos pontos cardiais como também para cima. Os cumes dos arranha-céus são hoje o símbolo da vontade e do esforço paulistas, traçados no aço e no cimento. O centro urbano da metrópole é um formigueiro gigante, onde a multidão trabalhadora se locomove apressada, no afã de seu labor e no entusiasmo de seu dever.

Longe, atrás da muralha de arranha-céus, estão dormindo ao sol, nas horas de trabalho intenso, os palacetes do Jardim América, do Jardim Europa e de Perdizes. A avenida Paulista goza a sesta, enquanto as fornalhas fundem o aço de novas construções e as perfuratrizes rasgam as rotas de novos caminhos.

Os "camarões" deslizam em velocidade pelas ruas fervilhantes de gente. Os carros "Pulmann" das estradas de ferro e os expressos atrasados da Central vão lançando pela porta das estações os viajantes apressados, enquanto pelas outras portas entram as multidões de forasteiros que deixam a metrópole bandeirante.

À margem das ruas estreitas do Braz e da Mooka as chaminés fumegam incessantemente, lançando aos céus penachos cinzentos, que são bandeiras desfraldadas em louvor do trabalho heróico e contínuo dos homens da São Paulo pobre. Assim é hoje, em agosto de 1945, a velha vila de Piratininga de Anchieta. Assim



é a São Paulo de hoje: monumental, exuberante, laboriosa e sofredora.

Maravilhosa e parada, cheia da doce sonolência de estação de águas se a virmos dormindo ao sol, por trás dos jardins floridos dos bairros da elegância.

Cosmopolita, apressada, arrojada, se só tivermos olhos para os aspectos de seu centro comercial. E sofredora, heróica, se formos fotografá-la lá longe, atrás da Estação Norte, nos becos tortuosos e nas máquinas enfumaçadas.

E a cidade continua a crescer... Sobem para o céu as cúpulas gigantes de seus colossos arquitetônicos, bairros modernos conquistam novos horizontes.

De um dia para outro surgem novos palacetes, enfeitando as avenidas amplas e arborizadas que correm entre os jardins floridos da cidade de sonho.

Por tudo isto nunca é de mais falar em São Paulo. Hoje oferecemos aos nossos leitores mais alguns aspectos fotográficos da grande metrópole, muitos dos quais são inteiramente novos para aqueles que não visitam há mais de um ano o planalto de Piratininga.

O Rio sente, como qualquer outra "urbs", o impulso do progresso vertiginoso que atravessa o mundo. Mas em São Paulo essas metamorfoses são mais violentas; tudo ali se passa com maior rapidez.

A cidade nos surpreende a cada visita, mostrando-nos sempre coisas inteiramente inéditas para o nosso conhecimento de brasileiros. São Paulo é, além disto, uma cidade cem por cento cosmopolita. E esse cosmopolitismo não se revela apenas no linguajar de seus habitantes, no costume de sua gente. Aparece na própria estrutura de seu prédios, mostrando-se em toda a sua plenitude, na multiformidade e no colorido da arquitetura heterogênea que preside às construções de seus bairros residenciais e de suas artérias mais centrais.

Eis aí São Paulo.



Assim é São Paulo: monumental, dinâmico; um poema de cimento armado erguido em Piratininga.

Enquanto a vida vibra em toda a sua plenitude no centro, dormem ao sol dos bairros da elegância.



O ALMA - GRANDE

Conto de **MIGUEL TORGA** Ilustração de **JOSÉ ANTONIO**

batiza e ensina o catecismo por perguntas e respostas.

— Quem é Deus?

lãos, que não há quem possa desconhar que por detrás da sagrada cartilha está



plantado em sangue o Pentateuco. Mas está. E à hora da morte, quando a um homem tanto lhe importa a Thora como os Evangelhos, antes de o padre João vir dar os últimos retoques à pureza da ovelha, para que no derradeiro arranco a língua não abra mão daquele segredo — abafador.

Dêses servos de Moisés, encarregados de abreviar as penas dêste mundo e salvar a honra do convento, o maior de que há memória é o Alma-Grande.

Alto, mal encarado, de nariz adunco, morava no Destelhado, uma rua onde morava ainda o vento galego, a assobiar sem descanso o ano inteiro. Quem vinha chamar aquêlê pai da morte, era certo e sabido que tinha de subir pela encosta acima a lutar como um barco num mar enapelado.

— Raios partam o vento!

Mas quê! Como o Alma-Grande era certo na casa da esquina, sempre ao borralho, era certo aquêlê bafo da Sanábria a varrer tudo.

À porta, já se sabia:

— Tio Alma-Grande! Ó Tio Alma-Grande!

— Lá vai...

Daí a nada o moribundo encontrava a paz nas mãos e sob o joelho do Alma-Grande.

Entrava, atravessava impávido e silencioso a multidão que há três dias, na sala, esperava impaciente o último alento do agonizante, metia-se pelo quarto dentro, fechava a porta, e daí a nada saía com uma paz no rosto pelo menos igual à que tinha deixado ao morto. Os de fora olhavam-no ao mesmo tempo com terror e gratidão. Às vezes, uma voz ou outra, depois da sua partida, levantava-se do fundo da consciência e protestava; mas no dia seguinte acontecia ser essa mesma boca que no alto do Destelhado, sobrepondo-se à fôrça do vento, chamava:

— Tio Alma-Grande! Ó Tio Alma-Grande!

— Lá vai...

E aparecia à porta daí a nada.

Quando a hora de Isaac chegou, foi um filho seu, o Abel, que trepou a ladeira. O garoto vinha excitado, do movimento de casa, que chegara ao auge, da voz estranha com que a mãe o mandara chamar o Tio Alma-Grande, e da ventania.

— Então o que é que o teu pai tem, rapaz?

O pequeno olhou fixamente a cara sêca do abafador.

— Febre...

— Bem, vamos então lá...

— E que é que o Tio Alma-Grande lhe vai fazer?

— Vê-lo.....

Pela ladeira abaixo só o vento falava. Rouco de tanto bradar, monocórdico, persistente, era nele que tinha expressão a intimidade de ambos: um, o pequeno, nervoso, inquieto, a braços com pressentimentos confusos, que se recusavam a sair-lhe do pensamento; o outro, o velho, a aceitar aquêlê destino de abreviar a morte como um rio aceita o seu movimento.

Em casa havia lágrimas desde a ombreira da porta. Mas a entrada do Alma-Grande secou tudo. Atrás dos seus passos lentos e pesados pelo corredor ficava uma angústia calada, com a respiração suspensa.

— O que é que êle lhe vai fazer, minha mãe? — perguntou, sem poder mais o Abel, quando a porta do quarto se fechou.

A Lia respondeu ao filho com duas lágrimas silenciosas pela cara abaixo.

Lá dentro, o Isaac, na cama alagada de suor, parecia ter chegado ao fim. Branco, com dois olhos perdidos no fundo da cara, epresso, como que só esperava a ordem de largar a vela. Tinha adoecido havia quinze dias. Um febrão tal que o dr. Samuel desanimou. Vêlo, tornou a vir, e acabou por aconselhar que tratasse sem do caixão. Mas como o Isaac era cedro do Líbano de lei, no cerne, depois dêsse desengano ainda a febre o mordeu seis dias sem o comer. E sempre de olho vivo. Gemia, gemia, finava-se, mas sempre com aquelas duas contas de azeviche a reluzir. Acabou, contudo, por lhe pousar no rosto uma sombra estranha; e a mulher, a Lia, abriu mão de sua esperança. Dois dias mais, e como na sala a d. Rosa lembrasse a confissão dela, um irmão do Isaac, o Daniel, chegou-se à cunhada e deixou cair, como quem não quer a coisa, o nome do Alma-Grande. A mulher, a princípio, reagiu quanto pôde. Mas a perspectiva do padre João a entrar-lhe pela casa dentro, venceu-a. Mal rompeu a manhã, com uma voz que fez medo ao filho, mandou-o chamar o abafador.

Quando o Alma-Grande entrou, o Isaac estava no alto de um combate que quase sempre se fere de corpo hirtó e deitado. O inimigo era uma parte de si mesmo, que o queria perder. E a outra metade, um pedaço de ser nobre e agradecido à seiva, corajosamente defendia o resto da muralha. As bagadas pelas témporas abaixo e um ritmo apressado da respiração eram o único sinal desta guerra. Mas não era preciso mais, a quem olhasse com limpos olhos humanos, para sentir a grandeza e a solenidade de tal hora.

Por desgraça, o Alma-Grande não podia ver aquilo. Cego de natural condição para os mistérios da vida, sem o estretecimento de uma fibra sequer, avançou para o leito como das outras vezes. O seu papel não era olhar; era ir inteiro com as mãos ao pescoço, com o joelho à arca do peito, e retirar-se uns minutos depois, como um instrumento que tivesse cumprido exatamente a sua função.

No seu castelo o Isaac pelejava sempre. Como um fole pressuroso, o arcabouço ia metendo ar na fornalha; espesso, cálido, ativo, o suor ia brotando daquele vulcão.

Penetrada da fundura do momento, toda a casa era um sepulcro; e êste silêncio de fora encontrava no quarto a sua terra.

Calado, o Alma-Grande avançou. Mas quando de mão abertas e joelho dobrado ia a cair sobre o Isaac, fê-lo parar uma voz diferente de tôdas as que tinha ouvido, que parecia vir do outro mundo, e dizia:

— Não... Ainda não... Ainda não...

Quantas vezes o abafador tinha escutado aquilo, gritos de desespero, apelos sôfregos e angustiados, sem se deter na sua missão sagrada! Quantas vezes! Desta, porém, os gemidos batiam-lhe em cheio não sabia em que fibra do corpo.

— Não... Não... Ainda não...

Um pano escuro que até ali vendara os olhos do Alma-Grande queria-se rasgar de cima a baixo. E o abafador, suspenso entre as trevas do que lhe pedia

o hábit
uma ta

— N

Era
luta qu
que nu
tava-se
saber
ia ser

Estiv
cravado
do, o
quente
testa d

Foi
uma p
centroq
Alma-G
de rep

ribund
um bo
assass
Mas
a algu
apena
rado,
Um
livrar
presen
ram à
a sua
o asso
tragos

o hábito e a luz que aí vinha, era como uma torrente subitamente sem destino.

— Não... Ainda não... Ainda não...

Era terrível o que se passava ali. A luta que o Isaac sustentava contra forças que nunca ao certo se conheceram, juntava-se o embate dos dois homens, um a saber que ia matar, outro a saber que ia ser morto.

Estiveram assim algum tempo, de olhos cravados um no outro, a medir-se. Pesado, o suor escorria pela cara do Isaac; quente, o sangue batia numa veia da testa do Alma-Grande.

Foi o ruído súbito e em guincho de uma porta que fez explodir aquela concentração. O barulho a acontecer, e o Alma-Grande, como um pêso suspenso e de repente liberto, a cair em cima do mo-

seu caminho. Bem que ele agora sabia que era matar a razão dos seus anos. Em vão. O puro instinto não tinha coragem para empurrar aquelas mãos e aquele joelho diante de uma testemunha.

Ergueu-se. Da sua testa caíam bagas de suor iguais às da testa do agonizante. Voltou-se. E, sem coragem para encarar os arregalados e aflitos olhos do pequeno, que o varavam como punhais, silenciosamente, saiu. Atravessou a sala sem a grandeza trágica das outras vezes. Deixava atrás de si a vida, e a vida, mais que a ninguém, não lhe dava grandeza.

sido mais negro. O Isaac vira as garras da morte ao natural; o Alma-Grande olhara pela primeira vez a fundura de seu pôgo; o pequeno, êsse pressentira coisas que o seu entendimento não clarificara ainda.

Vagaroso, o tempo foi passando; e com ele apagara-se já de todo na lembrança da terra a doença do Isaac. Missa e Sabbath.

Os três, porém, debruçavam-se sem des-

que o seguia como um cão de fila, lhe saltou à estrada. Testemunhas, só Deus e o Abel, que, sem o pai ver, o acompanhava por sua vez como uma sombra, e olhava aquilo por detrás de um fração.

— Não matarás...

Mas isso era no Evangelho. Numa outra lei, o Alma-Grande sabia como são apertados certos caminhos.

— Não matarás...

O Isaac, porém, olhava o Alma-Grande com os mesmos olhos com que saíra uma vez do seu limbo para o ver.

— Não... Não...



JOSÉ
ANTONIO

ribundo. Nem uma palavra só. Apenas um baque surdo, e as mãos sôfregas do assassino à procura do pescoço do Isaac. Mas a porta que rangera dera entrada a alguém. A um vulto que o Alma-Grande apenas adivinhava por detrás de si, parado, lívido, a tentar compreender.

Um esforço supremo do Isaac para se livrar das garras que o procuravam, e a presença atônita à entrada da porta, tiraram às mãos e ao joelho do Alma-Grande a sua força. Bem que se extremara em si o assassino, o animal que bebia a grossos tragos o fio de vida que encontrava no

Quando, um segundo depois, a Lia, como um bicho culpado, entrou no quarto, o filho estava sentado na cama, com a pequena mão na testa do pai. A criança não chegara à fundura total de todo o drama; mas o seu coração ditava-lhe a mãozinha ali, na fronte escaldante do que lhe dera o ser, como lhe ordenara já a entrada sorrateira e inquieta no quarto.

E foi talvez a mão inocente e filial que fez correr novamente na testa do Isaac o sangue são da vida. Sem confissão, vinte dias depois, comia o caldo ao lume como se nada tivesse sido. E nada tinha sido realmente para toda a gente da terra, menos para ele, para o filho, e para o Alma-Grande. Os outros passaram da agonia à morte e da morte à ressurreição, como se passa do sol ao frio e do frio novamente ao sol. Só os três sabiam, de maneiras diversas, que o drama tinha

canso sobre o lago onde se refletia a imagem negra do passado. O Isaac, cada vez mais dorido, olhava, olhava, e via a vingança; o Alma-Grande, cada vez mais culpado, olhava, olhava, e via o medo; o pequeno, inocente, via apenas a angústia de não entender. E os três formavam como que um oásis de desespero no deserto calmo da povoação. Nenhum deles se falava, fora do filho a pedir a bênção ao pai, do pai a dar-lha; e de uma saudação ambígua e monossilábica do Alma-Grande ao passar pelo Isaac. Mas traziam-se guardados uns aos outros, como se nenhum deles quisesse perder a hora em que, para a eternidade, varressem do céu das suas vidas a nuvem pesada que o toldava.

E êsse momento, finalmente, chegou.

Vinha o Alma-Grande de ver a filha e os netos, em Bobadela, quando o Isaac,

Mas o Isaac era o mais novo e o mais forte. E, quando o Alma-Grande foi a dar conta, estava no chão, de costas, com o pescoço apertado nas mãos do outro e com a táboa do coração sob o pêso infinito de um joelho.

— Não... Não...

O pequeno, do penedo, via a cara congestionada do Alma-Grande, e ouvia o esforço do seu peito para forçar o garrote.

— Não...

Seguras, inexoráveis, as mãos iam apertando sempre. E, com mais um estertor apenas, estavam em paz os três. O Isaac tinha a sua vingança, o Alma-Grande já não tinha medo, e a criança compreendera, afinal.

PENTEADOS

A arte de bem pentear, a moda requintada de tirar o melhor efeito dos cabelos, principalmente agora quando o uso do chapéu feminino está sendo gradativamente abolido, desperta o maior interesse e provoca os comentários mais entusiásticos. Nesta página Eleanor Parker, "estrela" da Warner, apresenta o seu mais moderno penteado, que se denomina "Crista de galo". E' deveras original e harmonioso, coroando a beleza serena da artista. Observemos três aspectos desse trabalho, onde o capricho de um cabeleireiro tão bizarramente se esmerou. Mas é preciso também apreciar a outra inovação, hoje em ampla difusão aqui no Rio: o enfeite no pescoço. Uma fita de veludo, ou um pequeno colar de contas, bem ajustado ao pescoço e prêso por um broche em estilo antigo. Há também quem faça substituir o broche por uma pequena cruz de brilhantes, mas o realce maior será obtido com um medalhão tipo camafêu. Os penteados de Eleanor Parker — que posou com o tipo a ser apresentado em seu novo filme "Of Human Bondage" — são característicos e muito aconselhados para as jovens de fisionomia calma, serena e lúcida, e de olhar místico, qual o dessa "estrela". A cabeça quase "à la home", deve contrastar com a orelha inteiramente descoberta, mas com o toque feminino imprescindível do par de brincos.



ESCRAGNOLLE DORIA GENTE DE ARTE

COM artistas de importantes teatros norte-americanos, cantando em alemão, o *Tannhauser*, opera de Wagner e de Schubert, acaba de abrir-se temporada lírica de 1945. Ouvir opera sempre foi gosto da cidade carioca e, a sua renovada gente. Isto no próprio tempo colonial, do que dão fé viajantes estrangeiros. Nos dias do Império, e de 1840 em diante, o gosto carioca pela opera foi grande, assim mantido nos dias presentes.

Da época mais próxima do Segundo Reinado restam poucos últimos abencerragens, para dizer à Chateaubriand, os melomanos do *Teatro Provisorio* substituídos pelos Trezentos de Gedeão, para dizer à Bíblia.

Na lembrança de antigas temporadas líricas dos cariocas venham à flôr de memória os triunfos cênicos de dous artistas de outra época — Tatti e Mirate — ajuntando-se-lhes à lembrança a de um compositor — Mascagni — cuja recente morte evoca recordações de mais de meio século.

FELIPE TATTI

Este tenor italiano foi favorito da plateia carioca, chamando também sobre si a atenção de personagens nossos. Desta atenção há prova em pagina de *Reminiscências* do visconde de Taunay, livro aquele de inêdito depoimento anedotário acerca da política e dos políticos do Segundo Reinado de cuja vida o autor da obra participou na guerra e na paz.

Tratando da por assim dizer da estreia parlamentar à pampieiro, de Silveira Martins na Câmara dos Deputados, Taunay refere-se no visconde do Rio Branco, orador de primeira ordem, a cujas palavras, todas de peso e autoridade, dava realce a distinção da figura e do traje.

Presidente do conselho de ministros, apresentava-se à Câmara dos Deputados "todo de preto, de cerimoniosa casaca, em que fulgia a meio escondida a grande placa do Cruzeiro, de que era dignitário".

Na tribuna costumava Rio Branco levantar ao ar o indicador da mão direita fechada, o gesto ironicamente apontado, num folhetim político de Joaquim Serra:

Embaíha, ó Rio Branco, este teu dedo

Segundo Taunay, o próprio Rio Branco assim explicava o seu gesto. "Quando a idéia, dizia ela, não vale por si bastante alto. Faço como o Tatti. Esse Tatti, contada ele fôra tenor celebre no Rio de Janeiro."

Para glória do tenor mais esta nota de Taunay: "Perguntando o Imperador, um dia, ao marquês de Abrantes que tal achava o Tatti, respondeu o *canário* do Senado (como lhe chamavam). Quando ela não pode alcançar a nota que tem de dar, fiska-na na ponta do dedo e mostra-a ao publico. Ai é que o aplaudo com entusiasmo".

Tatti mereceu pois a atenção de quatro homens de significação, D. Pedro II, Abrantes, Rio Branco, Taunay, os dous ultimos a lembra-lo.

Seja-nos permitido, dizer por nossa conta quem foi o celebrado Tatti.

Felipe Tatti veio ao Brasil numa dessas companhias líricas que com frequência visitavam o Rio de Janeiro do século passado. Ao despedirem-se da cidade nele deixaram tais companhias alguns de seus componentes. Tatti foi um.

Por notáveis interpretações logrou entusiasmos como os de Abrantes. A este, como a tantos outros, Tatti encantou na aria de D. Carlos no *Ernani*, na aria do *Pirata*, no dueto da *Parisina*, na aria final do *Torquato*.

Em 1860 era ainda Tatti aplaudido sobremaneira num espetáculo em seu beneficio, no *S. Pedro*. Da recita participaram a Lagrange, Carlota Milliet, o tenor Butti e João Caetano este, num intervalo, representando parte do seu famoso papel de *André* na *Gargalhada*.

Ao declinar de voz, Felipe Tatti começou a ensinar Musica. Em 1879, morando em Niterói, vinha à Corte ensinar canto e piano, o que também fazia na capital fluminense.

Ignoramos-lhe o fim, sem duvida melancolizado, pela recordação de glórias líricas na necessidade de ganhar a vida obscuramente.

O desaparecer de Tatti deve constar talvez de alguma noticia de jornal e certo de alguma folha de registro de necropole, o registro numerado que, para consolo do humilde e do pobre, o rico e o poderoso podem estar seguros de ganhar.

RAFAEL MIRATE

Qual Tatti, outro tenor italiano, Mirate, foi artista querido do Rio de Janeiro cuja Academia Imperial das Belas Artes o incluiu na lista de seus membros honorarios, quando o Conservatório constituia secção da Academia.

Para julgar a voz de Mirate basta o seguinte juizo exarado em 1859, ao cantar Mirate no *São Carlos* de Lisboa.

"A voz de Mirate era extensa e aveludada, *smorzando* com grande habiidade. Sua respiração prodigiosa chegava a reforçar a voz três vezes seguidas com a mesma respiração na ultima frase da canção do 4.º ato do *Rigoletto*".

A medida do subir de sua gloria musical, mais caprichava Verdi na escola de interpretes. E Verdi tinha em grande conta o talento e a voz de Mirate.

Dai crear Mirate o papel de duque de Mantua no *Rigoletto* e conforme Adolfo Padavan estudou aquele papel em circunstancias bem especiais.

No estudo o papel do duque amoroso, verificou Mirate a falta de uma ária.

— Falta-me uma ária, disse a Verdi.

— Paciencia, há de tê-la.

A cada ensaio insistia Mirate.

— A minha cria, maestro.

— Paciencia, há de tê-la.

Na vespera do ensaio geral de orquestra, Verdi entrega um papel a Mirate. Corre-lhe curiosa vista o impaciente cantor. Sorri satisfeito, a ária é facil.

Mas, surpreso, o tenor ouve esta declaração de Verdi:

"Mirate, tem de dar-me palavra de honra. Por enquanto não cantarás a ária que te entrego, nem em tua casa has de cantá-la. Ninguém deve ouvi-la, nem tu mesmo a trautearas. Prometes?"

— Prometo.

Alegrou-se Verdi, sob o selo da honra, Mirate cumprio palavra.

Isto em 1851. Mas hoje está desvendado o misterio da ária proibida. Mas só pela surpresa do publico veneziano, ao ouvir a ária na noite de 11 de Março de 1851, parece-nos merece ser lembrado Mirate, o primeiro a dar voz ao depois tão contado

LADONNA É MOBILE

do quarto ato do *Rigoletto*.

PEDRO MASCAGNI

Há bem poucos dias, num quarto de hotel em Roma, rodeado de familia e de amigos, morreu Mascagni. Octogenario, teve de presenciar os tormentos da patria arruinada pela guerra que, na historia humana, deixa o maior dos rastros de sangue e luto até hoje espalhados no planeta.

Pietro Mascagni nasceu a 7 de Dezembro de 1863 em Livorno. Tendo Ponchielli por mestre, estudou no Conservatório de Musica de Milão, depois regente de orquestra de companhias secundárias até a abertura de concurso para operas em um ato, concurso promovido por Souzegno, o editor rival de Ricordi.

No concurso foi o premio atribuido a Mascagni, pela recompensa celebrizado pela apresentação vitoriosa de *Cavalleria Rusticana*, com libreto inspirado numa novela de Verga.

A 17 de Maio de 1890 ouvia Roma a opera de Mascagni, afamado este da noite para o dia. A critica exaltou às nuvens a partitura para depois em contradicção ir desontando a valer os elogios da primeira hora. Admirar-se disto, para que?

Nada impediu a *Cavalleria Rusticana* de seguir triunfante, até hoje de de agrado publico constante.

A 10 de Setembro de 1891, quem, no Rio de Janeiro, lesse os cartazes às portas do *Teatro Lirico*, leria os anuncios da primeira recita da *Cavalleria Rusticana* e os nomes dos seus creadores na capital do Brasil: Helena Theodorini, Gabrielelesco, Borlinetto, Cavaraglia e Cassini, protagonistas os dous primeiros cantores.

Opera em um ato, a *Cavalleria* não podia preencher espetáculo, o de sua estreia no Rio de Janeiro preenchido pela execução de abertura de *I. Lituani* de Ponchielli e pela terceira da *Luzia de Lamermoor*, de principal papel interpretado pela soprano Brambilla.

No Rio de Janeiro a *Cavalleria* agradou em cheio e até agora o agrado não desapareceu. Que o digam as empresas líricas, os concertos, as bandas de musica, as irradiações radiofônicas.

Convem deixar aqui o que Mascagni contou acerca da genese de sua primeira opera.

"A' espera do libreto para a opera, pensava eu no final da mesma. A frase *Hanno imazzato compare Turiddu* eu a sentia zumbir-me aos ouvidos sem comtudo possibilidade de tirar proveito de frase se não achasse os acordes orquestrais ultimos destacando impressão forte.

Não sei como consegui encontrar o almejado final, com fulminea rapidez, na estrada real de Canosa, onde eu ia dar uma lição. Eram os acordes de setima escrupulosamente mantidos no manuscrito. Assim, principiei a minha opera pelo seu fim.

Quando me chegou pelo correio o primeiro côro do libreto (pensei mais tarde na Siciliana do preludio) disse eu, todo contente à minha mulher, temos necessidade de uma grande despesa. Qual? indagou ela.

— Careço de um despertador, pois quero levantar-me antes do dia e começar a escrever a *Cavalleria Rusticana*.

O gasto pesava muito no orçamento do mês, representada mesmo profunda alteração no balanço preventivo mensal, mas a proposta foi aceita sem dificuldade.

Saimos juntos para a grande compra, e tira de um lado, tira de outro, despendemos nove liras.

Dei corda no despertador antes de deitar-me; porem daquela vez, isto de nada servio.

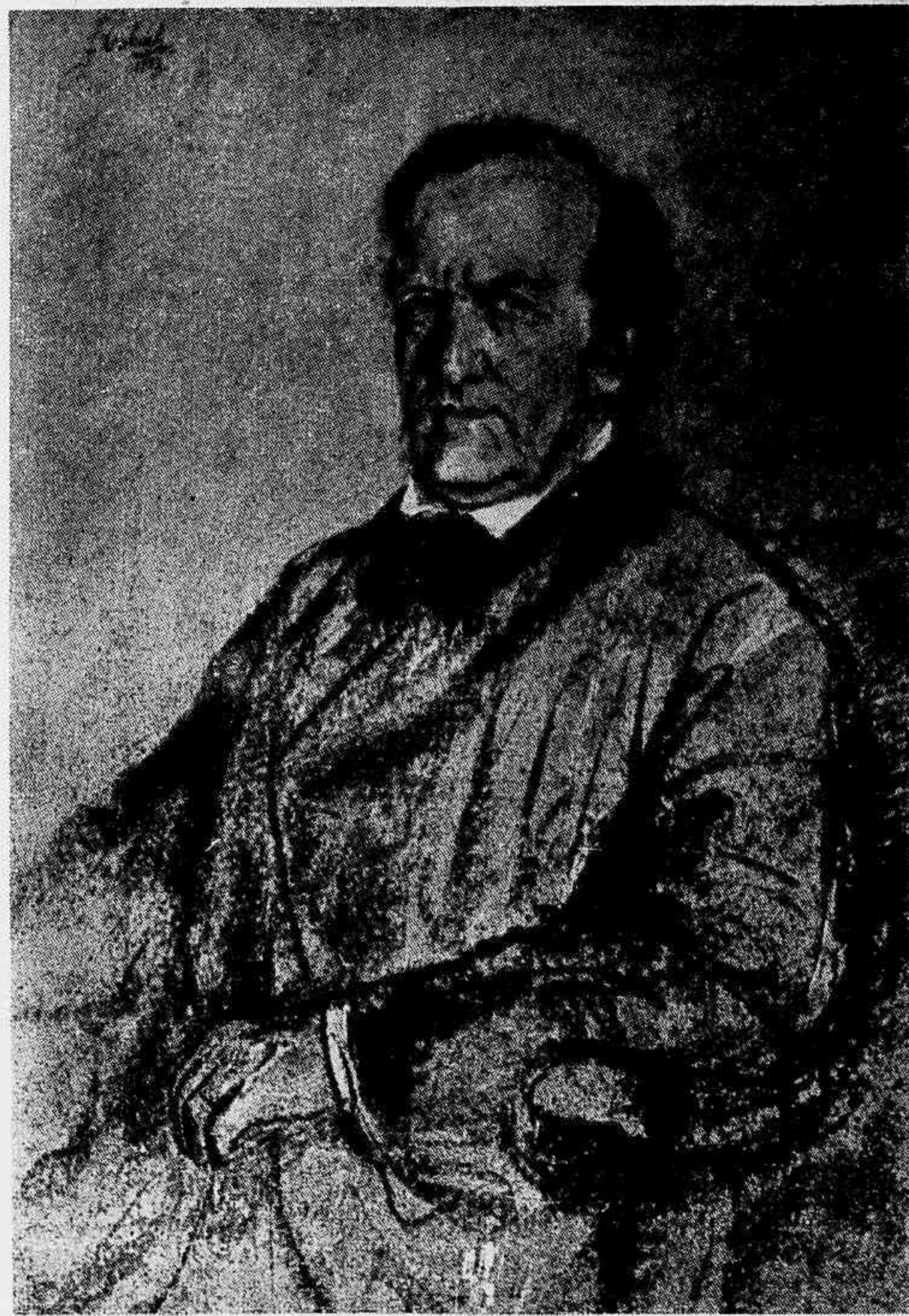
Durante a noite (estavamos a 3 de Fevereiro de 1889) e justamente às três madrugada nascia Mimi, o meu caro anjinho, primeiro da série filial.

Desta forma me foi possivel manter a promessa feita a mim mesmo, e, logo de manhã, comecei a escrever o primeiro côro da *Cavalleria Rusticana*.

E' de crer que o despertador inutil a 3 de Fevereiro de 1889, fosse depois de muito estimação em casa de um Mascagni, ao qual nove liras já não faziam mais falta.

RICARDO WAGNER

CUJA OPERA *Tannhauser* COMPLETA CENTENARIO DE PRIMEIRA RECITA, EM DRESDE, A 21 DE OUTUBRO DE 1845. — (*Desenho de Lenbach*)





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

Hidrex O CHUVEIRO ELÉTRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.
LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA

Livros

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA (1812-1869) por Hélio Vianna - Publicação do Instituto Nacional do Livro - Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Hélio Vianna faz-nos, tanto quanto possível, assistir ao advento da Imprensa à terra brasileira. Não lhe deu isso pouco trabalho. Dir-se-ia que, nestas como em tantas outras questões, os historiadores timbram e gosam em se contraditar uns aos outros. E o organizado da presente obra teve que andar em peregrinação por arquivos e registros, para descobrir em qual dos livros consultados estaria a asseveração menos suspeita, mais plausível. Análoga tarefa absorveu, há quinze anos, Felix Pacheco. O que a este interessava era designar, sem dúvida de espécie alguma, a primeira máquina de impressão e por conseguinte o primeiro trabalho por esse meio divulgado no Brasil. As suas pesquisas através de profundíssima documentação e as conclusões a que chegou, estão no volume *Das charadas bibliográficas*. Ao autor da presente *Contribuição* quem, no seu próprio dizer, mais preciosamente lhe valeu foi o Sr. Francisco Marques dos Santos, com a coleção que possui, de antigos periódicos do Brasil. Mas a ansiedade averiguadora do Sr. Hélio Vianna consultou todas as fontes que lhe pareceram úteis na matéria. Especialmente lhe interessou estabelecer os comentários que, através de reflexões alheias ou à mercê de seu próprio juízo, cada caso merecia e reclamava. E assim, a este livro de perto de setecentas páginas, em que figuram numerosíssimos homens de letras e especialistas, consagrou o Sr. Hélio Vianna o seu trabalho pessoal.

Circunstância deveras curiosa e que exerce uma espécie de encanto no espírito do leitor resalta dos títulos daqueles primeiros órgãos da imprensa em terras de Santa Cruz. Boa parte deles ostentavam taboetas de sensação, com intuito violento ou humorístico. Perante o critério e o gosto de hoje não se fariam admitir tais designações e foi aquela uma época que diríamos de prudência extrema ou rigorosa siseudez... A frequência dos cabeçalhos fantasistas, em vez dos simples "correios", "jornais" ou "diários" da atualidade, denota como o público os prezava e aplaudia. Devia ser com o vertido regalo, como quem antecipadamente saboreia uma série de delícias, que o burguês austero, o grande negociante, o político formalista, o tímido burocrata desdobravam gasetas, panfletos ou pasquins que traziam por batismo invectivas ou pilhérias tais como *O enfermeiro dos doidos*, *O sapateiro político*, *A barriga, A rolha, O sova, Malquela extraordinária* etc. E ditosamente se conclui que, a meio das lutas políticas e da incerteza dos sucessos que sobreviriam, não faltavam os profissionais do bom humor nem clientela bastante para os animar.

Por esse e outros aspectos se torna em alto grau interessante o presente livro, que se enriquece de facísimos de periódicos, retratos de jornalistas e outras ilustrações preciosamente executadas.

DO CRETINO AO GENIO, observações e reflexões científicas de Serge Voronoff, traduzido de Eduardo de Lima Castro - Irmãos Pongetti, editores - Rio de Janeiro, 1945.



Este livro nos fala, e ainda bem, muito pouco de ceticismo e profusamente de genialidade. Quase nada, por isso, tem de entristecedor ou opressivo. A sua orientação visa os grandes homens, especialmente os intelectuais e artistas, das raças, épocas e nações mais diversas. Traça as suas características hereditárias; da sua educação e processos ou particularidades de trabalho; das principais circunstâncias em que a sua carreira se desenvolveu até definitivo triunfo... E assim nos faz passar em revis guiados por um cicerone sapiente que tudo indica e, quando necessário, explica, os vultos de nossa maior e mais gr admiração.

Depois duma dissertação em dois capítulos sobre a te que dá o título à obra, chegamos às páginas interessantísimas sobre a precocidade. Não há quem não saiba q Mozart tocava piano aos três e compunha óperas aos doze anos de idade; que Pico de Mirandola, aos cinco anos, cursava notavelmente e falava o latim, o grego, o hebraico e o árabe etc. etc. Mas o inquérito do Dr. Serge Voronoff vai muito além da nossa erudição em geral. De pois dos músicos Beethoven, Weber, Mendelssohn, Grotch e outros, trata de pintores e escultores como Rafael, Miguel Angelo, Giotto, Ticiano, Bernini, Rubens, Jordano, Van Dyck, Vernet; de poetas e prosadores como Ovídio, Dante, Torquato Tasso, Goethe, Fénelon, Bossuet, Byron, Victor Hugo; e ao terreno das Belas Letras se seguem os campos da filosofia, da matemática, da astronomia e das ciências naturais. Como se manifestou a inspiração, o condão sublime, nessas individualidades? De que agitações, abatimentos, efusões ou melancolias; de que fenômenos do espírito, do caráter ou do sentimento se fez o gênio acompanhar em cada um dos seus eleitos - tantas vezes também suas vítimas? Eis o que nos dizem os capítulos subsequentes, entre os quais os que referem ao papel do sub-consciente e à intervenção do acaso, na obra do gênio; aos processos criadores; às hostilidades, agruras e decepções que sempre se deparam a quem pelo caminho do ideal... E nas páginas finais o Dr. Voronoff nos mostra como é possível, por meio de enxertos moderníssimos ou da extração da glândula tireóide, transformar um imbecil num homem inteligente ou vice-versa... E', porém, de crer que esta operação de vice-versa não a tenha o eminente sábio nem qualquer outro especialista praticado!

ATLAS COROGRÁFICO DA CULTURA CAFEEIRA - ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - Publicação do Departamento Nacional do Café - Rio de Janeiro, 1945.

Este album obedece a uma orientação claramente elucidativa. Aqueles mesmos que não compulsam frequentemente mapas corográficos, diagramas, tabelas de estatística, obtem, com um simples relance de olhos a cada página, a noção suficiente de matérias e dados expostos. E o que logo se apreende é a influência da lavoura cafeeira na riqueza e em todas as formas de engrandecimento da terra do Espírito Santo.

Ao mesmo tempo que as informações administrativas falam da história e da atual situação de cada município, trabalhos de desenho por um especialista hábil deversamente que não as assinou - vão pitorescamente representando a vida de cada região mencionada nos documentos; e estes são eloquentemente completados por meio de aspectos ou episódios agrários, de panoramas, de figuras isoladas ou grupos entregues ao trabalho do café. O "ouro verde" nos aparece em todas as suas fases de produção, toda a faina do amanho e do beneficiamento, e com a descrição dos povos representados nos diversos serviços: brasileiros, italianos, portugueses, espanhóis, alemães, outros europeus, turco-árabes e de procedências não especificadas.

São desta maneira discriminados trinta e dois municípios, que se seguem na ordem

Novos

alfabética — não fosse algum deles, sem essa precaução, ficar zangado ou triste — vindo assim em primeiro lugar Afonso Cláudio e em último o mais ilustre de todos: Vitória. Antes disso, porém, numa série de páginas especiais, se encontram os esclarecimentos relativos a: Propriedades cafeicultoras, Áreas das propriedades cafeicultoras, Cafezais, Cafeicultores, Trabalhadores das propriedades cafeicultoras, e Capital invertido.

Acompanha este álbum uma brochura de vasto formato e cerca de duzentas e cinquenta páginas, na qual amplamente se desenvolvem as matérias contidas no álbum. E ambas as publicações trazem sucintas mas bem expressivos prefácios do Presidente do Departamento Nacional do Café, Sr. Jayme Fernandes Guedes.



O DELITO DE TODOS, romance de Eduardo Zamacois, tradução de Dina Brito e Modesto de Abreu — Edições Mundo Latino — Rio de Janeiro, 1945.



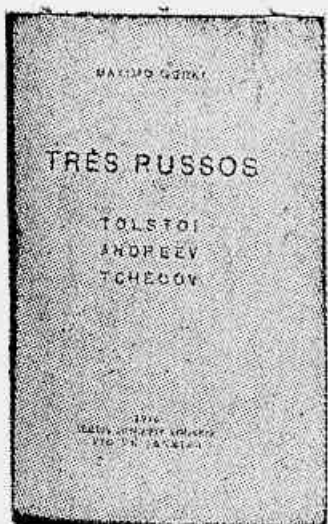
Oh! n'insullez jamais une femme qui tombe... Essa invocação hugueana, tão repetida em romances, dramas, poemas, exerce no presente livro de Eduardo Zamacois a sua generosa inspiração. É mais um nobre espírito que se insurge contra a desventura da mulher perseguida ou desprezada por efeito do crime dum homem. Dele foi a culpa, sobre ela cai o castigo. Haverá maior iniquidade?

Agueda, a triste heroína desta história, era uma singela, cândida campônia que não pensava em nada de condenável ou propriamente má. Um patrão egoísta e brutal se agradou dela e, como dizem, por culagemismo, os repórteres policiais, a infelicitou. Agueda foge de vergonha ou vilepêndio maior, indo para Madrid. De certo — pensa ela — na cidade esclarecida compreenderão aquilo que, na tacahez aldeã, ninguém lhe perdoaria... Na capital, porém, a estúpida injustiça continua. E até se agrava. Na sua indigência, a creatura tem um filho que morre pouco depois de nascer. Os preconceitos dos que, incapazes de socorrer, estão sempre prontos para acusar ou até, se os seus poderes vão tão longe, punir; a indiferença dos que, entregues ao trabalho ou dados aos prazeres, igualmente deixam de ter tempo para pensar no destino alheio; a insolência de todos aqueles que, onde veem fraqueza, aproveitam o ensejo para se mostrarem superiores — todos os egoísmos e todas as crueldades se voltam contra aquela vítima do erro alheio. Agueda passa por mil tribulações através da agitada, precipitada vida da capital. E só não vai de todo miseravelmente deste para o outro mundo — aquela a que os nossos maiores chamavam a Terra da Verdade — porque há um pouco de ternura e de piedade à passagem do carro fúnebre que a leva:

"Ao vê-lo, os transeuntes, maquinalmente, encurtavam o passo; as mulheres se persignavam; os homens se descobriam; as meninas da vizinhança paravam seus jogos; e um rocio de misericórdia ungia o cadáver, porque não é a Vida e sim a Morte que perdoa..."



TRES RUSSOS: TOLSTOI, TCHEKOV, ANDREEV, por Maximo Gorki, tradução de Luiz do Nascimento Rangel — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



Não se trata propriamente de obra biográfica ou crítica. Mas o narrador admirável dos *Vagabundos* faz, nas presentes páginas, coisa bem mais cativante do que seria um volume de história ou apreciação literária. São impressões familiares, colhidas na presença de cada personagem e quando este menos imaginaria que os seus hábitos, as suas idéias, as suas palavras textualmente reproduzidas haviam de compor capítulos de livro. Pela despreocupação mesma dos vultos retratados, é que as suas feições como a sua inteligência e o seu caráter; as suas tendências e impulsos íntimos; a sua maneira de querer bem ou votar antipatia a outros escritores ou outros indivíduos — toda a sua existência caseira ou entre camaradas aqui se reflete com límpida liberdade, em perfeita eloquência. E quem tenha lido as obras de qualquer desses novelistas — filósofos, experimentará agora, através das recordações vivazes e palpitantes de Gorki, uma sensação especialmente preciosa, em que se confirmam ou dalgum modo se modificam entusiasmos, revoltas, enternecimentos, melancolias...

Dos três grandes espíritos, foi o de Tolstói que mais atraía a admiração e ao afecto do criador de *Raskasi* e da *Família Orlov*. Gorki passava tempos esquecidos na convivência do apóstolo de Isaia Poliana. Nem sempre, naturalmente, lhe aceitava com absoluto respeito as doutrinas extremadas; e ainda menos se conformava com alguns conceitos avulsos, vindos no correr das conversações e sem outro prestígio se não o de se saber que provinham de Tolstói. Mas, por entre essas emoções ou concepções passageiras, o pensamento daquele que criou *Ressurreição*, *Ana Karenine*, *A guerra e a paz* mantinha a sua elevação e nobreza peregrinas. Gorki escutava sempre com atenção compenetrada, devota — e aprendia sempre. Através destas paletas entre dois homens, os quais, por mais que se aproximassem, haviam de permanecer mestre um deles e o outro discípulo, passavam recapitulações ou sínteses de livros quer sagrados quer profanos; fases e episódios da política russa; questões sociais em crise ou em evolução; batalhas de idéias ou de ação que agitavam o mundo — e sempre a obra de pensamento e de beleza que supremamente constituía o ideal de ambos.

Máximo Gorki é obrigado a falar de si próprio — sem o que, está bem visto, não haveria diálogo. Fala, porém, com exemplar discrição. Limita-se, na maioria dos casos, a responder, e o mais sucintamente possível, às perguntas do interlocutor. Do que trata é de assimilar, em todas as situações favoráveis, as sentenças de religião, moral, justiça, solidariedade humana, que lhe espontaneamente profere. E muito mais do que, na ocasião, lhe pareça, vai guardando na memória e na sensibilidade aquelas lições que um dia transmitirá, multiplicando-as por milhares e milhares de leitores.

As páginas acerca de Sofia Andreevna são profundamente comovedoras. E nos capítulos que dizem respeito a Tchekov e Andreev, volta a dominar a nota de observação direta e vibrante, lembrando um si tema de reportagem em que houvesse um sopro de gênio.

J. L.



ARQUIVOS DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA A MENORES

Recebemos o volume 5.º, correspondente a Dezembro de 1945, da publicação supra referida, editada pelo Ministério da Justiça, sob a direção do Dr. Meton de Alencar Neto.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. Rio

de Janeiro

Rua

Cidade

Estado

R S

Faça seu nome ressaltar com Brasso!





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa"
ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para
garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

Hidrex O CHUVEIRO ELÉTRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.
LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA

Livros

DISTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA (1812-1869) por Hêlio Vianna —
Publicação do Instituto Nacional do Livro — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Hêlio Vianna faz-nos, tanto quanto possível, assistir ao advento da Imprensa à terra brasileira.

Não lhe deu isso pouco trabalho. Dir-se-ia que, nestas como em tantas outras questões, os historiadores timbram e gosam em se contraditar uns aos outros. E o organizado da presente obra teve que andar em peregrinação por arquivos e registros, para descobrir em qual dos livros consultados estaria a asseveração menos suspeita, mais plausível. Análoga tarefa absorveu, há quinze anos, Felix Pacheco. O que a este interessava era designar, sem dúvida de espécie alguma, a primeira máquina de impressão e por conseguinte o primeiro trabalho por esse meio divulgado no Brasil. As suas pesquisas através de profusíssima documentação e as conclusões a que chegou, estão no volume *Das primeiras bibliográficas*. Ao autor da presente *Contribuição* quem, no seu próprio dizer, mais preciosamente lhe valeu foi o Sr. Francisco Marques dos Santos, com a coleção que possui, de antigos periódicos do Brasil. Mas a ansiedade averiguadora do Sr. Hêlio Vianna consultou todas as fontes que lhe pareceram úteis na matéria. Especialmente lhe

interessou estabelecer os comentários que, através de reflexões alheias ou à mercê de seu próprio juízo, cada caso merecia e reclamava. E assim, a este livro de perto de setecentas páginas, em que figuram numerosíssimos homens de letras e especialistas, conseguiu o Sr. Hêlio Vianna dar saliente cunho pessoal.

Circunstância deveras curiosa e que exerce uma espécie de encanto no espírito do leitor resalta dos títulos daqueles primeiros órgãos da imprensa em terras de Santa Cruz. Boa parte deles ostentavam taboetas de sensação, com intuito violento ou humorístico. Perante o critério e o gosto de hoje não se fariam admitir tais designações e foi aquela uma época que diríamos de prudência extrema ou rigorosa sinuez... A frequência dos cabeçalhos fantasistas, em vez dos simples "correios", "jornais" ou "diários" da atualidade, denota como o público os prezava e aplaudia. Devia ser com o vertido regalo, como quem antecipadamente saboreia uma série de delícias, que o burguês austero, o grande negociante, o político formalista, o tímido burocrata desdobravam gasetas, panfletos ou pasquins que traziam por batismo invectivas ou pilhérias tais como *O enfermeiro dos doidos*, *O sapateiro político*, *A barriga*, *A rolha*, *O sova*, *Malaqueta extraordinária* etc. E ditosamente se conclui que, a meio das lutas políticas e da incerteza dos sucessos que sobreviriam, não faltavam os profissionais do bom humor nem clientela bastante para os animar.

Por esse e outros aspectos se torna em alto grau interessante o presente livro, que se enriquece de facsímiles de periódicos, retratos de jornalistas e outras ilustrações preciososamente executadas.

DO CRETINO AO GÊNIO, observações e reflexões científicas de Serge Voronoff, tradução de Eduardo de Lima Castro — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



Este livro nos fala, e ainda bem, muito pouco de ceticismo e profusamente de genialidade. Quase nada, por isso, tem de entristecedor ou opressivo. A sua orientação visa os grandes homens, especialmente os intelectuais e artistas, das raças, épocas e nações mais diversas. Trata das suas características hereditárias; da sua educação e processos ou particularidades de trabalho; das principais circunstâncias em que a sua carreira se desenvolveu até o definitivo triunfo... E assim nos faz passar em revista guiados por um cicerone sapiente que tudo indica e, quando necessário, explica, os vultos de nossa maior e mais grandiosa admiração.

Depois duma dissertação em dois capítulos sobre a tese que dá o título à obra, chegamos às páginas interessantes sobre a precocidade. Não há quem não saiba que Mozart tocava piano aos três e compunha óperas aos dez anos de idade; que Pico de Mirandola, aos cinco anos, já cursava notavelmente e falava o latim, o grego, o hebraico e o árabe etc. etc. Mas o inquirido do Dr. Serge Voronoff vai muito além da nossa erudição em geral. Depois dos músicos Beethoven, Weber, Mendelssohn, Grotch e outros, trata de pintores e escultores como Rafael, Miguel Angelo, Giotto, Ticiano, Bernini, Rubens, Jordaens, Van Dyck, Vernet; de poetas e prosadores como Ovídio, Dante, Torquato Tasso, Goethe, Fénelon, Bossuet, Byron, Victor Hugo; e ao terreno das Belas Letras se seguem os campos da filosofia, da matemática, da astronomia e das ciências naturais. Como se manifestou a inspiração, o condão sublime, nessas individualidades? De que agitações e abatimentos, efusões ou melancolias; de que fenômenos do espírito, do caráter ou do sentimento se fez o gênio acompanhar em cada um dos seus eleitos — tantas vezes também suas vítimas? Eis o que nos dizem os capítulos subsequentes, entre os quais os que se referem ao papel do sub-consciente e à intervenção do acaso na obra do gênio; aos processos criadores; às hostilidades, agruras e decepções que sempre se deparam a quem vai pelo caminho do ideal... E nas páginas finais o Dr. Voronoff nos mostra como é possível, por meio de enxertos moderníssimos ou da extração da glândula tireóide, transformar um imbecil num homem inteligente ou vice-versa... E', porém, de crer que esta operação de vice-versa não a tenha o eminente sábio nem qualquer outro especialista praticado!

ATLAS COROGRÁFICO DA CULTURA CAFEIEIRA — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO — Publicação do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro, 1945.

Este album obedece a uma orientação claramente elucidativa. Aqueles mesmos que não compulsam frequentemente mapas corográficos, diagramas, tabelas dos estatísticos, obtêm, com um simples relance de olhos a cada página, a noção suficiente das matérias e dados expostos. E o que logo se apreende é a influência da lavoura cafeeira na riqueza e em todas as formas de engrandecimento da terra do Espírito Santo.

Ao mesmo tempo que as informações administrativas falam da história e da atual situação de cada município, trabalhos de desenho por um especialista hábil deveras — e que não as assinou — vão pitorescamente representando a vida de cada região mencionada nos documentos; e estes são eloquentemente completados por meio de aspectos ou episódios agrários, de panoramas, de figuras isoladas ou grupos entregues ao trabalho do café. O "ouro verde" nos aparece em todas as suas fases de produção, toda a faina do amanho e do beneficiamento, e com a discriminação dos povos representados nos diversos serviços: brasileiros, italianos, portugueses, espanhóis, alemães, outros europeus, turco-árabes e de procedências não especificadas.

São desta maneira discriminados trinta e dois municípios, que se seguem na ordem

Novos

alfabética — não fosse algum deles, sem essa precaução, ficar zangado ou triste — vindo assim em primeiro lugar Afonso Cláudio e em último o mais ilustre de todos: Vitória. Antes disso, porém, numa série de páginas especiais, se encontram os esclarecimentos relativos a: Propriedades cafeicultoras, Áreas das propriedades cafeicultoras, Cafezais, Cafeicultores, Trabalhadores das propriedades cafeicultoras, e Capital invertido.

Acompanha este álbum uma brochura de vasto formato e cerca de duzentas e cinquenta páginas, na qual amplamente se desenvolvem as matérias contidas no álbum. E ambas as publicações trazem sucintas mas bem expressivos prefácios do Presidente do Departamento Nacional do Café, Sr. Jayme Fernandes Guedes.



O DELITO DE TODOS, romance de Eduardo Zamacois, tradução de Dina Brito e Modesto de Abreu — Edições Mundo Latino — Rio de Janeiro, 1945.



Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe... Essa invocação hugueana, tão repetida em romances, dramas, poemas, exerce no presente livro de Eduardo Zamacois a sua generosa inspiração. É mais um nobre espírito que se insurge contra a desventura da mulher perseguida ou desprezada por efeito do crime dum homem. Dele foi a culpa, sobre ela cai o castigo. Haverá maior iniquidade?

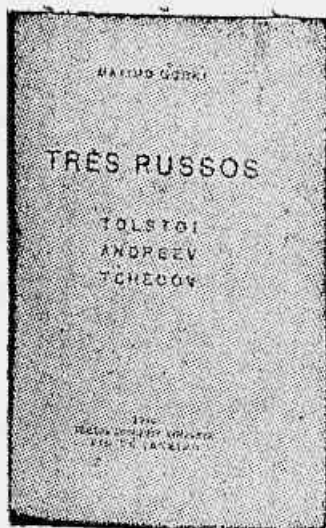
Agueda, a triste heroína desta história, era uma singela, cândida campônia que não pensava em nada de condenável ou propriamente mau. Um patrão egoísta e brutal se agradou dela e, como dizem, por cufemismo; os repórteres policiais, a infelicitou. Agueda foge de vergonha ou vilepêndio maior, indo para Madrid. De certo — pensa ela — na cidade esclarecida compreenderão aquilo que, na tacañez aldeã, ninguém lhe perdoaria... Na capital, porém, a estúpida injustiça continua. E até se agrava. Na sua indigência, a creatura tem um filho que morre pouco depois de nascer. Os preconceitos dos que, incapazes de socorrer, estão sempre prontos para acusar ou até, se os seus poderes vão tão longe, punir; a indiferença dos que,

entregues ao trabalho ou dados aos prazeres, igualmente deixam de ter tempo para pensar no destino alheio; a insolência de todos aqueles que, onde veem fraqueza, aproveitam o ensejo para se mostrarem superiores — todos os egoísmos e todas as crueldades se voltam contra aquela vítima do erro alheio. Agueda passa por mil tribulações através da agitada, precipitada vida da capital. E só não vai de todo miseravelmente deste para o outro mundo — aquela a que os nossos maiores chamavam a Terra da Verdade — porque há um pouco de ternura e de piedade à passagem do carro fúnebre que a leva:

"Ao vê-lo, os transeuntes, maquinalmente, encurtavam o passo; as mulheres se persignavam; os homens se descobriam; as meninas da vizinhança paravam seus jogos; e um rocio de misericórdia ungia o cadáver, porque não é a Vida e sim a Morte que perdoa..."



TRES RUSSOS: TOLSTOI, TCHEKOV, ANDREEV, por Maximo Gorki, tradução de Luiz do Nascimento Rangel — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



Não se trata propriamente de obra biográfica ou crítica. Mas o narrador admirável dos *Vagabundos* faz, nas presentes páginas, coisa bem mais cativante do que seria um volume de história ou apreciação literária. São impressões familiares, colhidas na presença de cada personagem e quando este menos imaginaria que os seus hábitos, as suas idéias, as suas palavras textualmente reproduzidas haviam de compor capítulos de livro. Pela despreocupação mesma dos vultos retratados, é que as suas feições como a sua inteligência e o seu caráter; as suas tendências e impulsos íntimos; a sua maneira de querer bem ou votar antipatia a outros escritores ou outros indivíduos — toda a sua existência caseira ou entre camaradas aqui se reflete com límpida liberdade, em perfeita eloquência. E quem tenha lido as obras de qualquer desses novelistas-filósofos, experimentará agora, através das recordações vivazes e palpitantes de Gorki, uma sensação especialmente preciosa, em que se confirmam ou dalgum modo se modificam entusiasmos, revoltas, enternecimentos, melancolias...

Dos três grandes espíritos, foi o de Tolstói que mais atraía a admiração e ao afecto do criador de *Raskasi* e da *Família Orlov*. Gorki passava tempos esquecidos na convivência do apóstolo de Isnaia Poliana. Nem sempre, naturalmente, lhe aceitava com absoluto respeito as doutrinas extremadas; e ainda menos se conformava com alguns conceitos avulsos, vindos no correr das conversações e sem outro prestígio se não o de se saber que provinham de Tolstói. Mas, por entre essas emoções ou concepções passageiras, o pensamento daquele que criou *Ressurreição*, *Ana Karenine*, *A guerra e a paz* mantinha a sua elevação e nobreza peregrinas. Gorki escutava sempre com atenção compenetrada, devota — e aprendia sempre. Através destas palestras entre dois homens, os quais, por mais que se aproximassem, haviam de permanecer mestre um deles e o outro discípulo, passavam recapitulações cu sínteses de livros quer sagrados quer profanos; fases e episódios da política russa; questões sociais em crise ou em evolução; batalhas de idéias ou de ação que agitavam o mundo — e sempre a obra de pensamento e de beleza que supremamente constituía o ideal de ambos.

Máximo Gorki é obrigado a falar de si próprio — sem o que, está bem visto, não haveria diálogo. Fala-lo, porém, com exemplar discrição. Limita-se, na maioria dos casos, a responder, e o mais sucintamente possível, às perguntas do interlocutor. Do que trata é de assimilar, em todas os momentos favoráveis, as sentenças de religião, moral, justiça, solidariedade humana, que ele espontaneamente profere. É muito mais do que, na ocasião, lhe pareça, vai guardando na memória e na sensibilidade aquelas lições que um dia transmitirá, multiplicando-as por milhares e milhares de leitores.

As páginas acerca de Sofia Andreyevna são profundamente comovedoras. E nos capítulos que dizem respeito a Tchekov e Andreev, volta a dominar a nota de observação direta e vibrante, lembrando um si tema de reportagem em que houvesse um sopro de gênio.

J. L.



ARQUIVOS DO SERVIÇO DE ASSISTENCIA A MENORES

Recebemos o volume 3º, correspondente a Dezembro de 1945, da publicação supra referida, editada pelo Ministério da Justiça, sob a direcção do Dr. Metou de Alencar Neto.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - Sob. Rio

Nome.....

Rua.....

Cidade.....Estado.....

R.S.

Faça seu nome ressaltar com Brasso!



Brasso
- DÁ BRILHO AOS METAIS!

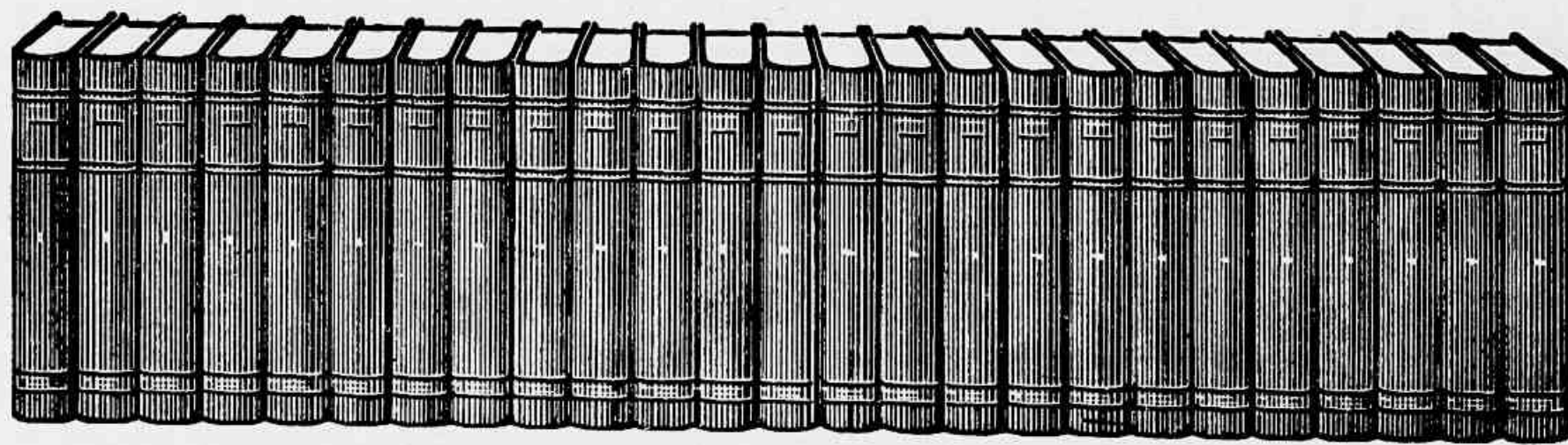


JOCKEY CLUB MUNDANO

Realizou-se domingo último no Hipódromo da Gávea mais uma reunião turfística, à qual compareceram os elementos de maior destaque da nossa sociedade. Como sempre, as graciosas aficionadas do nobre esporte concorreram para maior brilhantismo da reunião, e enquanto assistiam entusiasmadas aos lances emocionantes das carreiras ou passeavam pela "pelouse", a nossa reportagem fotográfica colheu os seis sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



UM HORIZONTE NOVO PARA A SUA CULTURA!



25 obras literárias de **AFRÂNIO PEIXOTO** *numa magnífica "Coleção JACKSON"*



Produções escolhidas, em edição definitiva revista pelo autor

**Uma vasta cultura
que transpõe em
cada página**

Dentre os autores contemporâneos de mais renome, Afrânio Peixoto se destaca pela extraordinária cultura. Médico, sanitarista, romancista etc., ele tem acumulado, durante sua existência e em suas viagens pelas mais diversas partes do território pátrio ou europeu, um contingente de rara grandeza, de cultura e conhecimento da vida, do homem e das cousas. Essa formidável cultura transpõe em cada página, em cada linha da sua magistral coleção de obras literárias, editada de uma só vez por W. M. Jackson Inc. Os romances, contos, crônicas, ensaios, críticas e tantos outros gêneros que compõem a "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto", são, pois, excelentes pelo que de cultura e ilustração proporcionam aos leitores. Por outro lado, esses livros são insubstituíveis como leitura empolgante. Os romances apresentam personagens da mais varia espécie e enredos de ação intensa; os contos primam pela delicadeza de imaginação e pelo inesperado do desfêcho; os volumes de viagens traduzem fielmente o que o autor viu e sentiu em sua longa excursão pelo mundo; e finalmente as obras de críticas, ensaios, teatros, crônicas, poesia, etc., mostram o impecável estilo do autor, assim como a forma, de beleza inimitável, com que ele traz para o livro o produto da sua imaginação culta e brilhante.

O que há de melhor na literatura contemporânea

Cada um dos 25 volumes que compõem a "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto", tem merecimento excepcional e apresenta particularíssimos motivos de interesse para os leitores. Esses 25 volumes representam o que há de melhor na literatura contemporânea, e são escritos nesse precioso estilo que pela sua beleza tem o dom de levar o leitor a escrever melhor sempre que lance mão da pena.

Encadernação em percalina e encadernação de luxo

Possuímos dois tipos encadernação das "Obras Literárias de Afrânio Peixoto": Um em percalina grenat, de linda aparência, extremamente resistente e durável, e outro em 3/4 de marroquim de grande luxo, destinada a bibliófilos e a bibliotecas esmeradas. A edição de luxo tem um número limitado de coleções, estando cada volume autografado pelo autor.

Condições de pagamento — Pronta entrega

Uma obra de tanto valor e que tanto contribui para o aprimoramento intelectual de quem a lê, precisa estar ao alcance de todos. Por isso, nós a vendemos mediante uma quota inicial, sendo o restante pago em suaves prestações mensais. Entregaremos imediatamente os 25 volumes a toda pessoa idônea, em qualquer parte do território nacional, logo após o pagamento da quota inicial.

Visite uma das nossas lojas

Em qualquer das nossas lojas cujos endereços estão abaixo indicados, o senhor poderá examinar, comodamente, tanto a "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto" como as demais Coleções Jackson. Se não puder nos visitar, use o cupom ao lado.

Grátis

Preencha e remeta hoje mesmo o cupom abaixo, para receber um detalhado folheto sobre a "Coleção de 25 Obras Literárias de Afrânio Peixoto".

W. M. JACKSON INC.
EDITORES

SÃO PAULO
Rua São Bento, 250
(loja)
Caixa Postal, 2.913
Tel.: 2-2348

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 140
(loja)
Caixa Postal, 360
Tel.: 42-0671

PORTO ALEGRE
R. dos Andradas, 991
(loja)
Caixa Postal, 475
Tel.: 5.736

W. M. Jackson, Inc. Caixa Postal, 360 - Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, "Grátis" e sem compromisso algum, o folheto relativo à "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto"

Nome:
Profissão:
Endereço:
Cidade:
Estado:

Vestidos para "Soirées"

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana sendo uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, sendo para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas Droguarias e farmácias.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
UMENTA O SELO — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Estes dois modelos, visivelmente talhados em moldes espanhóis, são o que se chama de última moda em matéria de "soirées". Eles apresentam o máximo de distinção e podem ser utilizados para qualquer tipo de beleza, pois dão a todos os corpos uma esbelteza linda e cativante. O da esquerda é um lindo traje de "soirée", com saia ampla talhada em renda rosa e negra, e blusa justa de veludo preto. A "saída" de arminho alvo dá maior realce a esse magnífico vestido, que deve ser usado com enfeites grandes de fantasia e luvas escuras de canhão alto. O vestido da direita é talhado em renda bege e crepe verde, e constitui outra elegante e distinta "toilette" de baile.



Mme. Bastos, autora

SENHORA!

Torne-se independente com uma profissão honrosa e elegante! **ARTE DE CORTE E ALTA COSTURA.** Estude pelo **MÉTODO TÉCNICO DE MME. BASTOS, PROFESSOR SEM EXPLICADOR**, podendo ser diplomada por correspondência, cumprindo as exigências que o referido livro lhe indica.

Preço Cr\$ 500,00

Pedidos à sede da Escola de Mme. Bastos, à praça Tiradentes n.º 50, 1.º e 2.º andares.



PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER



GINGER
ROGERS
JOSEPH
COTTEN
SHIRLEY
TEMPLE

SELZNICK INTERNATIONAL

apresenta

Produção de DORE SCHARY

Dirigido por WILLIAM DIETERLE

Distribuída por UNITED ARTISTS

**VER-TE-EI
OUTRA VEZ**

"I'LL BE SEEING YOU"



Onde está Rex?

(Continuação da página 19)

tou uma velha, muito gorda, com uma infinidade de emburros:

— Quem sabe se não é Rex disfarçado? — disse, rindo.

E tranquilizou a secretária. Mas a verdade é que não estava tão tranquilo como parecia. Sabia que Rex não pouparia esforços para... Levou a mão ao pescoço e, com o "sense of humour" tipicamente inglês, pensou como ficaria grotesco com o pescoço duro, estrangulado...

"Onde está Rex?", eis a pergunta que faziam os jornais na primeira página. Na segunda, em geral, havia uma outra pergunta: "Onde está a marquesa?"

Era a tarefa que Kelby tinha diante de si: descobrir a marquesa e descobrir Rex.

A marquesa não estava longe. Numa pensão em Kensington, ela aguardava os acontecimentos. Como assassina a marquesa se arriscava a parecer antipática, mas a verdade é que esse nome não lhe poderia ser aplicado com justiça. Sua história era triste e havia muitas atenuantes para o seu crime, que, na realidade, não passara de uma legítima defesa. Certa noite, o marido voltara para casa, bêbado como sempre, e acordara a esposa para lhe contar sua última proeza galante. Ela, naturalmente enojada com o procedimento, repelira-o violentamente. A consequência disso foi que o marido, sob o efeito da intoxicação do álcool, quisera reagir. Um criado tentara salvar a patroa, mas o marido ameaçava-a de morte com uma bengala; ela, para defender-se, tirou um revólver que tinha na mesa de cabeceira e fez fogo. Ele caiu morto aos seus pés, numa poça de sangue. O criado ajudara-a a fugir e ela fora para Londres, onde alugara aquele quarto, sob o nome de Miss Smith, dos Estados Unidos. Mas não ousava



"Isto completa seu sonho de casa própria..."

O arquiteto é o homem que tudo prevê, desde a orientação à distribuição racional dos aposentos. Ajude-o nessa tarefa; conte-lhe como pretende transformar em lar sua casa própria. Recomende-lhe desde já que projete uma instalação adequada para os aparelhos de uso doméstico que dia a dia proporcionam mais conforto, higiene e economia. Colabore com ele agora e terá tudo a ganhar no futuro, dispondo da

eletricidade nos pontos em que mais serviço lhe prestará; assim evitará novas despesas, o perigo de curto-circuitos e incêndios. Para sua completa satisfação e garantia, insista na utilização do material da melhor qualidade: fios e cabos, conduits, suportes, pendentês, globos, tomadas, interruptores, chaves e o mais que for necessário, observando sempre as prescrições dos códigos e regulamentos para instalação elétrica.

● Ouça os "FESTIVAIS G-E" às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.

No lar moderno: conforto... satisfação... segurança

Utilize, em seu benefício, os numerosos aparelhos domésticos e de iluminação que poupam tem-

po e energia, amenizam a vida, prolongam os lazeres. Procure sempre a colaboração da G.E.

MATERIAL DE INSTALAÇÃO

GENERAL  ELECTRIC

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE • SALVADOR • CURITIBA • PORTO ALEGRE

8043



STANDARD
CR\$ 100



FEDERAL
CR\$ 160



INCA
CR\$ 260



ANEL "ZODAICO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peçam catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fábr. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.



AMERICA
CR\$ 135



CAPITAL
CR\$ 260



BRASIL
CR\$ 280

comunicar-se com ninguém, com medo de ser presa. Nem mesmo aos anúncios de seus pais, que nos jornais, na coluna de "a pedidos", anunciavam: "M. Comunique-se comigo. Arranjarei defesa. Papai".

Não ousava sair. Mas a dona da pensão visitava-a frequentemente. Sendo o único hóspede que não saía durante o dia, a marquesa era a parceira ideal para ouvir a tagarelice da velha, tanto mais que, em geral, não dizia nada.

— A senhora já viu o caso da tal marquesa?

A moça conteve um sobressalto.

— Que caso?

— A tal italiana que matou o marido.

— Ah!... Ela não é italiana.

— Não?

— É americana. Casou-se com o marquês porque o amava. Ele casou-se por causa do dinheiro do pai dela.

— Como é que a senhora sabe disso tudo?

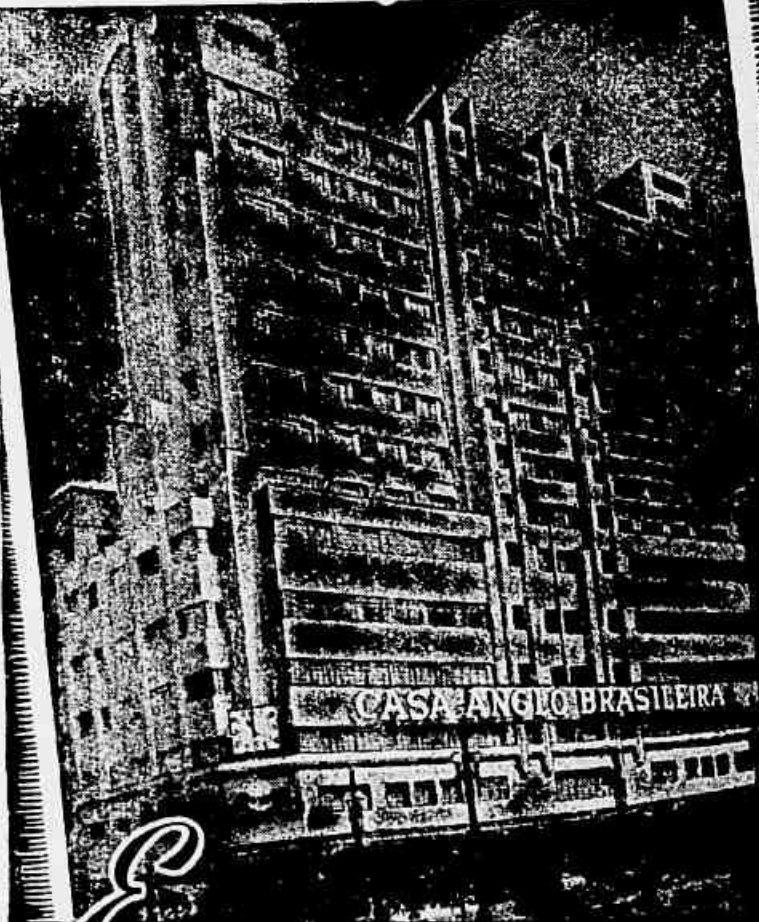
— Eu... eu li nos jornais.

— Pois eu sei o que faria se fôsse a marquesa.

— O que?

— Casaria, imediatamente, com um inglês. Dizem que ela está aqui, em Londres. Pois bem, se eu fôsse ela ia a um inglês que estivesse em apuros, pedia-lhe que casasse comigo e ria da polícia italiana, porque, casando

(Continua na pág. 46)



CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Dez anos depois

(Continuação da pág. 23)

— Dê-me este papel... Escrevi, mesmo, essas loucuras?

— Sim, Bertrand. Veja você mesmo.

— Como é estranho... Juro que nem consigo lembrar-me do homem que escreveu essas coisas. "Nunca desejei chegar à velhice"... E eis-me, cara Isabel, no limiar dessa velhice...

— Descontente da vida?

— Não. Feliz de envelhecer junto de você.

— O que prova, Bertrand, que não se deve morrer de amor ou desesperar por causa de uma conquista infeliz.

— Você acredita que no mundo dos sentimentos exemplos sejam provas, Isabel? Tudo continua possível. Seu passo, em relação a Beatriz teve sucesso, mas poderia ter falhado; poderia ter me matado.

— E' preciso correr o risco se você está bem vivo... Mas você não disse ainda o que devo responder a essa bela dama...

— Que é que ela quer?

— Ver-nos. Jantar ou almoçar conosco. Enfim o que você quiser...

— Vai contar-nos sua volta ao mundo... Bali... Angkor... Honolulu... Será incrivelmente cacete. Arranje uma desculpa.

— Ela vai pensar que eu guardo rancor. E além disso a situação me diverte.

— Que prazer você acha em encontrar-se com uma mulher que você me diz que fê-la sofrer duramente?

— O prazer que a gente tem, depois de uma vida difícil, de se encontrar novamente em terra firme. Vendo Beatriz e lembrando as angústias passadas, goza-

rei melhor de minha segurança presente... E depois eu acho muito simpática sua amiga.

— Você a detestava.

— Eu a detestava quando ela corria atrás de você, quando ela o perturbava, quando ela me substituíra... Agora eu

reconheço que ela é uma mulher deliciosa, que você teve muito bom gosto... Isso me agrada.

— Sabe de uma coisa, Isabel? Eu estou muito cansado e temo mais do que tudo conversas inúteis. Não me obrigue a uma delas.

— Pouparei todas as outras se você me conceder esta...

— Você não quer dizer que eu devo receber madame de Saulges para ser agradável a você...

— E' isso mesmo, Bertrand.



NÃO! ASSIM NÃO!

— isso é *Beleza de Máscara!*

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, e com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PARA EVITÁ-LA, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE! CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Para a mulher, mirar-se ao espelho é um dever. Dever para com a beleza... Faça-o sempre demoradamente, cuidadosamente... E, quando descobrir alguma imperfeição, acautele-se! Não convém disfarçar, nem ocultar... Sardas, manchas, rugas, espinhas ou cravos não podem ser escondidos sob a

"Beleza-de-Máscara! É muito perigoso ostentar esse disfarce! Fuja dele, corrigindo, eliminando as imperfeições! Deixe-se e cuidado ao Leite de Colônia, que, limpando, alvejando e amaciando a pele, permite criar em sua cutis uma beleza jovem, radiante e, principalmente, real!

Leite de Colônia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



TRÊS MODELOS

A mantilha está em moda e empresta realmente uma nota de poesia a qualquer "toilette". E aqui está Ann Miller num traje negro, de feitiço bastante moderno, cuja mantilha, emoldurando-lhe os cabelos, como que romantiza o conjunto apresentado pela graciosa "estrêla" da Columbia.

O bolero continua em voga. Aqui está Marguerite Chapman, da Columbia, num conjunto em lã quadriculada, cujo bolero é inteiramente debruado em galão de tom unido. A gravata, nos mesmos tons do traje, acrescenta uma nota extremamente pitoresca à bizarria desta "toilette".

Marguerite Chapman aqui está novamente, ostentando uma originalíssima "toilette" em flanela marron. Uma blusa de seda amarela com botões dourados. Na cintura um lenço em seda amarela, vermelha e marron. Gravata marron pontilhada de amarelo.



PARA UMA
COSINHA MODERNA
UTENSÍLIOS DE VIDRO
"PIREX" e "GLASSACE"
PARA FOGÃO e FOGO
Indispensáveis às donas de casa
pela sua facilidade de limpeza.
Vendas pelo
MESBLA
RUA DE PASSAGEIRO, 45-54
Visitem nossas exposições de Utensílios Domésticos

BO - S PAULO - INTERO - REITE
S - CORZ - RELOTAS - P ALEGRE

MESBLA

A G E N C I A P E R N A M B U C A N A

AVENIDA TAVARES DE LIRA, 48
NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

GRANDE AGÊNCIA DE JORNAIS,
REVISTAS E FIGURINOS NACIO-
NAIS E ESTRANGEIROS. VENDA EM
TODOS OS PONTOS DA CIDADE.

Onde está Rex?

(Continuação da pág. 42)

com um inglês. Depois sendo inglês, e não podem pro-
ter uma espécie de argumento, por um crime cometido e
sempre.

A marinha poria com orelha as palavras do do-
do genêro. Seu filho passaria pelo quarto. Sobre a ne-
laria um amido dentro do primeiro quarto. E seu "O-
and Rex".

Continuando seu pensamento, resolveu sair. O mudo
que passava no arado do vestíbulo talvez não desse res-
posta. Depois desse. Depois de qualquer forma, depois
e sua chegada. Então, o primeiro para ver se estava be-
nito.

"Bem. Vamos para que o primeiro. Hoje, 10 horas e
minutos 3 do exemplo de Rex."

St. Tendo que ele não estava lá. Como recri-
cional? Depois que aconteceu de dar um sinal. Mas a
quanto tempo com ele alguns acontecimentos.

Esperou de se dar a chance. Foi então que um co-
leguista aproximou-se e disse:

— Lá fora.

Em seguida, St. Tendo um momento q-
que não se deu conta.

— Então, o primeiro.

Deu a última palavra uma expressão especial e
respondeu:

— Não.

— Desconhecido em silêncio.

— Não sei.

— Não sei.

— Então, o primeiro? Depois que está entrando um co-
leguista. Depois que está entrando um co-

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

PARA AS PESSOAS DE BOM GOSTO



CHAPEUS
Royal
STETSON

SATISFAZ A QUEM I USA • HERANÇA A QUEM I VÊ

O único chapeu mais melhor do que o seu
velho Stetson de hoje é um Stetson novo

O Real Colegio de Cirurgiões da Inglaterra

Por Kennedy Cassels, "copyright" do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA

A origem do Real Colégio de Cirurgiões da Inglaterra remonta a dos grêmios que floresceram na cidade de Londres há mais de 600 anos. Um deles, o Grêmio dos Barbeiros, tinha existência oficial desde o ano de 1308, e a Associação ou Grêmio dos Cirurgiões a teve a partir de 1369. Parece que ambos possuíam uma natureza análoga, ainda que, como é natural, o primeiro incluísse barbeiros, e o segundo cirurgiões.

Ambas as organizações controlavam os membros da profissão, examinavam sua capacidade, inspecionavam seus instrumentos e denunciavam aos governantes da cidade as faltas ou falhas dos incompetentes. Depois de um longo período de rivalidade, as duas corporações ajustaram suas diferenças, e o rei Henrique VIII lhes concedeu um decreto de união, em 1540. O novo Grêmio dos Barbeiros e Cirurgiões, cujo primeiro mestre foi Thomas Vicary, compartilhou a posse do edifício social dos barbeiros, situado em Menkwell Street. Esta joia arquitetônica já existente desde 1490, foi ampliada por Iñigo Jones, em 1636; escapou às chamas do grande incêndio de Londres, em 1666. O Grêmio concedia licenças para a prática da cirurgia e tinha o dever de aprovar os cirurgiões que prestavam serviços na Marinha de Guerra e também na Mercante. A falta de harmonia existente entre barbeiros e cirurgiões foi crescendo até que, no ano de 1745, o Parlamento, por meio de uma lei, estabeleceu a separação dos dois grêmios. O primeiro mestre do grêmio dos Cirurgiões foi John Ranby. Construiu-se um novo edifício social em Old Baily, e o grêmio assumiu as funções adicionais de examinar os cirurgiões e praticantes do exército. Em 1800, por meio de uma Carta Real, foi reconstituída a Corporação de Cirurgiões, no Real Colégio de Cirurgiões de Londres. Este nome foi mudado para o atual, em 1843, e a Corporação deixou a "City" para instalar-se nos locais dos nossos dias, isto é, em Lincoln's Inn Fields. A partir de então alterou a sua constituição e aumentou suas funções em harmonia com o progresso dos tempos.

O Real Colégio de Cirurgiões da Inglaterra é agora dirigido por um presidente, dois vice-presidentes e vinte e um membros do Conselho, eleitos pelos sócios do Colégio. Uma inovação trazida durante os últimos anos consiste em que o Conselho convida seis representantes de cada ramo especializado da cirurgia para tomar parte em

suas deliberações e assessorar a corporação nos assuntos respectivos. O Conselho tem um nobre objetivo: o fomento da ciência e da arte da cirurgia. O primeiro corpo examinador é o tribunal formado por 22 professores de cirurgia mais eminentes do país, a cujo cargo correm os exames para obter o título de colegiado ou de membro. O título de colegiado constitui a classificação mais elevada que se pode obter na cirurgia, dentro da Grã-Bretanha. Devem pos-

(Continua na pág. 51)



ROUGE & BATON

Nivra

DOIS SEGRÊDOS de BELEZA



Loções
GALLY

Perfumam os mais belos penteados!

Orygam
Rêve Rose
Narciso Azul
Paris
Harpa

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



Parque Infantil Alzira Vargas. Escola moderna, em estilo colonial, onde a criança campista encontra cultura salutar e amplo campo de ginástica.



Dr. Salo Brand, o "Passos" de Campos, visto por Claudinier Martins.

CAMPOS MODERNIZA-SE

A AÇÃO INTELIGENTE E PROFÍCUA DO PREFEITO SALO BRAND

Um avanço de cinquenta anos na senda do progresso

O ilustre interventor do Estado, ao assinar a nomeação do prefeito Salo Brand, assim se expressou:

"O Estado perde um dos seus melhores auxiliares; em compensação, Campos vai ter um grande prefeito."

A frase feliz do comandante Amaral Peixoto não foi proferida em vão. Em breve tomava corpo e se concretizava num fato. Como o célebre personagem, Salo Brand chegou, viu e venceu. A sua figura insinuante, o trato franco, as maneiras democráticas, logo o tornaram familiar ao ambiente cidadão. O campista compreendia que Salo Brand tinha um objetivo respeitável e nobre: — dedicar-se, de corpo e alma, à bela cidade que a musa olímpica de Azevedo Cruz cantou nas estrofes lapidárias de "Amancia Verba". E logo a ação esclarecida do competente engenheiro se fez sentir. Salo Brand não conhecia o engodo dos políticos; não servia a partidos; cooperava com Getúlio Vargas e Amaral Peixoto para a grandeza do Brasil, servindo a Campos, a legendaria planície goitacá, onde, entre canaviais verdejantes, trabalha o engenho de açúcar, na faina gloriosa de produzir o "ouro branco", pedra angular de sua imensa riqueza. E, como que tocado por um poder divino, foram surgindo as realizações magníficas! O velho e tradicional bairro da Lapa, injustamente abandonado, foi calçado a paralelepípedos, e terá, em breve, mais moderno e elegante. O jardim da praça de São Salvador, onde se ergue a majestosa catedral,

construída pelo povo de Campos, é hoje um logradouro moderno, custoso e nobre, que rivaliza com os melhores das grandes capitais, não só pelo aristocrático trottoir de pedrinhas portuguesas, como pelos belos cantos, onde se vêem flores de variegados matizes. As ruas estão sendo calçadas a paralelepípedos e arborizadas com raros espécimes da flora brasileira, num sistema arborário que facilita o trânsito e higieniza a "urb". "Ex digito gans", dir-se-á observando, atônito, as estupendas realizações do prefeito Salo Brand. Dinâmico, amante sincero da vida campossina, o jovem e já notável prefeito não se ficou limitado à verba ordinária. E, num esforço louvado pelo arrôjo, conseguiu um empréstimo de vinte milhões cruzados, para poder realizar os grandes obras, como nova ponte ligando à cidade o bairro Guarus, e o revestimento a concreto do legendário "Valão". Na tradição "Bacia", onde outrora se erguiam circos de cavalinhos, que será transformada numa ampla e moderna avenida. Torna-se, assim, difícil enumerar as obras do prefeito Salo Brand. Entre elas avulta o belo edifício, em estilo colonial da Escola Alzira Vargas do Amaral Peixoto, com um parque infantil notável. A REVISTA DA SEMANA, divulgando a obra ciclópica do ilustre prefeito dr. Salo Brand, congratula-se com o nobre povo campista, e saúda, no queridíssimo titular da Prefeitura, a invicta cidade fluminense, benedita de Nilo Peganha, o saudoso estadista que atingiu a culminância da curul presidencial do Brasil!

Praça de São Salvador, onde se ergue a majestosa Catedral em estilo gótico, com o moderno e aristocrático jardim construído pelo prefeito Salo Brand.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

A secular festa da Glória

Continuação da pag. 18

Assim é o outeiro da Glória de hoje: iluminado a eletricidade, calçado até a entrada do adro por paralelepípedos, não tem mais a feição arcaica da igreja colonial, se bem que o seu estilo e a sua própria estrutura arquitetônica ainda se conservem inalterados.

Mas com o plano inclinado pôsto em funcionamento, os automóveis subindo a ladeira, as lâmpadas "mazdas" presas às arestas externas de suas paredes, claras, o templo é bem diferente daquela velha igreja do outeiro da Glória, batida pela luz das luminarias de barro cheias de azeite de mamona, onde chegavam de instante a instante as cadeirinhas de nossos bisavós e os fiacres de nossos avós.

Assim vive ainda nítida e forte, dentro da alma de nosso povo jovem, uma tradição religiosa de mais de dois séculos. Quantas transformações radi-

cais se operaram no mundo, em sua essência política, religiosa, em sua própria estrutura física, durante o decorrer desses 200 anos?

Quantas transformações não sofreu a santa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, desde que o ermitão Antonio Caminha ergueu a sua pequena capela no alto do outeiro da Glória.

No entanto, tão poderoso era o poder dessa pequena fortaleza de fé e de esperança, que através dos minutos longos da cadeia de longos anos ele não se perdeu no tempo, vivificando-se antes, graças ao fervor dos devotos, que, à custa de sacrifícios e de fadigas, mantêm sempre erguida a flama de seu entusiasmo e a bandeira de seu ideal.

Beijaflores

VALE QUANTO PESA

RIO

• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha uma ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendida por preço maior.

O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA ENERGIA AOS MUSCULOS



*Suscite admiração
 Que atinja o coração...
 "Amor" é o tom
 Ideal do seu Batom...*

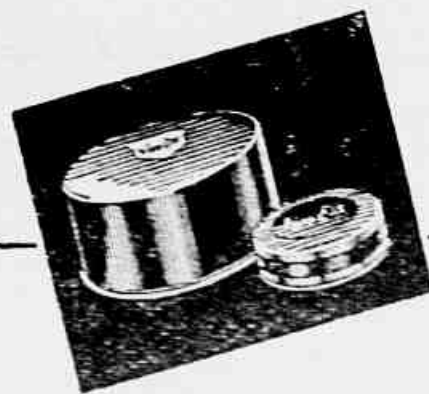
tonalidade sensacional... divina...
 sem igual... a base exclusiva de
 "creme veludo" desta famosa marca
 norte-americana suaviza, protege
 e embeleza os lábios.

Batom para os lábios

Van Ess

a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



★ Use também o pó e "trouge" enveludado e atomizado VAN ESS,
 que torção irresistível a sua cutis.

SOFRE DO FÍGADO?
 TOME
BIO-HEPAX
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUANAMIDINA

Onde está Rex?

(Continuação da pág. 46)

— Estou.

— Onde o encontrarei?

— O casamento poderá ser feito amanhã mesmo,
 me seus papéis e encontre-me amanhã às nove horas
 Pretoria.

★

Ela tinha medo que ele não estivesse lá. Mas
 compareceu. O casamento foi tarefa rápida. Dentro
 quinze minutos estavam casados.

— Adeus — disse ela, com a certidão na bolsa.

— Espere — disse ele. Não me concede nem ao
 nos um almôço de casamento?

— Não posso arriscar-me...

— Mas quem se arrisca mais sou eu. E você já
 está livre...

Ela cedeu.

— Seja.

Ao chegarem à porta, porém, um homem que os
 rava avançou. Ela não teve tempo de compreender
 o que se passava. Viu o homem disparar um revólver;
 Rex afastar-se para um lado e depois agarrar o homem
 dois policiais imediatamente algemaram e levaram com

— Meu Deus! Quem era?

Ele sorriu:

— Rex. Aquêlê era Rex. Quis matar-me.

Ela voltou-se surpreendida.

— Mas, nesse caso, quem é o senhor?

— George Kelby, marquesa. George Kelby, da
 iland Yard.

— Oh!

— A senhora foi muito ingênua em pensar que
 anúncio como aquêlê não seria notado pela polícia. M
 mesmo que é uma criminosa amadora. De qualquer
 neira, agora que é esposa de um inglês, está salva,
 Kelby... Vamos ao nosso almôço de núpcias?

Ela olhou-o ainda surpreendida, mal refeita do ch

— Mas...

— Nem mas, nem meio mas. Obedeça a seu m
 madame. Ele a protegerá.

Se Lady Branton soubesse do que acontecera,

— Eu bem disse... Ele foi brincar com fogo e s
 casado.

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interess
 dos que não está mais em vigor
 autorização conferida ao sr. Olim
 pio de Lucena Montenegro po
 obter matéria destinada a esta
 vista.

Rua Maranguape, 15 — Rio

A Administração.

HEMORRHOIDAS? tome
 Lic. 3518-14-3 925 DMS P
 ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E LOJAS DE MEDICAMENTOS
Pílulas de Herva de Richo
 GARANTIDAS! ÓPTIMAS! INFALLÍVEIS!

O Real Colegio de Cirurgiões da Inglaterra

(Continuação na pág. 47)

suir esse título todos os que aspirem a trabalhar nos principais hospitais. Os portadores do título ascendem a 2.600 e se acham em todos os pontos do globo. Desde 1900, conferiu-se a "colegiatura" honorária a um número limitado de pessoas, especialmente a cirurgiões de outros países.

O número de membros chega a 25.000. Para sua concessão, o Colégio age de acordo com o Real Colégio de Médicos de Londres, constituindo estes dois Colégios a maior organização expedidora de títulos no país.

Também são expedidos títulos especiais em saúde pública, oftalmologia, oto-rinolaringologia, psicologia médica, anestesia, medicina infantil, radiologia médica e medicina tropical. O Colégio é o corpo mais importante para concessão de títulos de odontólogo, que expede desde 1859. Até a segunda guerra mundial, o museu era o maior do mundo. Estava alojado em cinco salas e várias outras subsidiárias. Seu núcleo foi reunido em 1728 por John Hunter, fundador da cirurgia científica. Por sua morte, o Parlamento comprou a coleção e confiou-a ao Colégio, exatamente quando concedeu a este os créditos necessários de instalação. Em 1922, foi concedido novo crédito para a catalogação da relação de ferimentos ocasionados pela guerra de 1914-1918 e outras enfermidades. Estas foram as únicas ocasiões em que o Colégio recebeu ajuda oficial em matéria de dinheiro. A coleção Hunter sempre foi a base e inspiração do museu, e em torno dela se formou o enorme conjunto das outras coleções, que ostentava cerca de 66.000 exemplares. Cerca de 40.000, além de algumas instalações, foram destruídas pelos "raids" aéreos de 1940 e 1941. Em 1938, foram construídos os laboratórios de investigações do Colégio. O Colégio também administra uma biblioteca com mais de 110.000 volumes, particularmente valiosa por suas coleções de revistas de cirurgia e especialidades conexas.

O Colégio não possui uma escola de Medicina, mas exerce uma grande influência na educação médica, através da regulamentação dos exames e pelo assessoramento dado aos hospitais. O Colégio possui, no entanto, verdadeiros cursos de conferências, nos quais são utilizadas as coleções como material ilustrativo. Os cursos de conferências mais novos têm os nomes de cirurgiões como Lord Lister, Lord Moynihan e Sir Robert Jones. O Conselho administra vários legados destinados a custear as conferências, os prêmios, as bolsas de estudos. Também o Conselho nomeia representantes para atuar junto às Congregações Universitárias e Instituições médicas. Os Departamentos ministeriais costumam pedir parecer sobre os pontos que afetam a ciência e a arte da cirurgia. O Colégio trabalha em estreita harmonia com outras instituições médicas, especialmente com o Real Colégio de Médicos de Londres, o Real Colégio de Ginecologia e a Associação Médica Britânica. Está associado com a Ins-

tituição Imperial de Investigação em oftalmologia, de comum acordo com o Real Hospital Oftálmico. Dirige um Secretaria-

do conjunto para várias associações que representam as diferentes especialidades médicas e cirúrgicas.

Durante a segunda guerra mundial, o Colégio organizou uma Unidade Militar para transfusão de sangue, e dirigiu, com a cooperação do Exército, diversas investigações sobre problemas relacionados com as enfermidades das tropas. Em união com o Real Colégio de Médicos, compôs o Comitê para o recrutamento de médicos e praticantes. Dos membros do Conselho

dez foram nomeados cirurgiões assessores para as forças armadas; três como cirurgiões contra-almirantes, um como cirurgião capitão, três como maiores-generais, dois como brigadeiros, um como vice-marechal do ar e outro num posto civil. O Real Colégio de Cirurgiões sofreu perdas devastadoras pela ação inimiga, mas está preparando os planos de reconstrução e reorganização, decidido a oferecer ao país serviços dignos de suas antigas tradições e de sua atividade progressiva.

Até os CEGOS lêem...

esta Revista

internacional!



SIM, porque Reader's Digest, ao par de suas diversas edições em idiomas diferentes, publica uma edição inglesa pelo método Braille, para que também os cegos possam gozar da leitura agradável e instrutiva que fizeram de Reader's Digest a revista mais lida em todo o mundo.

Leia, também, "Seleções"

E você poderá constatar a razão desta preferência universal, lendo "Seleções", a edição portuguesa de Reader's Digest! Nela encontrará, em estilo simples e ameno, a con-

densação de artigos e livros que só poderiam ser conhecidos por quem soubesse várias línguas e dispusesse de tempo e fortuna para ler, mensalmente, centenas de revistas.

Em suas páginas figuram, constantemente, trabalhos de grandes autores, como Alex Carrell, André Maurois, Steinbeck, A. J. Cronin, e tantos outros.

Esteja em dia com o mundo, lendo "Seleções" - uma leitura instrutiva e interessante, para toda a sua família.



SELEÇÕES é lida pelas pessoas bem informadas, em todo o mundo!



Lin Yutang, consagrado escritor chinês, declara: "Seleções desperta no leitor uma viva curiosidade, que o faz consciente do mundo contemporâneo. E este estado mental se reflete em suas relações com os demais."



Adela Formosa do Obregón Santodíaz, Presidente da Universidade de Mulheres, do México, diz: "Por meio das páginas de Seleções, milhões de homens e mulheres de diversos países se compreendem e unem-se mais, diariamente."



Evo Curie, a eminente biógrafa, diz: "É um feliz augúrio que as edições internacionais de Seleções tenham sido recebidas tão entusiasmaticamente e faço votos que, breve, sejam lidas em todas as principais línguas do universo."



Shukri Bay el Quwaili, Presidente da República da Síria, afirma: "É natural que, no mundo moderno, nenhuma nação possa viver em completo isolamento intelectual. Seleções é como um elo de mútua compreensão entre os povos."

Senhoras!
 Se a
 Natureza Falha
MENAGOL
 REGULA!

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE
DA SAÚDE
À BOCA!

Um sorriso saudável é o resultado da saúde geral do organismo. Um centímetro de Kolynos na escova seca lhe proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausência de água na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica atinge todos os recantos da boca, as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

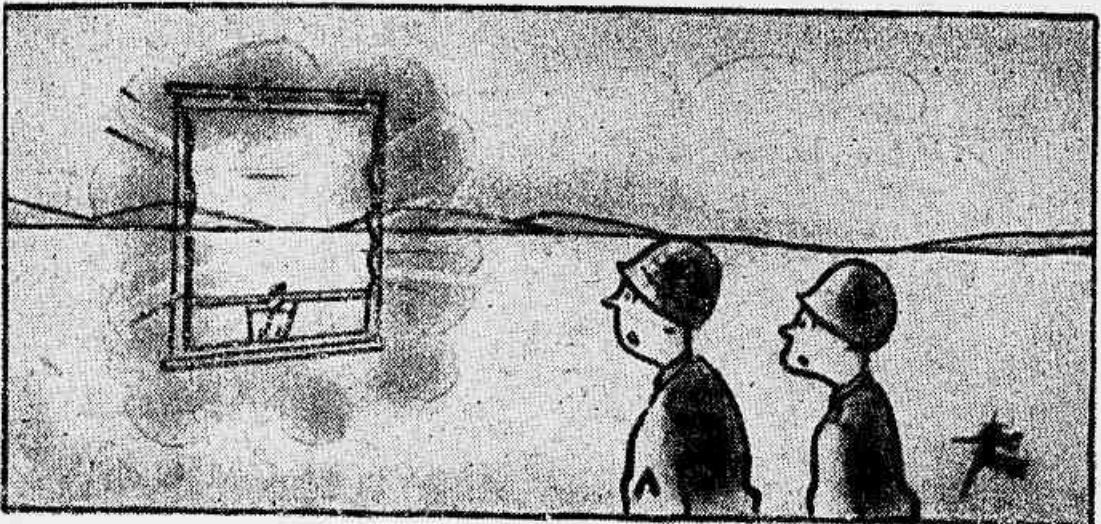
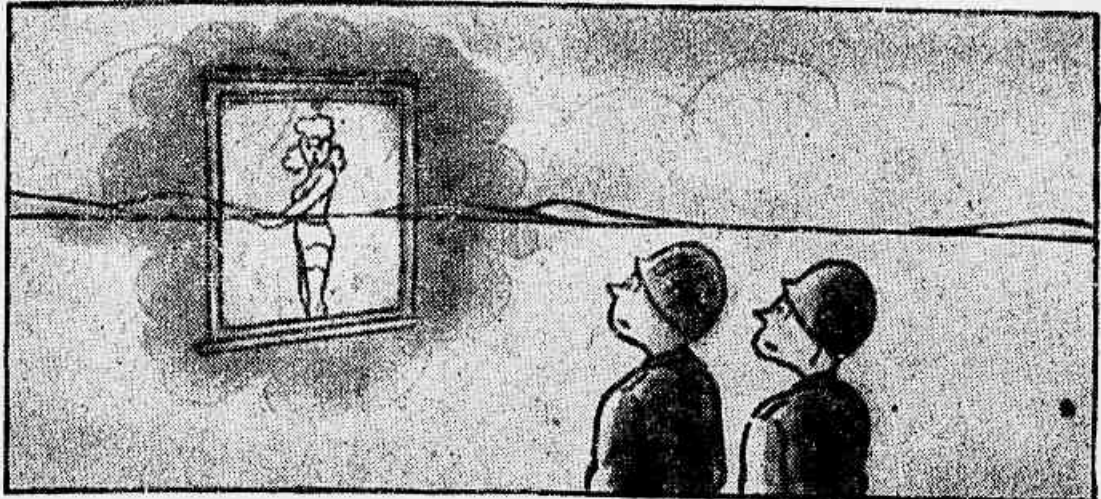
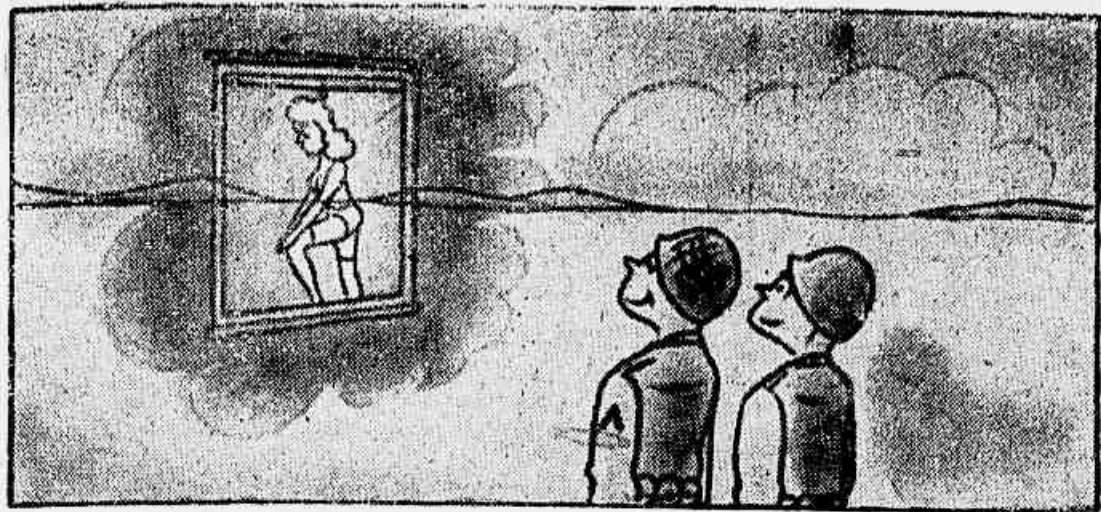
Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ILUMINE seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.^{as} feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque "Kolynos".



Miragem no deserto...

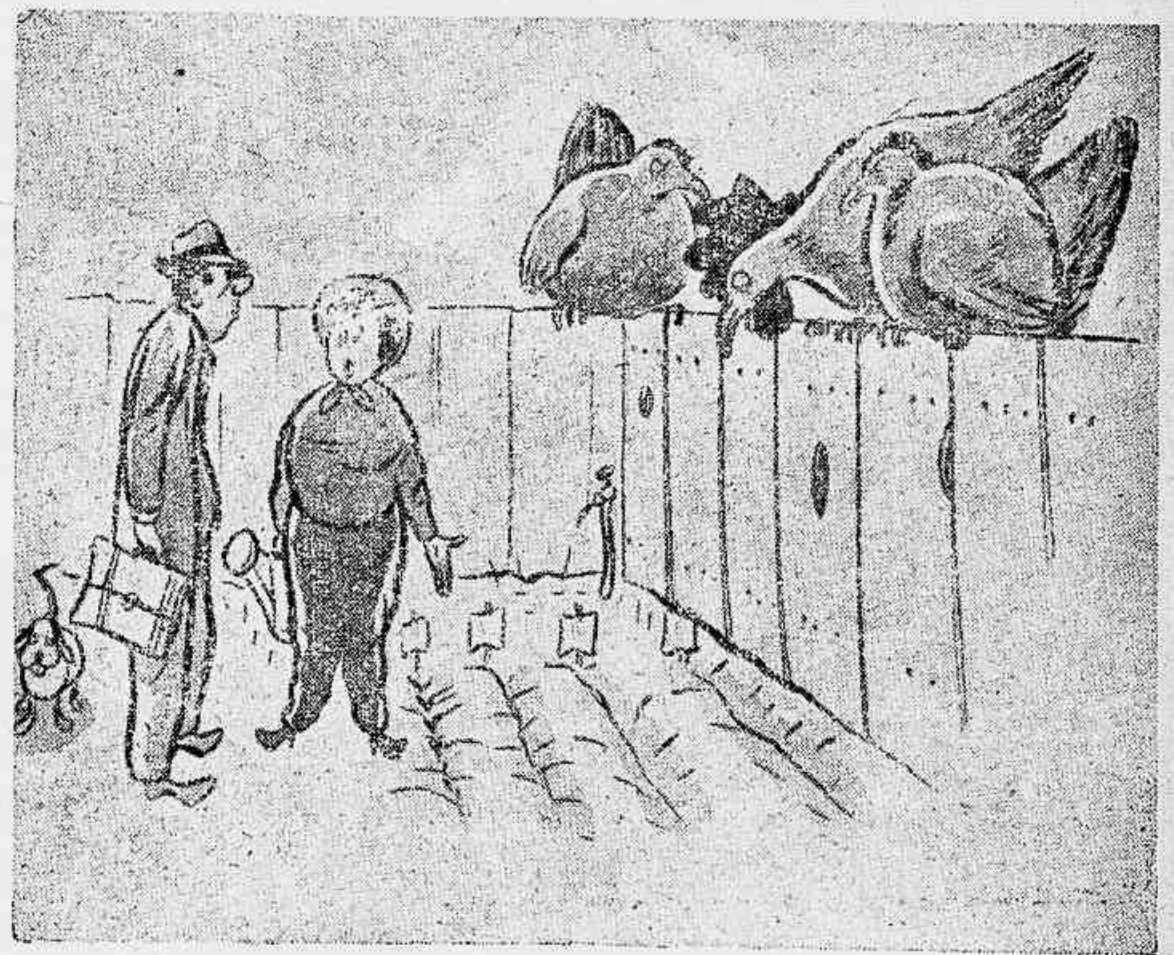
De bom humor



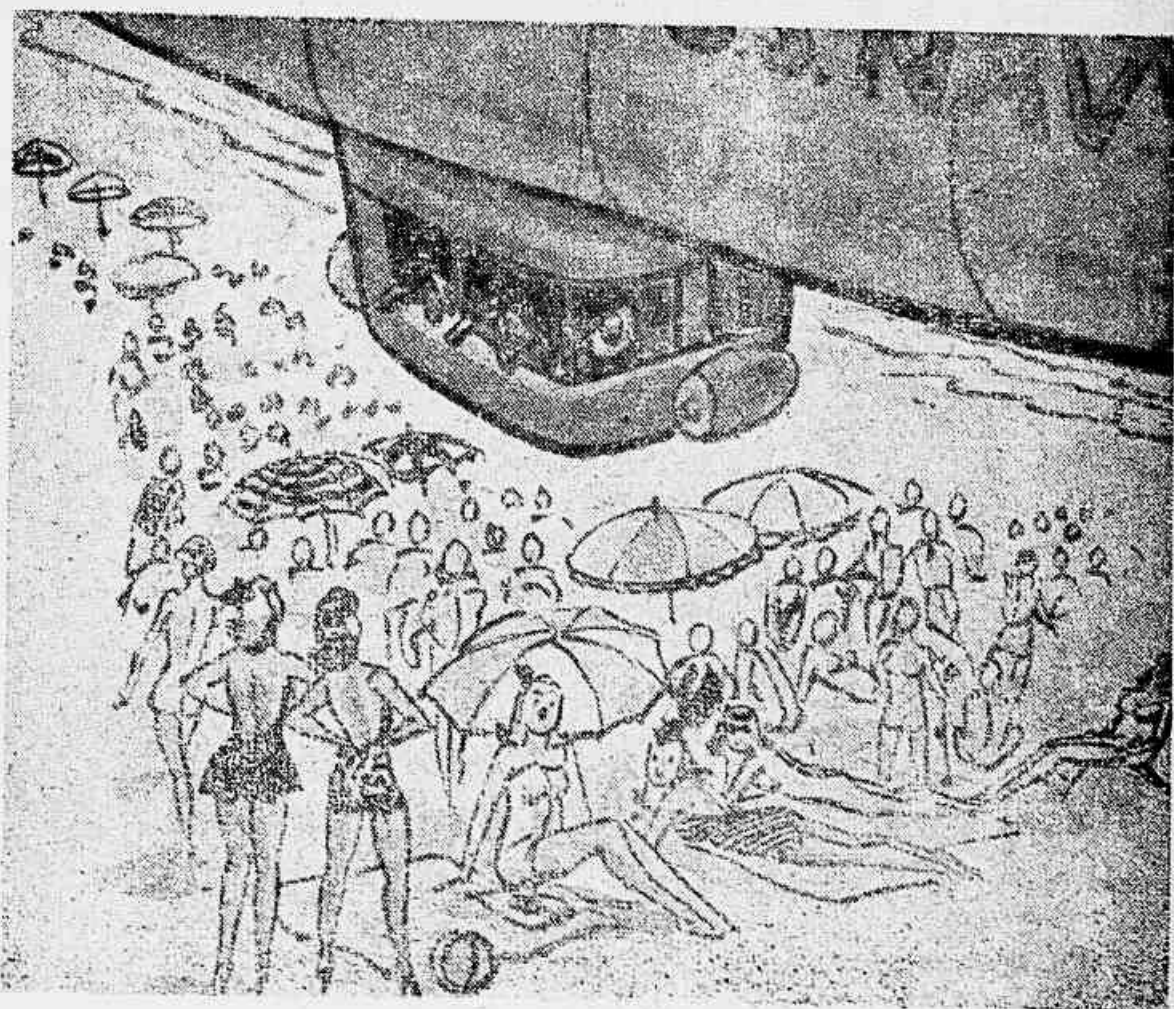
— O pintor roubado faz este retrato do gatuno para nós o reconhecermos...



— O PRIMEIRO !



— A sua vitamina B não presta para nada. Plantei-a aqui e não nasceu nada...



— Menino! Que lugar bom para procurar submarinos!

SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"



**COMBATA O SEU
"INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM :**

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza *eficiente e segura*.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosa acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca *uma sensação agradável de limpeza e frescura*.

Você tem um "inimigo invisível"

Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana. E a acidez bucal, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes. A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal. Para isso, você necessita do dentifício adequado. O Creme Dental Squibb é esse

dentifício adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentifício. Consulte-o sobre as qualidades do



**CREME DENTAL
SQUIBB**

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual reanima dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se á venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGÉSILO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25.00 o Vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 8 — RIO DE JANEIRO

LINDO MODELO



A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. Tônico Oriental, singularmente perfumado, nutre os filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita a queda e dá brilho, vigor e maciez aos cabelos.



*Suas pratas
espelham
sua personalidade!*



Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Nanette Parks, da Columbia, com o seu plácido sorriso, aqui está numa singela e interessante "toilette" em linho verde, adornada com renda grossa em tom ocre.

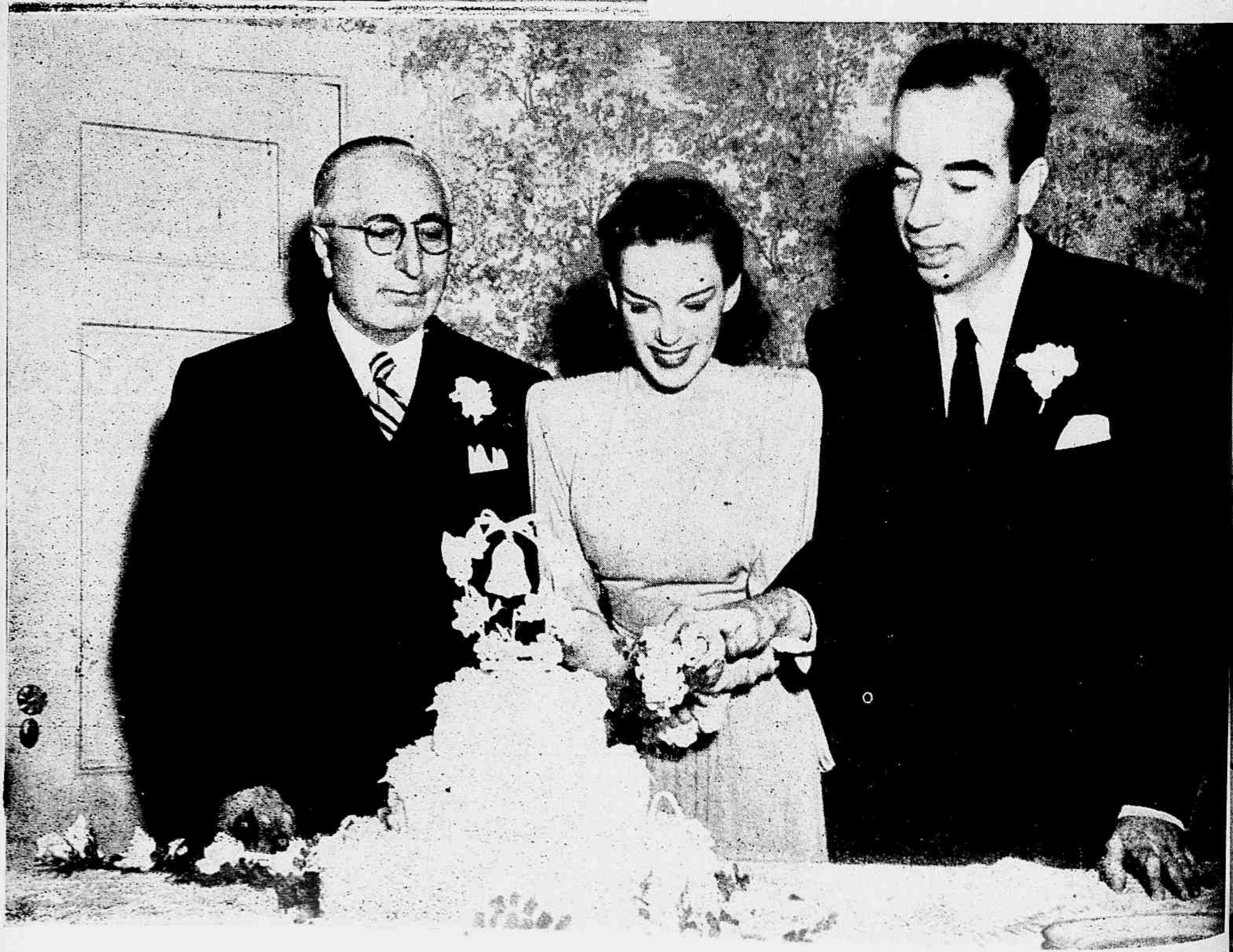
O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



A Revista em Hollywood

Hollywood, agosto. (Via aérea, por Luiz Serrano, correspondente da REVISTA DA SEMANA) — O casamento de Judy Garland, embora tendo se realizado há algumas semanas atrás, é ainda um dos acontecimentos de sensação na cidade do cinema. Seu noivo, Vincent Minnelli, é um rapaz simpático e destrutendo de um grande círculo de relações em Hollywood. Aqui oferecemos aos leitores dois flagrantes da cerimônia. Ao alto, à esquerda, Judy Garland com a sua "toilette" de núpcias e um apanhado de flores, oferta de seus companheiros do estúdio. Em baixo, os noivos cortando o bôlo, tendo ao lado Louis B. Mayer, um dos diretores da Metro, e que foi o padrinho de Judy Garland. Ainda nesta página, ao alto, Hatty McDaniel, a famosa "estrela" "colored" que tanto se notabilizou desde "...e o vento levou", em animada palestra com o representante da REVISTA, informa estar satisfeita com o papel que vai ter em "Never say goodbye", filme estrelado por Errol Flynn, na Warner.





De novo Clark Gable nos domínios cinematográficos. Estes são os primeiros flagrantes do "astro" da Metro, desobrigado de sua valorosa missão militar, que já está em plena atividade estrelando o filme "This Straight Adventure", cuja protagonista será Greer Garson. Aqui estão, ao alto, Gable e Garson recebendo as primeiras instruções do diretor Victor Fleming. E, em baixo, uma pôse do ilustre casal de artistas. Finalmente, à direita, os fotógrafos batem novas chapas enquanto o diretor e os "astros" palestram à vontade. O reaparecimento de Clark Gable, ao lado da famosa criadora de "Rosa de Esperança", vai ser, sem dúvida, um dos grandes acontecimentos da próxima temporada.



Despropósitos...



PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Vegetais e açucaradas

I-A - PB 7

Longa Tradição
de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete de Reuter

I-A

SR-3

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém



— Tem coragem de aparecer assim?
— Ora! Hoje os panos para mangas são mangação...



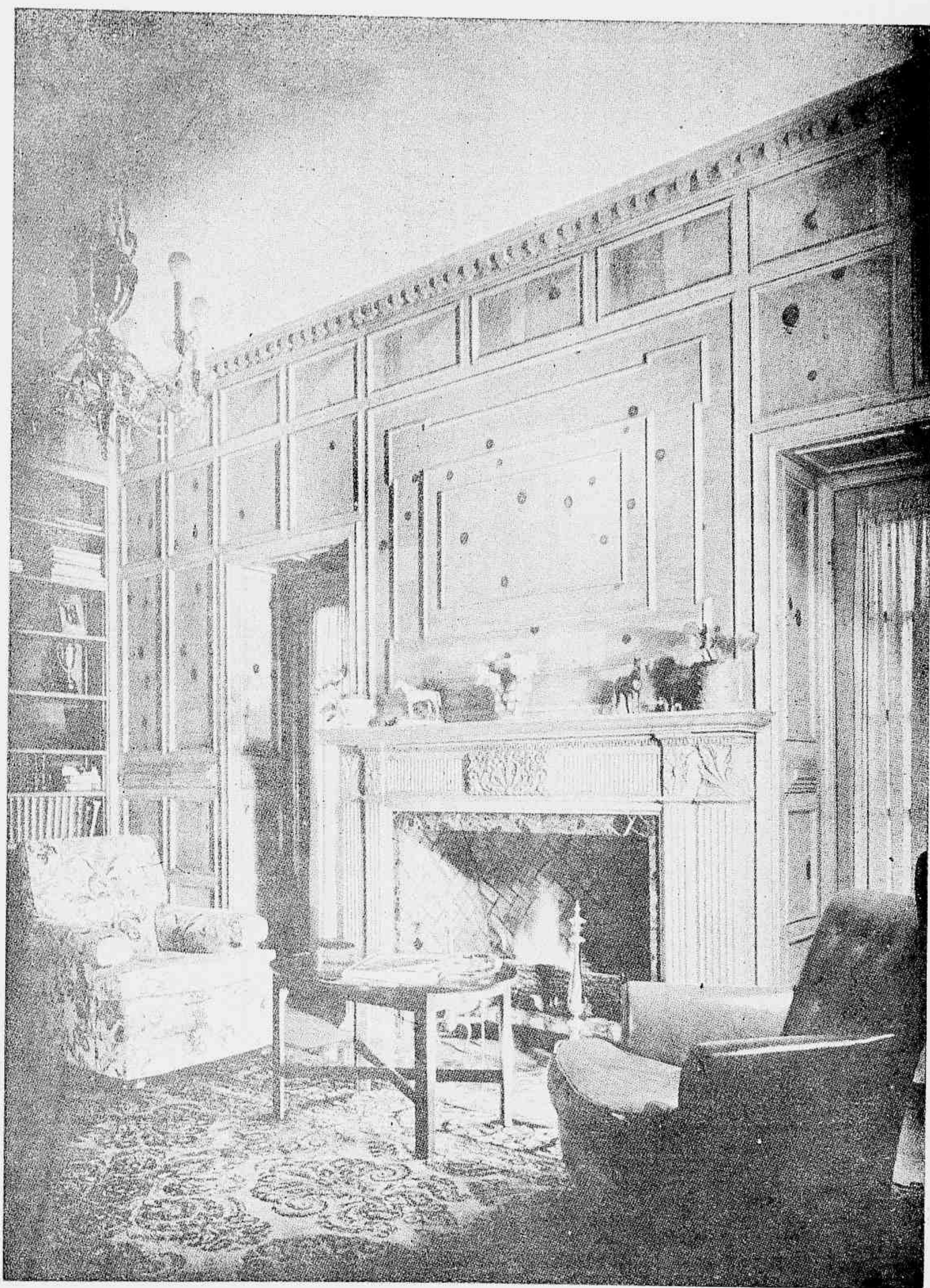
— Qual o programa de nosso partido político?
— Primeiro: a reforma de "nossa" constituição...



— Está vendo? E' pretensioso gabarola enfatuado.
— Bem se vê que ali acaba o tino...

Recanto de Biblioteca

Aí está um modelo de biblioteca, que pode ser aproveitado tanto para um palacete urbano como para uma casa de campo. As estantes são embutidas e ornamentadas com colunas finas de madeira negra torneada. Ao fundo uma lareira ornamental, semi-embutida, sobre cujo respaldo colocam-se "bibelots" ou pequenos objetos de arte. O mobiliário consta de duas amplas poltronas forradas de veludo listrado preto e branco, e de uma mesa baixa, que deve ser sempre colocada ao centro da peça.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ